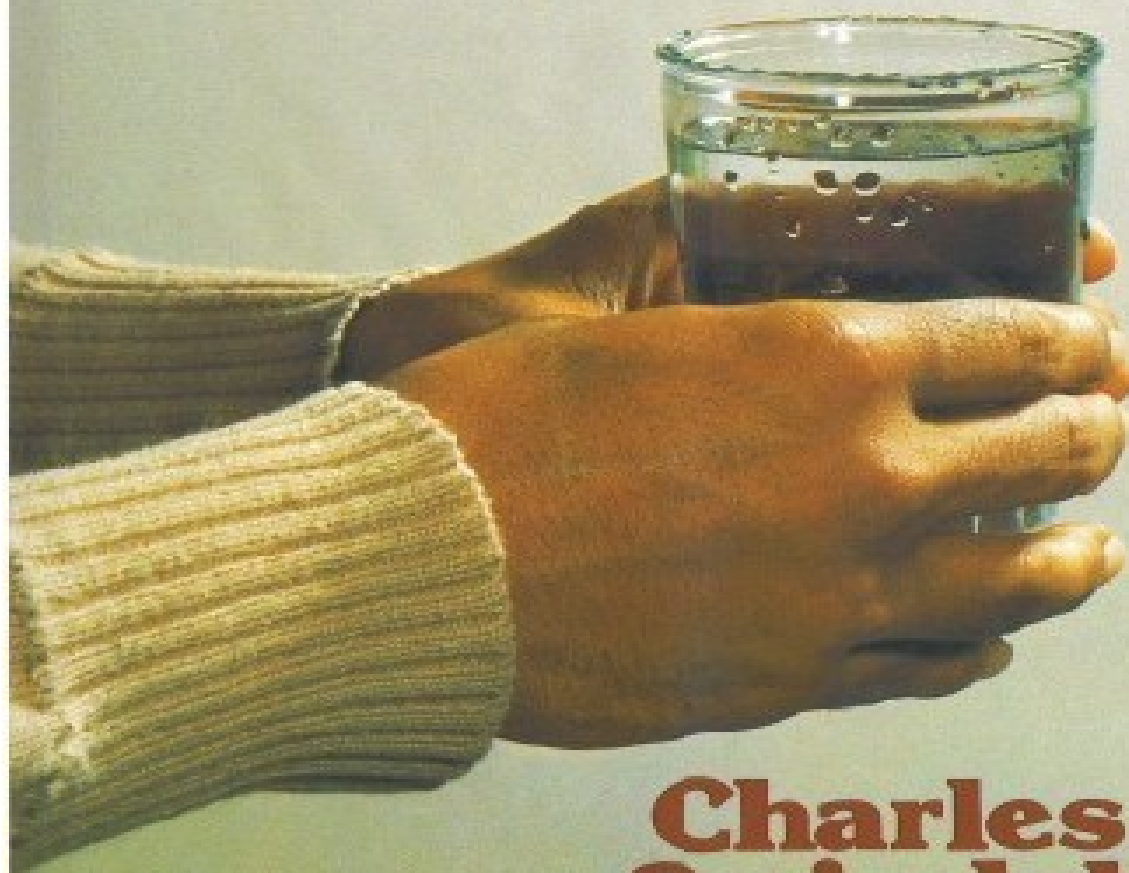


Eu, um servo?

**Você está
brincando!**



**Charles
Swindoll**

**Eu,
um
servo?**

**Você está
brincando!**

**Charles
Swindoll**

Talvez seja esta a sua reação. E não é só você que talvez pense assim. A maioria das pessoas acha que é muito difícil ser servo. Por isso, a motivação para ajudar, encorajar e servir o próximo está desaparecendo. Estamos perdendo a visão do altruísmo genuíno, que se preocupa com as necessidades alheias, com o bem-estar dos outros. No entanto, esse é um fator essencial para uma vida realizada e feliz. Este livro chegou para marcar sua vida cristã com um conceito bíblico vivo e revolucionário - o do autêntico serviço cristão. Lendo "Eu, um servo?" você vai descobrir: O que significa ser verdadeiramente servo; As bênçãos e recompensas desta posição; A poderosa

influência do servo; Os desafios e perigos que o servo enfrenta e muito mais. Esses ensinamentos certamente vão mudar sua maneira de pensar, e o ajudarão a experimentar uma vida cristã mais dinâmica e mais abençoada, vivendo na dimensão prática do servir autêntico.

Índice

Introdução

1. Quê? Eu, um servo? 'Cê' tá Brincando!

Autenticidade
Humildade Genuína
Sinceridade Absoluta

2. Em defesa do Altruísmo

A Perspectiva Certa
Uma Base Bíblica

3. O Servo Como Doador

Não Há Uma Vida Melhor?
Isso é Bíblico?

Quais os Elementos Básicos?

Como o Servo Deve Dar?
Quanto nos Custará Dar?
Mas, Afinal, Vale a Pena?

4. O Servo Como Perdoador

O Perdão de Deus Para Nós
Nosso Perdão de uns Para os Outros
Como Aplicar na Prática

5. O Servo Como Aquele que Esquece

A Mente Poderá Esquecer?
Um Exame Detalhado do que é Esquecer
Um Desafio: Duas Perguntas

6. Tendo Uma Mente de Servo

Não se Trata de Uma Escravidão Pela Mente
É Essencial Ter Uma “Mente Renovada”
O Pensamento Geral do Mundo de Hoje
Barreiras à Voz de Deus
A Capacidade Sobrenatural da “Mente Renovada”
A Condição de Servo Começa na Mente

7. Retrato de um Servo – Primeira Parte

A Ordem de Jesus: “Seja Diferente!”
As Bem-aventuranças: Três Observações
Uma Análise de Quatro Bem-Aventuranças
Resumo Geral e Perguntas
8. Retrato de um Servo – Segunda Parte
Análise de Mais Quatro Qualidades
Um Último Olhar ao Retrato

9. A Influência de um Servo
O Guardião das Águas
Uma Análise Crítica de Nossos Dias
Influências Indispensáveis Para o Bem
Nossa Reação a Essa Responsabilidade

10. Perigos Para o Servo
Algumas Idéias Erradas
Um Exemplo Clássico
Algumas Lições que Permanecem
Qual é a sua Motivação?

11. A Obediência do Servo
A Autodescrição de Jesus
Ilustração da Autodescrição de Jesus
Apropriando-se das Instruções de Cristo

12. As Consequências do Servir
Uma Apreciação Real do Servir
O Lado Sombrio do Servir
As Consequências do Servir e a Vida Diária
Sugestões Para Suportar as Consequências do Servir

13. As Recompensas do Servo
O Galardão na bíblia
As Promessas de Deus aos Servos
Incentivo aos Servos

Conclusão

INTRODUÇÃO

Faz mais de dois anos tenho estado intrigado com certo versículo bíblico, encontrado no relato da vida de Jesus, feito por Marcos. E várias vezes ele me tem inquietado, deixando-me com forte senso de culpa. Em outras ocasiões, ele me tem estimulado. Nos momentos em que me utilizo dele para fazer uma avaliação da obra de liderança, tenho ficado ao mesmo tempo surpreso e espantado. Na maioria dos casos, a verdade nele contida se faz notar pela ausência, mais que pela presença. E mesmo aqueles que deveriam demonstrá-la mais – a comunidade cristã – não é difícil perceber que raramente o fazem.

Que verso é este? Marcos 10.45: “Pois o próprio Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos.”

Que verdade é essa a que nos referimos? O que significa ser verdadeiramente servo.

Leia o verso mais uma vez, em voz alta. Quando Jesus se interessou em explicar a razão de sua vinda para o nosso meio, fê-lo de forma simples e direta: servir e dar. Não ser servido; não colocar-se sob os holofotes, no picadeiro central. Não veio para ser famoso, nem conquistar a atenção do mundo, nem se tornar conhecido, importante, popular, nem ser um ídolo. Não; e para falar a verdade, esse tipo de coisa o repugnava. No primeiro século, foi enorme o número de gente assim, de dogmáticos de opinião forte. Indivíduos autoritários eram encontrados às dúzias (sempre o são, não é?). Havia os cézares, os Herodes, os governadores e outros figurões pomposos. Gente como os fariseus, saduceus e escribas – com os quais Jesus “cruzou lanças” algumas vezes – chegavam ao ponto de se utilizarem da religião para controlar a vida dos outros. Mas servos? Quero dizer, um servo autêntico, que se dedicasse sinceramente ao serviço de outros, sem se preocupar com a questão de quem iria receber os louros? Não se encontrava um.

Mas antes que comecemos a apontar o dedo e a criticar o mundo romano pela sua arrogância e orgulho próprio, nós também, aqui na década de 80, temos alguns acertos a fazer. E foi essa espantosa revelação, há cerca de dois anos atrás, que me fez parar onde estava e começar a pensar muito sobre o que é servir. Não que nunca tivesse ouvido essa palavra ou meditado nela vez por outra... mas a verdade é que nunca fizera um esforço consciente para analisar o conceito de serviço, quer nas Escrituras, quer na prática do dia-a-dia. Não há dúvida de que eu não era um exemplo muito bom nessa área, tenho que reconhecê-lo, para vergonha minha. Para ser franco, isso ainda constitui uma luta para mim. Servir e dar não são gestos que brotam naturalmente de nós. Viver de modo altruísta é uma arte.

O que me resultou desses dois anos de busca e esforço tem sido uma grande bênção para mim, tanto que é difícil descrevê-lo com palavras. O dedo do Espírito de Deus foi-me mostrando passagens bíblicas uma após outra. Em seguida, ele me forneceu o entendimento delas com interpretações que se achavam totalmente acima de minha capacidade pessoal, e por último assistiu-me na tarefa de fazer a apropriação dos princípios que emergiam das páginas de seu Livro Santo, e a

aplicação deles à minha vida. Com notável regularidade, o Senhor fez incidir sua luz sobre certos aspectos de minha vida, que se achavam obscurecidos ou em total escuridão, durante todo o período de minha vida cristã, iluminando meu pensamento nessas questões. E dessa forma foram removidos grandes tapumes que impediam minha visão e meu crescimento espiritual. O desconhecimento foi substituído pelo discernimento. A idéia de ser servo passou a tornar-se um conceito muito belo, e até mesmo essencial, em vez de um pensamento temível e estranho. Não apenas o queria para mim (e esse processo ainda está-se desenvolvendo), mas também desejava partilhar com outros o que Deus estava-me revelando.

E fiz exatamente isso. Todos os domingos, fielmente, abria meu coração para minha igreja, uma congregação receptiva e dócil ao ensino, a melhor que um pastor poderia desejar. E a série de mensagens foi aumentando, e passou do púlpito da Primeira Igreja Evangélica Livre, em Fullerton, Califórnia, para nossos amigos que nos ouvem pelo rádio, diariamente, em nosso programa “Discernimento Para a Vida”. Além disso, tenho feito palestras sobre o assunto em escolas evangélicas, seminários, banquetes e outros tipos de reunião em igrejas, campanhas radiofônicas e em conferências. Quase sem exceção, as pessoas que me ouviram aconselharam-me a escrever um livro, colocando em letra de forma essas considerações sobre o assunto.

Quando ainda debatia comigo mesmo essa decisão, Floyd Thatcher, vice-presidente e diretor da área redatorial da “Word Books”, revelou forte interesse pela matéria, e convidou-me a publicar esses capítulos que aí vão. Quero expressar aqui minha gratidão a Floyd por seu desejo e determinação de transformar este sonho e realidade. Seu entusiasmo contagiante foi como uma pedrinha de isqueiro, sempre soltando a fagulha de que eu precisava, para me dedicar à tarefa de colocar as idéias em forma impressa.

E para você, leitor, quero acrescentar um comentário final. Esse livro é para ser aplicado à vida. Não é preciso que tenha uma inteligência brilhante, ou seja, muito capacitado para que essas verdades se concretizem em sua vida. Mas é essencial que esteja disposto. Para que essas lições aqui gravadas em tinta possam, primeiro, transferir-se para sua mente, e depois para o seu viver, exercendo neles uma grande transformação, é necessário antes que você tenha um espírito voluntário que diga: “Senhor, mostra-me... ensina-me... ajuda-me... a servir e a dar.” Se você assumir essa atitude, o processo pelo qual se tornará mais semelhante a Cristo terá um fluir mais suave, mais rápido e bem menos doloroso.

Charles R. Swindoll
Fullerton, Califórnia

1
QUÊ?
EU, UM SERVO?
'CÊ' TÁ BRINCANDO!

A idéia original de tornar-me servo parecia-me errada ou então esquisita. Hoje compreendo que a recusei porque meu conceito de servo era o de uma pessoa que se achava mais ou menos entre um escravo africano chamado Kunta Kintê, um personagem do livro Raízes, e os milhares de trabalhadores migrantes, que todos os anos, por ocasião da colheita, habitam nas plantações e pomares dos Estados Unidos. Ambos representavam para mim uma imagem de ignorância, de pessoas maltratada, da falta de dignidade humana; simbolizavam muitas coisas a que o cristianismo se opõe.

A imagem mental que fazia de um servo era-me totalmente repugnante. Vagando pela minha cabeça havia uma caricatura de uma figura patética, praticamente sem vontade e sem objetivo de vida, inclinada sobre o trabalho, espírito esmagado, sem qualquer auto-estima, suja, enrugada e cansada. Em suma, uma espécie de mula humana que dando um suspiro de resignação, vai-se arrastando penosamente pela vida. Não sei por que, mas essa era a imagem que fazia toda a vez que ouvia a palavra servo. E, sinceramente, a idéia me aborrecia.

E meu aborrecimento era acrescido de um sentimento de confusão, quando ouvia alguém (principalmente pregadores) associando dois termos: servo e líder. As duas coisas me pareciam tão opostas quanto luz e trevas, um exemplo claro de um prego redondo num orifício quadrado. Lembro-me claramente de que, naquela época, pensava: "Quê? Eu, um servo? 'Cê' tá brincando!"

E talvez esta seja também a primeira reação do leitor. E se for, compreendo perfeitamente. Mas você vai ter uma agradável surpresa. Tenho uma notícia maravilhosa para você, com base numa informação muito valiosa, e que, se for aplicada, transformará sua mente e toda a sua vida. Alegro-me só de pensar em como Deus poderá usar as palavras deste livro para ensinar-lhe (como me ensinou) a verdade a respeito do verdadeiro servir. E como precisamos melhorar nosso serviço cristão!

Faz alguns anos, li a respeito de uma fascinante experiência, levada a efeito pelo

Instituto Nacional de Saúde Mental, dos Estados Unidos. Ela teve lugar numa gaiola de cerca de três metros quadrados, projetada para abrigar, confortavelmente, cento e sessenta camundongos. Ali foram colocados oito animais, que em dois anos e meio se multiplicaram para 2200. À medida que se processava o experimento, eram colocados ali também água, alimento e outros recursos necessários, em quantidade suficiente para todos. Todos os fatores de mortalidade (com exceção do envelhecimento) foram eliminados. O Dr. John Calhoun, psicólogo pesquisador, começou a observar entre os camundongos uma série de fenômenos estranhos que iam-se sucedendo à medida em que o número deles atingia o máximo. Ali, dentro daquela gaiola, da qual não podiam escapar, a colônia começou a apresentar sinais de desintegração.

Os animais adultos formavam grupos coesos, nos quais havia mais ou menos doze ratos. Nesses grupos, diversos ratos exerciam determinadas funções sociais. Os machos, que normalmente protegiam ciosamente seu território, desistiram dessa posição de liderança, tomando uma atitude passiva, que não lhes era característica. As fêmeas tornaram-se estranhamente agressivas, procurando expulsar os filhotes. Os filhotes pareciam não ter lugar naquela comunidade, e foram-se tornando mais e mais auto-indugentes. Eles se alimentavam, bebiam, dormiam e se “limpavam” da forma normal, mas não revelavam uma agressividade natural.

Toda aquela “sociedade de ratos”, por fim, tornou-se confusa, sem coesão... e, ao fim de cinco anos, todos eles haviam morrido, embora houvesse ali abundância de alimento, água e outros recursos e não existissem doenças entre eles.

O que os observadores acharam mais interessante foi o forte senso de independência, o excessivo isolamento dos ratos. Isso ficou muito claro, porque o “namoro” e acasalamento – que era a atividade mais complexa desses animais – foram as primeiras a serem interrompidas. E isso está acontecendo. Nosso mundo está-se tornando uma instituição imensa, impessoal e movimentada. Estamos dissociados uns dos outros. Embora vivamos num mundo lotado, estamos sozinhos, distantes. Aproximados por força das circunstâncias, mas desinteressados. Os vizinhos não tem mais longas conversas junto à cerca do quintal. Nossos gramados, à frente das casas funcionam como modernos fossos, que impedem a aproximação de invasores bárbaros. Arrogância e distanciamento tomaram o lugar do interesse e intercâmbio que havia antes. Parece que estamos ocupando um espaço comum, mas não temos interesses comuns. É como se estivéssemos num elevador, regido por regras mais ou menos assim: “É expressamente proibido conversar, sorrir, olhar-se diretamente nos olhos, a não ser com permissão do ascensorista.”

Embora seja penoso para nós ter de admitir isso, aqui neste grande país, estamos perdendo contato uns com os outros. Nossos impulsos de auxiliar, incentivar, sim, de servir ao próximo estão-se desvanecendo. Tem havido casos de pessoas que presenciam um crime, mas se recusam a prestar qualquer socorro à vítima, por temerem se comprometer de uma forma ou de outra. Até mesmo nossos valores fundamentais estão-se diluindo, nesses dias confusos em que vivemos. E no entanto, são essas coisas que constituem a essência de uma vida feliz e realizada. Lembram-se daquela grandiosa declaração bíblica de segurança gravada na rocha

de Romanos 8? Refiro-me aos versículos 28 e 29: “Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito. Porquanto aos que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos.”

É possível que nunca tenhamos parado para considerar o fato de que Deus tem apenas um grande objetivo para a vida de todo o seu povo: conformar-nos à imagem de seu Filho. É hora de soprarmos a poeira que se acumulou sobre este propósito eterno, agora que nossa “gaiola” está superlotada e estamos nos distanciando cada vez mais uns dos outros.

Mas o que é exatamente que o Pai celeste deseja criar em nosso interior? O que é essa “imagem de seu Filho?” Pois bem, em vez de nos afundarmos até o pescoço em mares teológicos, acredito que a resposta se encontra nas palavras do próprio Cristo e é uma resposta bem simples.

“Pois o próprio Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos.” (Mc 10.45)

Nada de muito palavreado. Apenas uma afirmação direta. Ele veio para servir e dar. Então tem lógica afirmarmos que ele deseja o mesmo de nós. Depois de haver-nos feito membros de sua família, por meio da fé em seu Filho, Deus pretende formar em nós a mesma qualidade de sua vida que tornou Jesus diferente de todos os outros homens de seus dias. Ele está empenhado em formar no seu povo a mesma disposição de servir e dar, que caracterizava o seu Filho.

Nada é mais alentador do que ver um coração de servo e um espírito dadivoso, principalmente quando os vemos numa pessoa que muitos considerariam uma celebridade. Há alguns anos, eu e minha esposa fomos assistir à convenção nacional dos comunicadores (de rádio e televisão) evangélicos, realizado em Washington D.C. Um dos principais preletores era o Coronel James B. Irwin, antigo astronauta, que fez parte da primeira equipe que andou na lua. Ele falou da emoção que foi deixar o planeta e vê-lo ir diminuindo em tamanho. Mencionou o momento em que ficou a assistir ao “nascimento” da terra... e pensando no enorme privilégio de participar daquela equipe de astronautas. E quando já voltavam para a terra, começara a pensar que muitos iriam considerá-lo um “superastro”, uma celebridade internacional.

Sentindo seu verdadeiro lugar diante da grandiosa bondade de Deus, Irwin revelou ali seus sentimentos, ais ou menos nos seguintes termos: “Quando voltava para a terra, compreendi que era um servo – e não uma celebridade. Por isso agora me encontro aqui como um servo de Deus neste planeta terra, para falar do que vivi, a fim de que outros possam conhecer a glória de Deus.”

Deus permitira a esse homem desprender-se dessa pequenina gaiola, a que chamamos de “Terra”, e nessa oportunidade revelou-lhe uma lição básica que todos nós faríamos muito bem se aprendêssemos: servo, não celebridade. Estando como estamos, presos à rotina constante da vida veloz desse século XX – correndo de um aeroporto para outro, procurando cumprir nossos compromissos, tendo a responsabilidade de tomar decisões importantes, e tendo que fazer frente às

pressões que nos são impostas pelas expectativas dos outros a nosso respeito e às nossa próprias – é fácil perder de vista nosso objetivo básico, o de ser cristão, não é? Até mesmo uma senhora ocupada, com filhinhos pequenos, enfrenta este problema. Montes de roupa para passar, e as intermináveis atenções exigidas pelo marido e filhos bloqueiam sua visão do quadro principal.

E se o leitor é mais ou menos como eu, já deve ter pensado: “Eu daria tudo para ter vivido no tempo em que Jesus andou sobre a terra. Como deve ter sido maravilhoso sentar ali, como um dos doze apóstolos, e ‘beber’ todas aquelas verdades que ele ensinou. Eles devem ter aprendido bem a servir, a dar de si mesmo.” Certo? Errado!

Permitam-me voltar por uns instantes a uma das muitas cenas que demonstravam como aqueles homens eram pessoas como nós. Refiro-me a uma ocasião em que a popularidade do Senhor se achava em ascensão... o conhecimento de seu reino se expandia... e os discípulos começaram a preocupar-se em serem reconhecidos como membros de seu seletto grupo.

E o aspecto mais interessante deste relato é a presença ali da mãe da mãe de dois dos discípulos. É a mãe de Tiago e João. Vamos examinar o pedido dela:

“Então se chegou a ele a mulher de Zebedeu, com seus filhos e, adorando-o, pediu-lhe um favor. Perguntou-lhe ele: Que queres? Ela respondeu: Manda que, no teu reino, estes meus dois filhos se assentem, um à tua direita, e o outro à tua esquerda.” (Mt 20:20-21)

Não sejamos muito severos com essa prezada mãe judia. Ela tem muito orgulho dos filhos. Já vinha pensando em fazer este pedido havia algum tempo. Provavelmente, suas intenções eram boas, e talvez estivesse vendo as coisas da maneira certa. Ela não pediu que os filhos ocupassem a posição central. Lógico que não. Esse lugar pertencia a Jesus. Mas, como qualquer boa mãe, que procura aproveitar as oportunidades que surgem na vida para se obter uma boa promoção, ela apresentou Tiago e João como candidatos às posições de números 2 e 3. Queria que as pessoas tivessem em alta conta aqueles seus dois filhos, que haviam deixado suas redes e entrado nesse ministério promissor. Eles estavam entre “os doze”. E isso merecia um reconhecimento público! Caso o leitor esteja-se indagando como os outros reagiram a este pedido, leia o verso 24. Ali diz que “os dez indignaram-se”. Sabe por quê? De modo algum iriam ceder aquelas posições de honra, assim sem resistência. Ficaram irritados ao pensar na possibilidade de Tiago e João receberem a glória que eles desejavam. E você, já passou por isso?

Com firme convicção, Jesus respondeu ao pedido da mãe com um comentário muito grave: “Não sabeis o que pedis...” (v.22). Isso deve ter doído! Ela achava que o sabia. Fascinada como estava por aquele seu mundo de soldados cheios de medalhas, de imperadores com coroas cravejadas de pedras, governadores atendidos por escravos, e até de mercadores com tantos empregados... seria mais que apropriado que seus dois filhos tivessem seus tronos, principalmente porque eram membros importantes do movimento divino, que em breve seria reino. Um governante tem que ter seu trono!

Não. Este movimento é diferente. Jesus chama seus discípulos à parte e lhe explica

o contraste marcante que há entre a sua filosofia e a do mundo em que viviam. Leiamos suas palavras lenta e atentamente:

“Então Jesus, chamando-os para junto de si, disse: Bem sabeis que pelos príncipes dos gentios são estes dominados, e que os grandes exercem autoridade sobre eles. Não será assim entre vós; mas todo aquele que quiser entre vós fazer-se grande seja vosso serviçal; E, qualquer que entre vós quiser ser o primeiro, seja vosso servo; Bem como o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir, e para dar a sua vida em resgate de muitos.” (Mt 20:25-28)

No sistema do mundo, existem diversos níveis de autoridade. Isso acontece hoje; não há dúvida. No governo, temos o presidente, seu ministério, e também um amplo corpo de pessoas selecionadas, as quais gozam de certos privilégios inacessíveis ao cidadão comum. No plano militar, temos oficiais e soldados... e cada um desses grupos tem suas subdivisões. Nos esportes, existem os jogadores e os técnicos. No mundo dos negócios, temos os diretores de grandes companhias, e vários graus de autoridade entre os gerentes e o pessoal, chefes de repartição, encarregados e operários. Os empregados têm que bater cartão, chegar à hora, trabalhar muito, e não procurar se aproveitar do patrão. Aqueles que resolvem não se submeter a essas instruções são conhecidos por um nome: desempregados. Por quê? Porque quem manda é o patrão. E é dessa maneira que funciona esse sistema. É como Jesus explicou: “Os maioraís exercem autoridade sobre eles”. E em seguida acrescenta: “Não é assim entre vós” (grifo nosso). O que não é assim? Na família de Deus, só existe um grande grupo de indivíduos: servos. Aliás, esse é o modo de se chegar o ápice no Reino dele. “... e quem quiser ser o primeiro entre vós, será vosso servo.” Palavras esquecidas. É. Essas palavras parecem estar esquecidas até mesmo em muitas igrejas, com seus pastores de finíssima educação, seus executivos de alta posição e cantores que são verdadeiros “astros”. Infelizmente, parece que não existe a mentalidade de servo em tais ambientes. Mesmo em nossa atividade cristã, nossa tendência é nos deixar envolver nessa corrida para o sucesso e para posições melhores, e assim perdemos de vista nossa condição básica de seguidores de Cristo. A síndrome do celebrismo, tão presente em nossas idéias cristãs e em nossas atividades, simplesmente não combina com as atitudes e mensagens de Jesus. Adotamos um padrão de comportamento no qual as celebridades e os indivíduos mais importantes das igrejas acostumaram-se a dar as ordens, e é difícil ser servo, quando estamos sempre dizendo aos outros o que fazer.

Deixe-me explicar melhor o que quero dizer. No Corpo de Cristo só existe uma cabeça. Jesus Cristo é Senhor de seu corpo.

“O qual é imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação; Porque nele foram criadas todas as coisas que há nos céus e na terra, visíveis e invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades. Tudo foi criado por ele e para ele. E ele é antes de todas as coisas, e todas as coisas subsistem por ele. E ele é a cabeça do corpo, da igreja; é o princípio e o primogênito dentre os mortos, para que em tudo tenha a preeminência.” (Cl 1:15-

18)

Nenhum ser humano pode ter a ousadia de ocupar essa posição. Um homem de nome Diótrefes, que João menciona em sua terceira carta, tentou fazer isso e foi abertamente repreendido pelo apóstolo. Ele se tornou um exemplo para todo aquele que desejar tornar-se o “chefe da igreja”. Pode ser um membro de uma comissão, um pastor, um professor, um músico, ou um antigo líder ou pastor. Seja quem for, essa mentalidade de Diótrefes não tem lugar no Corpo. Só Cristo é a cabeça. Todos os outros, nós todos, achamo-nos incluídos no grupo de que Jesus falou em Mateus 20... servos.

Mas é provável que o leitor esteja dizendo:

- Mas é necessário haver liderança na igreja, para que a obra seja realizada.

É; concordo. Mas há de ser uma liderança com espírito de servir a todos. Sabe o que é? Não interessa muito que tipo de governo eclesiástico sua igreja adotou, desde que seja um em que todos os que se acham envolvidos no ministério (sejam eles líderes ou não) se vejam como pessoas que servem, que dão. O que realmente importa é a atitude.

Talvez o melhor disso, à exceção do próprio Cristo, seja o de um jovem judeu de Tarso, que se transformou radicalmente, passando de obstinado líder entre os judeus a servo de Jesus Cristo – Paulo. Que transformação notável, e que homem notável!

É bem possível que alguns tenham a idéia de que Paulo abriu seu caminho na vida, à força, como um navio de guerra corta as ondas no mar. Lutando e rompendo em direção aos seus objetivos, ele era importante demais para se preocupar com os menos importantes, ou com aqueles que atravessavam seu caminho. Final de contas, ele era Paulo. Devo confessar que essa imagem não é muito diferente da que fiz dele nos meus primeiros anos de crente. Para mim, ele era uma mistura de um John Wayne, um Clint Eastwood e um Hulk cristãos. Quero dizer, era um realizador.

Mas essa falsa imagem começou a se dissipar quando fiz um estudo aprofundado a respeito de Paulo – de seu estilo, suas descrições de si mesmo, e mesmo de seus comentários às várias igrejas às quais escreveu. Vim a descobrir que aquele homem que eu idealizava como sendo uma verdadeira prima-donna, considerava-se exatamente o contrário disso. Quase sem exceção, ele inicia sua correspondência com as palavras: “Paulo, servo de Jesus Cristo...”

E quanto mais eu meditava nessas palavras, mais elas me impressionavam. Esse homem, exatamente aquele que poderia esperar um tratamento preferencial e uma elevada posição de autoridade sobre os demais, muitas vezes referiu-se a si mesmo como “servo” de Deus. Espantoso! Na verdade ele era um apóstolo, mas se comportava e se conduzia como um servo.

Quanto mais eu pensava sobre esse particular, mais encontrava evidências bíblicas que o confirmavam. Aliás, tudo que aprendi sobre isso se encaixa em um dos três grupos de características do servo, que damos a seguir: autenticidade, humildade genuína e sinceridade absoluta.

AUTENTICIDADE

Vejamos as seguintes palavras de Paulo aos coríntios:

“E eu, irmãos, quando fui ter convosco, anunciando-vos o testemunho de Deus, não fui com sublimidade de palavras ou de sabedoria. Porque nada me propus saber entre vós, senão a Jesus Cristo, e este crucificado. E eu estive convosco em fraqueza, e em temor, e em grande tremor.” (I Co 2:1-3)

Mas alguém poderá responder:

- Que nada! Ele está apenas sendo modesto.

Não está não, se compararmos essas palavras com a opinião dos outros a respeito dele.

“Porque as suas cartas, dizem, são graves e fortes, mas a presença do corpo é fraca, e a palavra desprezível.” (II Co 10:10)

Isso é um choque para nós. Vemos aí que ele não era assim tão perfeito, afinal – e o que é melhor: não procurava esconder esse fato. Reconheceu abertamente perante os amigos de Corinto que era fraco, temeroso, e até tremera quando estivera diante deles. Admiro essa sinceridade dele. Todos admiram-na, quando essa atitude é genuína.

Faz algum tempo encontrei, não lembro mais onde, uma descrição bastante vivida do apóstolo Paulo: “... um homem de estatura mediana, cabelos crespos, pernas finas e abauladas, olhos saltados, sobrancelhas cheias, nariz comprido e lábios grossos.”

Puxa! Certamente ele não se parecia em nada com um de nossos ídolos populares de hoje. E sabemos com certeza que sofria muito com sua vista fraca (Gl 6:11), e ainda há quem diga que ele era corcunda.

Sem disfarçar nada de suas fraquezas humanas (leia Romanos 7, se você ainda insiste em acreditar que ele fosse sobre-humano), ele expõe abertamente sua verdadeira condição. Tinha problemas e reconhecia isso. Um servo age assim. Os aspectos de sua vida não eram todos perfeitamente controlados... e ele não escondia esse fato. Um servo é assim. Já podemos ver aí alguns dos aspectos positivos de se ter um coração de servo. Paulo reconheceu sua condição de ser humano falível.

HUMILDADE GENUÍNA

Voltemos, por uns instantes, à primeira carta aos coríntios. Ali Paulo reconhece também o seguinte:

“A minha palavra, e a minha pregação, não consistiram em palavras persuasivas de sabedoria humana, mas em demonstração de Espírito e de poder; Para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria dos homens, mas no poder de Deus.” (I Co 2:4-5)

Para um pregador, isso é uma declaração e tanto. Ele chega ali diante deles e afirma não apenas que não tem capacidade de persuasão, mas também a razão disso – que eles não se deixem levar pela capacidade dele, mas, sim, pelo poder de Deus. Aí está um aspecto bem autêntico da humildade de Paulo. E encontramos palavras semelhantes em seus escritos, várias e várias vezes. Estou convencido de que aqueles que foram por ele instruídos pessoalmente iam ficando cada vez menos impressionados com a pessoa dele, e mais admirados com o Cristo vivo.

Quando as pessoas seguem líderes muito cômicos de sua imagem própria, o exaltado aí é o homem. Ele é colocado num pedestal, e acaba tomando a posição de cabeça da igreja.

Quando as pessoas seguem líderes que têm coração de servo, o exaltado é Deus. Esses homens falam da pessoa de Deus, de seu poder, de sua obra, de seu nome, de sua palavra... tudo para a glória de Deus. Quero apresentar aqui, como sugestão, dois testes que ajudam a revelar a verdadeira humildade.

1. Quando confrontado, não demonstra espírito defensivo. Isso revela disposição de ser responsável por seus atos. A verdadeira humildade opera sobre uma base filosófica bastante simples: Nada a provar. Nada a perder.

2. Um desejo autêntico de servir aos outros. Estou-me referindo a uma consciência sensível e espontânea das necessidades dos outros. Um verdadeiro servo está sempre atento aos problemas que os outros estão enfrentando. Existe nele aquela humildade de espírito que está continuamente procurando meios de servir e de dar de si mesmo.

SINCERIDADE ABSOLUTA

Por último, vamos examinar uma outra característica do servo: integridade (sinceridade absoluta).

Lembra-se das palavras abaixo?

“Pelo que, tendo este ministério, assim como já alcançamos misericórdia, não desfalecemos; pelo contrário, rejeitamos as coisas ocultas, que são vergonhosas, não andando com astúcia, nem adulterando a palavra de Deus; mas, pela manifestação da verdade, nós nos recomendamos à consciência de todos os homens diante de Deus.” (II Co 4:1-2)

E destas?

“Porque a nossa exortação não foi com engano, nem com imundícia, nem com fraudulência; Mas, como fomos aprovados de Deus para que o evangelho nos fosse confiado, assim falamos, não como para agradar aos homens, mas a Deus, que prova os nossos corações.” (I Ts 2:3-4)

Realmente quase não é preciso acrescentar mais nada. A sinceridade traz consigo uma bela e reconfortante simplicidade... o que acontece também com os

verdadeiros servos de Deus. Nada de segundas intenções. Nada de intuitos ocultos. Uma total ausência de hipocrisia, de ambigüidade, de jogadas políticas e de superficialidade verbal. Quando nossa vida é caracterizada pela sinceridade e total integridade, não há necessidade de manipular os outros. Se cultivarmos um verdadeiro gosto pelo que é real e genuíno, chegamos um momento em que os valores que substituem o que é real não nos atrairão mais.

Ainda estou longe de esgotar esse assunto, mas creio que isso basta para recomençar. Temos que passá-lo para uma das trepas de trás e deixá-lo cozinhando por uns instantes, em fogo brando. Antes de passar ao capítulo seguinte, pare um pouco para pensar em você. Pense nessa possibilidade de se tornar servo... pense em coisas como autenticidade, humildade genuína e sinceridade absoluta. Ser autêntico: essa é a principal mensagem deste capítulo, ser exatamente como somos interiormente, e depois permitir que Deus desenvolva em nós uma forma de servir que seja adequada a nós.

Faz algum tempo descobri um livrinho de história para crianças que continha uma mensagem para adultos. A personagem principal é um pequenino coelho de pelúcia, novinho e brilhante, eu se transforma num coelho de verdade, deixando de ser apenas um brinquedo numa prateleira. E enquanto está enfrentando os primeiros conflitos na tentativa de ajustar-se (como talvez você esteja enfrentando, com relação ao conceito de servidão), ele entra em conversa com um velho, gasto e querido cavalo de pano. E como o diálogo que os dois travam explica claramente o que venho tentando dizer neste capítulo, ele constitui conclusão adequada e precisa para ele.

“O Cavalinho Ra o brinquedo mais antigo daquele quarto de crianças. Era tão velho, que seu pêlo castanho mostrava muitas falhas, aparecendo a costura embaixo dele, e a maior parte dos pêlos de sua longa cauda haviam sido arrancados para se fazerem colarinhos de contas. Ele era bastante experiente, pois já vira inúmeros brinquedos automáticos chegarem ali cheios de orgulho e arrogância, mas que, com o passar do tempo, quebravam as cordas e “morriam”. Ele sabia que todos não passavam disso. Pois a magia do quarto de brinquedos é estranha e maravilhosa, e somente aqueles que já eram velhos e sábios e experientes como o Cavalinho a compreendiam bem.

- O que é ser de verdade? Indagou o Coelhoinho certo dia, quando estava deitado ao lado do Cavalinho, perto da lareira, antes de a ama vir arrumar o quarto. É ter dentro da gente uma coisinha que faz um zumbido e uma chavinha de dar corda?

- Ser “de verdade” não tem nada a ver com a maneira como somos feitos, respondeu o Cavalinho. É uma coisa que nos acontece. Quando uma criança nos ama durante um longo tempo, isto é, não apenas gosta de brincar conosco, mas nos ama realmente, então passamos a ser “de verdade”.

- E isso dói? perguntou o Coelhoinho.

- Às vezes dói, disse o Cavalinho, pois não gostava de esconder a verdade. Mas, quando somos “de verdade”, não nos importamos muito com a dor.

- E acontece de uma vez só, como quando nos dão corda, ou é pouco a pouco? quis saber ele.

- Não é de uma vez só, explicou o Cavalinho. A gente vai-se transformando. Leva muito tempo. É por isso que aqueles que se quebram facilmente, ou têm arestas

cortantes, ou têm que ser manejados com cuidado, não podem passar por esse processo. De um modo geral, quando afinal nos tornamos “de verdade”, nosso pêlo já foi arrancado pelos carinhos, os olhos já caíram, estamos com as juntas soltas e muito surrados. Mas nada disso tem importância, porque depois que somos “de verdade”, não somos mais feios, a não ser para as pessoas que não entendem essas coisas.

2 EM DEFESA DO ALTRUIÍSMO

Eu
Me
Meu
Eu Mesmo

Era uma charge editorial. As cinco palavras projetavam-se em letras garrafais. Pareciam formar assim um grande monumento, cada letra como que esculpida em granito. Na base desse estranho “monumento” estavam centenas, talvez milhares de pessoas, os braços erguidos, como se estivessem adorando num santuário. E abaixo, em letras bem pequenas, aparecia a legenda: “E por falar em seitas americanas...” Nas laterais da figura havia quatro frases bem conhecidas, tiradas de comerciais famosos na América do Norte: “Faça as coisas à sua maneira.”; “Faça um favor a você mesmo.”; “Você deve isso a si mesmo.”; “Você merece uma folga hoje.”

É como uma fachada. E esse tipo de mensagem dói mesmo. E dói porque realmente é verdade. No entanto, estamos constantemente aplaudindo essa filosofia do eu – me – meu – eu mesmo, às vezes de modo sutil, às vezes abertamente. Compramos livros sobre o assunto, aos milhares, e assim os tornamos best-sellers. Colocamos em pedestais as pessoas mais bem dotadas e passamos a cultuá-las secretamente (quando não publicamente). Envidamos todos os esforços para alcançar os primeiros lugares. Reconheçamos, nossa era é uma época de total egoísmo. É a era do “eu”. E ficamos muito incomodados, até mesmo quando Deus começa a fazer-nos exigências. Afinal, esse negócio de uma consagração total à causa de Cristo tem limites.

As seguintes palavras de Wilbur Rees estão carregadas desse mesmo tipo de sarcasmo: “É isso mesmo. Nosso “ego” não deseja Deus na sua inteireza, mas quer mantê-lo a uma distância razoável. Três dólares dele são mais que suficientes. Um saquinho, e mais nada. Apenas o suficiente para manter meu senso de culpa nos níveis certos, um pouco abaixo da linha do desconforto; o suficiente para que eu não caia nas chamas eternas. Mas não uma quantidade que me deixe inquieto... e me faça começar a colocar de lado meus preconceitos, ou a criticar meu estilo de vida. Um pouco me basta.”

A PERSPECTIVA CERTA

Antes de mais nada, precisamos fazer alguns esclarecimentos. Primeiro, auto-

estima não é o mesmo que egoísmo. Se não tivermos um forte senso de confiança nós mesmos, poderemos facilmente mutilar nossa personalidade e prejudicar nossa vida. Não podemos confundir imagem própria negativa com humildade ou com a marca do servo. Para falar a verdade, se não tivermos um ego sadio, e a confiança de que Deus está em nós, do nosso lado, auxiliando-nos, logo nos tornamos frágeis, facilmente vulneráveis, contraproducentes.

Gosto do que a esposa de Chuck Noll, técnico do Steelers, time de futebol americano de Pittsburgh, falou a respeito de seu marido:

- Ele possui um ego muito forte, mas vaidade – absolutamente nenhuma.

Não confundamos uma auto-estima firme e forte com tolo egoísmo. Os dois não são a mesma coisa; de modo algum.

Segundo, o fato de nos tornarmos crentes não significa que automaticamente eliminamos o egoísmo de nossa vida. É verdade que a conversão ajuda nesse sentido, mas não é um cura-tudo. Nós, os crentes, ainda temos que lutar contra o orgulho. Os evangélicos tendem a ser exclusivistas e meio esnobes, em vez de serem acessíveis, e terem uma mente mais aberta. Temos orgulho de saber a solução de tudo, enquanto outros não a sabem. Nunca iríamos reconhecer que isso é orgulho, mas, bem lá no fundo, nos sentimos bem satisfeitos com nossos diagramas e quadros explicativos de complexas questões teológicas. É fácil achar que estamos acima dos outros que não possuem essas mesmas informações.

UMA BASE BÍBLICA

Já aprendi pela experiência que, para que eu consiga resolver plenamente qualquer problema, preciso primeiro entendê-lo muito bem e, se possível, conhecer sua origem. Para aplicar isso à questão do “ego”, vamos voltar àquela velha cena descrita para nós nos capítulos 2 e 3 de Gênesis, e que ocorreu no jardim do Éden. Que lugar maravilhoso! De uma beleza indescritível, uma atmosfera perfeita, sem poluição, plantaçaõ luxuriante, flores perfumadas, água clara como cristal – esse jardim, comparado ao Taiti, faria com que essa ilha parecesse um chiqueiro. E além de toda essa beleza física, havia absoluta pureza. Não havia pecado. Isso significa que Adão e Eva tinham um relacionamento livre de quaisquer recalques. O último verso do capítulo 2 de Gênesis comprova essa idéia: “Ora, um e outro, o homem e sua mulher, estavam nus, e não se envergonhavam.”

Nus. Totalmente a descoberto; expostos. E não o estavam apenas fisicamente, mas também emocionalmente. A construção do texto no hebraico dá a idéia de que eles “não se envergonhavam” um do outro. Havia uma notável franqueza, uma total ausência de constrangimento na presença um do outro. Isso é que era um casamento ideal! Todas as suas conversas, seus atos, toda a sua existência era sem atitudes defensivas, sem autoproteção, e completamente despida de egoísmo.

Como podia ser isso? Não havia pecado. Portanto, não havia egoísmo. Até que... Já sabemos. Chega ali o diabo com sua oferta sedutora (veja Gênesis 3:1-6) e assim mata a inocência com todos os seus benefícios. E as conseqüências disso?

“Então foram abertos os olhos de ambos, e conheceram que estavam nus; e coseram folhas de figueira, e fizeram para si aventais.” (Gn3:7)

Vejam atentamente o que diz aí sobre seus olhos. Eles foram abertos. Os dois foram subitamente conscientizados de que estavam nus. Isso parece estranho para nós. Os momentos de que temos mais consciência de nós mesmos são justamente aqueles em que estamos nus. Basta um zíper meio aberto, para ficarmos envergonhados.

Mas notemos a diferença aqui. Aqueles dois, subitamente, tinham-se tornado conscientes de si mesmos. Nunca haviam tido tais sensações antes. Mas nós conhecemos um outro estado. Isso que lemos aqui em Gênesis é o relato do surgimento da consciência própria, da preocupação com nós mesmos, do egoísmo. Continuando a leitura do texto, veremos que logo se puseram a buscar o primeiro lugar.

“E ouviram a voz do SENHOR Deus, que passeava no jardim pela viração do dia; e esconderam-se Adão e sua mulher da presença do SENHOR Deus, entre as árvores do jardim.” (Gn 3:8)

Adão não procurou ajudar Eva. E ela também não estava preocupada com ele. Os dois puseram-se logo em atividade e improvisaram vestimentas para se cobrirem. E mais (dá para acreditar?), eles tentaram esconder-se do Senhor Deus. Mas é claro que dá para acreditar, pois até hoje essa é a brincadeira mais popular entre a humanidade... embora saíamos perdendo todas as vezes que tentamos fazer esse jogo.

“E chamou o SENHOR Deus a Adão, e disse-lhe: Onde estás? E ele disse: Ouvi a tua voz soar no jardim, e temi, porque estava nu, e escondi-me.” (Gn 3:9-10)

J. Grant Howard fez uma preciosa descrição do tumulto que ia pelo interior daqueles dois, naquele jardim. Observemos que eles já tinham começado a usar máscaras. “Obrigado a sair do seu esconderijo, Adão se apresenta diante de seu juiz, muito envergonhado, e põe-se a resmungar uma justificativa. São as primeiras palavras de um pecador, que temos registradas. Notemos com ele diz. Ele mistura a verdade - “Tive medo” - com uma meia-verdade - “porque estava nu”. A verdade toda era que desobedecera a Deus e por isso se tornara consciente de sua nudez. Ele não se abriu totalmente para Deus. Ocultou seu ato de desobediência deliberada, ao invés de confessá-lo sincera e abertamente. Nunca mais Adão irá agir como uma pessoa perfeitamente autêntica.”

E, à medida que Deus fazia mais perguntas, Adão e Eva iam caindo cada vez mais na defensiva. Puseram-se a fazer acusações um ao outro, e depois também a Deus. “A mulher...”; “A mulher que me deste por esposa...”; “A serpente...”.

E essa prática ainda hoje é a mesma, não é? Desde essa primeira cena, no decurso de todos estes séculos, a história da humanidade está pontilhada dessas abjetas marcas de egoísmo. Não desejando ser autênticos, nós nos escondemos, negamos, mentimos, fugimos, tentamos escapar. Fazemos qualquer coisa, menos expor a

verdade.

E lançamos a culpa nos outros. Ridicularizamos. Dominamos. Criticamos. Dilaceramos a vida das pessoas com nossas palavras. E depois criamos maneiras que nos poupem uma admissão dessas coisas.

- Não sou dogmático; sou apenas uma pessoa segura de si mesma.
- Não estou julgando e, sim, exercendo discernimento.
- Não estou discutindo; apenas tentando provar minha tese.
- Não sou teimoso; apenas autoconfiante.

E tudo isso se derrama de nossos lábios sem que demos a essas palavras uma atenção mais prolongada. E caso alguém esteja iludido, achando que tem boas maneiras e é tranqüilo, observe-se como se comporta quando o trânsito está difícil, ou quando se encontra na fila do caixa, no supermercado. Na verdade, nossa vontade é agredir alguém!

Faz alguns anos, eu e meu filho Curt tiramos alguns dias de folga e fomos fazer canoagem nas corredeiras do rio Rogue, em Oregon. Estávamos com vários homens de nossa igreja. Foi um passeio maravilhoso. Enquanto o guia nos dava instruções (havia mais ou menos uma quinze pessoas no grupo) comecei a observar as canoas. Algumas já eram meio velhas e bem usadas; outras eram novas. Sendo egoísta, logo desejei que eu e Curt pegássemos uma nova... Então cochichei no ouvido dele.

- Curt, arrede um pouco para a esquerda.
- Por quê?
- Faça o que estou dizendo , filho. As duas canoas da ponta são as mais novas. Vamos pegá-las para nós.

Ele aquiesceu. E nós dois pegamos as novas. Fiz as coisas tão bem feitas que ninguém notou. As canoas velhas eram tão boas quanto as novas, mas eram velhas.

Entre os guias havia também um que era visivelmente experiente, enquanto os outros eram principiantes. Adivinhe com qual dos guias nós ficamos? Isso mesmo. Manobrei as coisas de tal modo, que acabamos no grupo dele.

Por quê? Simplesmente porque sou egoísta. E para piorar as coisas, eu estava ensinando meu filho a ser egoísta também. Daí a uns dois anos ele já teria aprendido isso muito bem.

E a propósito, quando voltávamos para o acampamento, ao entardecer, todos os quinze estavam amontoados num furgão, como sardinhas enlatadas. Todos terrivelmente cansados. De repente, bummmmm. Estourou um pneu traseiro. Foi preciso tirar toda a bagagem para apanhar o sobressalente. E depois aquele pesado furgão tinha que ser levantado. Um serviço cansativo, sujo. Adivinhe quem ficou lá na estrada para avisar os veículos que porventura surgissem de trás, em vez de ajudar a trocar o pneu? Se bem me recordo, não passou por nós nenhum carro naquela estradinha escondida, durante todo o tempo que ficamos parados.

E agora, deixe-me contar o pior de tudo isso - e não é sem grande constrangimento que faço. Foi somente no dia seguinte que me dei conta de que tinha agido de modo egoísta. Isso é que é ter vista curta! Foi na escola que eu aprendi a defender o meu ego. Depois, aperfeiçoei um pouco a minha técnica no Corpo de Fuzileiros, e, mais tarde, já no seminário, quando me preparava para ser

pastor, descobri requintados modos de defendê-lo. E o ministério é uma profissão em que a pessoa pode exercitar essa prática quase sem ser criticada... embora devêssemos sê-lo. Mas quem terá coragem de apontar um dedo para um “homem do púlpito”? Quem está disposto a tocar no “ungido do Senhor” (nosso cognome predileto) e arriscar-se a pegar lepra, por exemplo?

Mas, para falar a verdade, meu egoísmo não teve início na escola, nem no Corpo de fuzileiros, nem no seminário. Eu, como você, peguei essa enfermidade diretamente de Adão. É uma doença congênita em todos nós. Ninguém jamais viveu neste mundo totalmente imune a essa terrível peste – co exceção de Um só. É verdade; desde os dias de Adão até hoje, somente o Filho de Deus, nascido de uma virgem, foi imune da contaminação do pecado. Ele não pecou; não conheceu pecado; não teve nenhum pecado. Sendo imaculado, viveu como nenhum outro homem jamais viveu. Falou com nenhum outro homem falou. E como um Mestre singular, deixou uma forte marca no mundo. Deu instruções que nunca haviam sido dadas antes por ninguém.

“Então Jesus, chamando-os para junto de si, disse: Bem sabeis que pelos príncipes dos gentios são estes dominados, e que os grandes exercem autoridade sobre eles. Não será assim entre vós; mas todo aquele que quiser entre vós fazer-se grande seja vosso serviçal; E, qualquer que entre vós quiser ser o primeiro, seja vosso servo; Bem como o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir, e para dar a sua vida em resgate de muitos.” (Mt 20:25-28)

Nós que estamos contagiados pela enfermidade de Adão e Eva não conseguimos agir assim. De modo algum. E isso ficou bem reforçado para mim, certa vez, quando assistia pela televisão a um concerto de Leonard Bernstein, o famoso maestro. Durante um momento informal no decorrer do programa, uma pessoa indagou:

- Maestro, qual é o instrumento mais difícil de ser tocado?

E ele respondeu com muita presença de espírito:

- Segundo violino. Temos muitos primeiros-violinos, mas é uma dificuldade encontrar alguém que queira tocar segundo violino com o mesmo entusiasmo com que tocaria na posição do primeiro. E o mesmo se dá com segunda trompa, ou segunda flauta. E, no entanto, se não houver o segundo instrumento, não haverá harmonia.

Palavras muitas sábias... e verdadeiras!

Essa era uma das razões por que Jesus Cristo era tão diferente. Ele não apenas incentivou esse tipo de atitude, mas deu o exemplo, continuamente. Foi com base nisso que Paulo escreveu:

“Nada façais por contenda ou por vanglória, mas por humildade; cada um considere os outros superiores a si mesmo. Não atente cada um para o que é propriamente seu, mas cada qual também para o que é dos outros. De sorte que haja em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus.” (Fl 2:3-5)

Como é diferente o conselho que recebemos dos homens! J. B. Phillips ilustra bem esse fato, ao dar uma versão alterada das bem-aventuranças: “Bem-aventurados

os “rompedores”, porque eles vencem no mundo. Bem-aventurados os “endurecidos”, porque nunca deixam que a vida os machuque. Bem-aventurados os que se queixam, porque no fim conseguem o que desejam. Bem-aventurados os saciados de prazeres, pois nunca se preocupam com seus pecados. Bem-aventurados os feitores de escravos, pois atingem seus objetivos. Bem-aventurados os sábios deste mundo, pois sabem se sair bem de tudo. Bem-aventurados os perturbadores, porque conseguem ser notados no mundo.”

Não; isso é exatamente o contrário do que o Senhor Jesus disse. Lembremos que, em suma, o que ele disse foi que devemos servir e dar de nós mesmos. Nessas palavras, ele faz a defesa de uma vida altruísta. Isto é, não nos satisfazendo apenas com “3 dólares de Deus”. Não; isto não é para os servos autênticos, de forma alguma. É antes dispor-se a desistir de tudo por ele, pela sua glória. Essa atitude tem sido descrita como “adquirir a pérola de grande preço”.

Certa pessoa, com uma imaginação santificada, criou o diálogo abaixo, que ilustra bem este processo de entregar tudo a Deus, para ficarmos livres para servir aos outros.

- Quero comprar essa pérola. Quanto custa?
- Bom, diz o vendedor, é muito cara.
- Mas, quanto é? Perguntamos.
- Uma quantia bem elevada.
- Acha que tenho condições de comprá-la?
- lógico; todo mundo tem.
- Mas o senhor não disse que era cara?
- Disse.
- E quanto é?
- Tudo o que você possui, responde o vendedor.

E então tomamos a decisão.

- Está bem. Vou comprá-la, dizemos.
- Bom; e o que você possui? indaga ele. Vamos anotar tudo.
- Tenho cem mil cruzeiros no banco.
- Ótimo. Cem mil cruzeiros. E o que mais?
- Só isso. Não tenho mais nada.
- Mais nada?
- Bem, tenho alguns trocados no bolso.
- Quanto?

E começamos a procurar.

- Vejamos – cinqüenta, cem, duzentos, quinhentos cruzeiros.
- Ótimo! E o que mais você tem?
- Mais nada. É só isso aí.
- Onde você mora? ele começa a averiguar.
- Em minha casa. É; tenho uma casa.
- Então a casa também entra, diz ele, e anota a casa.
- Quer dizer então que vou ter de passar a morar na minha barraca de camping?
- Ah, então tem uma barraca? Ela vem também. E que mais?

Terei que dormir em meu carro?

- Você tem carro?

- Dois.
- Os dois agora são meus. O que mais?
- Bom, o senhor já está com meu dinheiro, minha casa, minha barraca e meus carros. O que mais quer?
- Você é sozinho no mundo?
- Não, tenho esposa e dois filhos.
- Ah, sim, a mulher e filhos também. O que mais?
Não tenho mais nada. Estou sem nada agora.
E, de repente, o vendedor exclama:
- Ah, ia-me esquecendo! Você – você também. Tudo se torna meu – a esposa, os filhos, a casa, o dinheiro, os carros e você também.
E em seguida explica:
- Mas escute bem – vou permitir que você fique com essas coisas por enquanto. Mas não se esqueça de que tudo é meu, inclusive você. E quando eu precisar de qualquer uma delas, você terá que entregá-las a mim, pois agora sou dono de tudo.
É isso que significa aceitar a idéia de servidão. Um conceito muito rígido, difícil, não é? É, sim; muito difícil... mas agora sabemos por quê.
Lembra-se daquela pirâmide?

Eu
Me
Meu
Eu Mesmo

Pois de agora até o final do livro vamos passar a atacar esse monumento. Vamos dedicar toda a nossa atenção ao conceito que é o oposto deste.
Não um receptor; mas um doador.
Não uma pessoa que guarda rancor, mas uma que perdoa.
Não um indivíduo que lembra as dívidas; mas um que esquece.
Não um superastro; mas um servo.
Se você estiver disposto a investir mais do que a maioria das pessoas... se realmente deseja obter mais que apenas três dólares de Deus, então continue a ler. Você está para iniciar uma das maiores aventuras de sua vida.

3 O SERVO COMO DOADOR

Gosto muito de uma definição de filósofo, por sinal irônica, que um professor de grego do seminário mencionava de vez em quando. É uma frase clássica. “Os filósofos são pessoas que falam sobre coisas que eles mesmos não entendem, e nos fazem pensar que a culpa é nossa.”
Existem inúmeras filosofias por aí, e a maioria delas nos deixa mais confusos do que esclarecidos. É interessante notar que as que são claras e fáceis de ser entendidas terminam sempre focalizando o indivíduo. Consideremos algumas delas.
Os gregos diziam: “Seja sábio; conheça-se a si mesmo!”
Os romanos diziam: “Seja forte; discipline-se!”

Os religiosos dizem: “Seja bom; assuma tal padrão de vida.”
Os epicureus dizem: “Dê vazão aos sentidos; aproveite a vida.”
Os educadores dizem: “Seja versátil; expanda sua mente.”
Os psicólogos dizem: “Seja confiante; afirme-se!”
O materialismo diz: “Satisfaça-se; agrade si mesmo.”
O orgulho diz: “Seja superior; promova-se!”
O asceticismo diz: “Seja humilde; reprima-se.”
Os humanistas dizem: “Seja capaz; acredite em si mesmo!”
O legalismo diz: “Seja religioso; imponha a si mesmo algumas restrições.”
Os filantropos dizem: “Seja generoso; libere a si mesmo!”

NÃO HÁ UMA VIDA MELHOR?

Você! Você mesmo! A si mesmo! Estamos atolados no ego até o pescoço. Faça alguma coisa para si mesmo, ou com você mesmo. Como foram diferentes a mensagem de Jesus e o exemplo que ele deixou! Ele não nos instrui para voltarmos os olhos para nós mesmos. Não. E ele faz um apelo bem distinto e bem necessário à nossa geração, à geração do “eu primeiro”. Existe um caminho melhor. Jesus nos diz: “Seja servo; dê de si mesmo aos outros.” É uma filosofia de vida que qualquer um pode entender. E não há dúvida de que é atingível também. Vejamos isto:

“Nada façais por contenda ou por vanglória, mas por humildade; cada um considere os outros superiores a si mesmo. Não atente cada um para o que é propriamente seu, mas cada qual também para o que é dos outros.” (Fl 2:3-4)

Sabe o que isso significa? Bem, para começar, “nada” significa exatamente isso: “nada”. Pare de permitir que suas tendências mais fortes – o egoísmo e o orgulho – controlem sua vida. Que nada do que eles propõem ganhe a causa. Remova-os colocando em seu lugar a “humildade de espírito”. Mas como se faz isso? Considerando os outros superiores a si mesmo. Procure oportunidade para apoiar os outros, incentivá-los, estimulá-los e edificá-los. E para isso é preciso ter uma atitude de dar, e não de receber.

A “humildade de espírito”, na verdade, é uma atitude; não é? É uma idéia pré-estabelecida, que determina pensamentos como os que se seguem:

- Interesse-me por todos os que me cercam.
- Por que tenho de ser sempre o primeiro? Desta vez, para variar, vou ajudar outra pessoa a vencer.
- Hoje, meu desejo mais sincero é reprimir minhas fortes tendências competitivas, e dirigir essa energia no sentido de incentivar pelo menos uma outra pessoa.
- Deliberadamente desisto de fazer minha vontade hoje. Senhor, ensina-me a maneira como ages com as outras pessoas, e depois leva-me a agir assim também.

ISSO É BÍBLICO?

Agora, antes que nos aprofundemos mais nesse viver altruísta, precisamos averiguar se é realmente uma verdade defendida nas escrituras. A Bíblia nos aconselha abertamente a ter uma vida assim? Deixarei que o leitor dê a resposta. Para poupar espaço, limitemos nosso pensamento a apenas alguns textos do novo Testamento. Leia-os bem devagar, meditando neles. E não salte nem uma linha.

“Amai-vos cordialmente uns aos outros com amor fraternal, preferindo-vos em honra uns aos outros. Não sejais vagarosos no cuidado; sede fervorosos no espírito, servindo ao Senhor; Alegrai-vos na esperança, sede pacientes na tribulação, perseverai na oração; Comunikai com os santos nas suas necessidades, segui a hospitalidade.” (Rm 12:10-13)

“Porque não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus, o SENHOR; e nós mesmos somos vossos servos por amor de Jesus.” (II Co 4:5)

“Porque o amor de Cristo nos constrange, julgando nós assim: que, se um morreu por todos, logo todos morreram. E ele morreu por todos, para que os que vivem não vivam mais para si, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou.” (II Co 5:14-15)

“Porque vós, irmãos, fostes chamados à liberdade. Não useis então da liberdade para dar ocasião à carne, mas servi-vos uns aos outros pelo amor.” (Gl 5:13)

“Antes fomos brandos entre vós, como a ama que cria seus filhos. Assim nós, sendo-vos tão afeiçoados, de boa vontade quiséramos comunicar-vos, não somente o evangelho de Deus, mas ainda as nossas próprias almas; porquanto nos éreis muito queridos.” (I Ts 2:7-8)

“Por isso exortai-vos uns aos outros, e edificai-vos uns aos outros, como também o fazeis.” (I Ts 5:11)

“E consideremo-nos uns aos outros, para nos estimularmos ao amor e às boas obras.” (Hb 10:24)

E vamos lembrar também o texto que analisamos no capítulo 1.

“E eu estive convosco em fraqueza, e em temor, e em grande tremor. A minha palavra, e a minha pregação, não consistiram em palavras persuasivas de sabedoria humana, mas em demonstração de Espírito e de poder; Para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria dos homens, mas no poder de Deus.” (I Co 2:3-5)

Essas palavras (e há muitas outras) parecem ter um timbre todo especial, não é?

Aliás, alguns dos que as lerem podem entender mal sua mensagem, e pensar que estou defendendo um sentimento de inferioridade. Para esses, precisamos de mais alguns textos:

“Porque penso que em nada fui inferior aos mais excelentes apóstolos.” (II Co 11:5)

“Fui néscio em gloriar-me; vós me constrangestes. Eu devia ter sido louvado por vós, visto que em nada fui inferior aos mais excelentes apóstolos, ainda que nada sou.” (II Co 12:11)

Aí está o equilíbrio que procurávamos. A verdadeira humildade não deve ser confundida com incompetência ou ausência de auto-estima. E, na verdade, não acredito que uma pessoa que tenha problema de imagem própria negativa possa ajudar os outros de maneira correta e eficiente. Os sentimentos de inferioridade não são compatíveis com o altruísmo... pelo menos, não no verdadeiro sentido, aquele em que Cristo o menciona.

QUAIS OS ELEMENTOS BÁSICOS?

Agora que já determinamos a base bíblica do princípio do servir, é importante descobrirmos alguns aspectos dela, pelos quais poderá ser posta em operação. Para começar, quero mencionar três elementos básicos: dar, perdoar e esquecer. Depois que tomamos a decisão de pôr em prática as verdades de Filipenses 2:3-4 (ter um interesse todo especial pelos outros) e de Gálatas 5:13 (servir aos outros em amor) esses três elementos básicos começam a aparecer. Em vez de estar sempre procurando formas de receber, começaremos a descobrir meios de dar. Em vez de guardarmos rancor contra aqueles que nos ofenderam, mostrar-nos-emos ansiosos para perdoar. E em vez de estarmos sempre nos lembrando daquilo que fizemos, ou das pessoas a quem auxiliamos, teremos prazer em esquecer nossos feitos, e em passar praticamente despercebidos. Nosso desejo de reconhecimento público diminuirá bastante.

Nos capítulos seguintes vamos meditar mais profundamente nos dois últimos elementos, mas neste capítulo vamos abordar apenas o servo com doador... uma pessoa que voluntária, pronta e generosamente dá de si mesma para que outros possam receber algum benefício e vantagem.

COMO O SERVO DEVE DAR?

Em vez de ficarmos saltando de um texto bíblico para outro, fixemo-nos apenas em 2 Coríntios, capítulo 8. Este maravilhoso texto das Escrituras tem uma explicação muito interessante. Paulo, que o escreveu, está ocupado em recolher as ofertas para a igreja de Jerusalém, que enfrenta sérias dificuldades. E, à medida que vai viajando pela Europa, principalmente na região da antiga Macedônia, fala das necessidades dos irmãos em Cristo que se acham em Jerusalém. O que reveste todo este episódio de um significado ainda maior é o fato de que essa região já era uma área economicamente pobre. A Macedônia para Paulo era mais

ou menos como a Índia é para nós hoje. Era como se estivéssemos apelando aos irmãos de uma região pobre de nosso país, para que ajudassem os necessitados de uma favela, por exemplo.

Ó vocês aí, pobres dessa região, dêem para os pobres daquele lugar!

Isso seria um pedido muito estranho em nossos dias. Mas, o que é mais notável em tudo isso é o seguinte: eles deram. Aqueles crentes necessitados da Macedônia ficaram tão preocupados com seus irmãos de Jerusalém, que não tinham nem o suficiente para as necessidades mais básicas da vida, que ofertaram pra valer. Examinemos este texto mais atentamente, e vejamos melhor como eles o fizeram.

“Também, irmãos, vos fazemos conhecer a graça de Deus, concedida às igrejas da Macedônia; porque no meio de muita prova de tribulação, manifestaram abundância de alegria, e a profunda pobreza deles superabundou em grande riqueza da sua generosidade. Porque eles, testemunho eu, na medida de suas posses e mesmo acima delas, se mostraram voluntários, pedindo-nos, com muitos rogos, a graça de participarem da assistência aos santos. E não somente fizeram como nós esperávamos, mas deram-se a si mesmos primeiro ao Senhor, depois a nós, pela vontade de Deus.” (2 Co 8.1-5.)

Que maravilhoso texto das Escrituras! Podemos apontar aqui vários aspectos nos quais esses cristãos deram mostras de autêntico serviço cristão, no ato de contribuir. E quando contribuímos com o mesmo espírito de servo, esses aspectos estão presentes também em nós.

Anonimamente

Nenhuma igreja é mencionada em particular, ele simplesmente diz “igrejas da Macedônia”. Nem um só indivíduo é salientado. Não se fizeram estátuas de bronze depois, em Jerusalém, e nem se gravou os nomes daqueles supercristãos em algum livro, para que mais tarde outros viessem a ter grande admiração por eles. Uma grande mostra de espírito de servo é o anonimato.

Uma poetisa que aprecio muitíssimo é Ruth Harms Calkin, e ela descreve isso muito bem, num poema intitulado “Como será?”

Tu sabes Senhor, como te sirvo
Com enorme fervor emocional
Quando estou debaixo de holofotes.
Sabes como falo de ti ardentemente
Na reunião das senhoras.
Sabes com que entusiasmo promovo
Uma reunião de confraternização.
Conheces meu sincero fervor
Em um grupo de estudo bíblico.

Mas como será que reagiria,
Se me apontasses uma bacia com água
E me pedisses para lavar os pés calosos
De uma velhinha enrugada, arqueada,

Todos os dias,
De todos os meses,
Num lugar recluso onde ninguém visse
E ninguém soubesse do fato?

Pense bem nestas últimas palavras “onde ninguém visse”, e “ninguém soubesse”. Quando queremos pôr em prática a arte do altruísmo, preferimos sempre permanecer anônimos. Aliás, a maioria das pessoas que conheço, e que possuem um coração de servo, ficam profundamente constrangidas, quando são alvo de publicidade.

Com generosidade

Percebeu outra coisa que Paulo menciona acerca daqueles cristãos servos da Macedônia? Ao contribuir, eles superabundaram, pois deram sacrificial e liberalmente, “acima” da medida de suas posses. Acho lindo Paulo ter dito isso. A contribuição deles transbordou pela sua generosidade sacrificial. Entre eles não havia nenhum pão-duro. Como é reconfortante saber disso!

Mas, ao entendermos essa passagem como um exemplo da contribuição do verdadeiro servo, devemos compreender que esse dar não implica apenas em contribuição financeira: a idéia é bem mais ampla. Não há dúvida disso. Ela inclui também o dar de nós mesmos, nosso tempo, nossas energias, nosso cuidado e compaixão, e até mesmo nossos pertences, em certas ocasiões. E como essa característica do servo é necessária à humanidade hoje! E como é rara também. Muitas vezes tenho-me perguntado por que razão nos agarramos com tanta força às nossas posses. Está mais que claro que não poderemos levá-las conosco, quando nos formos daqui. Nunca vi um féretro acompanhado de um caminhão de mudanças.

O nome de Onesíforo ocorre-me à lembrança. Esse homem constitui tal modelo de generosidade em sua contribuição, que Paulo, quando já estava aguardando a morte, relembrou a assistência que lhe prestara aquele cristão. Vejamos o que o apóstolo disse:

“O SENHOR conceda misericórdia à casa de Onesíforo, porque muitas vezes me recreou, e não se envergonhou das minhas cadeias. Antes, vindo ele a Roma, com muito cuidado me procurou e me achou. O Senhor lhe conceda que naquele dia ache misericórdia diante do SENHOR. E, quanto me ajudou em Éfeso, melhor o sabes tu.” (II Tm 1:16-18)

Observou bem algumas das belas e altamente significativas palavras? Onesíforo havia dado “ânimo” ao velho apóstolo “muitas vezes”, e o havia procurado “solicitamente” até encontrá-lo. São palavras que denotam grande determinação, intensidade de propósito e profundo interesse. Esse amigo de Paulo era um servo generoso. Não se preocupou em nada com o trabalho que teria para encontrá-lo. Ele perseguiu seu objetivo incansavelmente!

Alexander Whyte, o arguto pregador de Edimburgo, Escócia, e escritor de biografias, escreve as seguintes palavras a respeito de Onesíforo: “Para Onesíforo, Paulo talvez fosse o maior dos apóstolos, e para nós talvez ele seja isso tudo e mais que isso, mas para o soldado ao qual estava acorrentado noite e dia, ele era apenas o “número tal”. Não o distinguiríamos de nenhum dos outros presos de uma instituição penal. Ele era simplesmente o “número 5” ou “número 50” ou “número 500”, ou um outro número qualquer. Mas Onesíforo foi de uma prisão a outra, procurando o apóstolo Paulo, dia a dia, toda semana, muitas vezes recebendo insultos, ameaças, sofrendo abusos, às vezes sendo preso e detido, para recomençar a busca quando novamente solto, após muito esforço e sofrimento. Até que, afinal, ele pôde passar os braços em torno do pescoço de Paulo, e os dois velhos se beijaram e choraram, para grande admiração dos outros prisioneiros que contemplavam a cena. Ó Onesíforo, homem de nobre coração! Nós nos inclinamos diante de ti.”

E nos inclinamos mesmo. Onesíforo foi o tipo de servo do qual precisamos mais exemplos: sacrificialmente generoso. E ainda há mais.

Voluntariamente

Voltando a II Coríntios, vemos ali que os macedônios também contribuíram voluntariamente, e não porque teriam sido forçados a dar. Paulo escreve o seguinte:

“Porque, segundo o seu poder (o que eu mesmo testifico) e ainda acima do seu poder, deram voluntariamente. Pedindo-nos com muitos rogos que aceitássemos a graça e a comunicação deste serviço, que se fazia para com os santos.” (II Co 8:3-4)

Um pouco mais adiante, na mesma carta, o apóstolo da graça aconselha esse espírito de voluntariedade em nossa contribuição:

“Cada um contribua segundo propôs no seu coração; não com tristeza, ou por necessidade; porque Deus ama ao que dá com alegria.” (II Co 9:7)

E isso parece muito com o que Pedro pede aos pastores, anciãos e outros líderes cristãos:

“Apascentai o rebanho de Deus, que está entre vós, tendo cuidado dele, não por força, mas voluntariamente; nem por torpe ganância, mas de ânimo pronto; Nem como tendo domínio sobre a herança de Deus, mas servindo de exemplo ao rebanho.” (I Pe 5:2-3)

Que maravilhoso conselho! Se é verdade que os melhores líderes são verdadeiros servos (e estou convencido de que isso é verdade), então uma das melhores maneiras de levarmos as pessoas a possuírem um espírito voluntário é dar o exemplo. Isso implica em estender a mão para ajudar sem precisar ser chamado a

isto, e sentir a dor profunda de outra pessoa, sem que seja preciso que ela fale dela.

Em seu maravilhoso livro *Crowded Pews and Lonely People* (Bancadas Cheias e pessoas solitárias), Marion Jacobsen narra a história de um garoto de mais ou menos seis anos, de nome Billy, cujo coleguinha Jim perdera o pai num acidente de trator. Billy pôs-se a orar por Jim diariamente. Certo dia, quando descia a escada da escola, ele viu Jim e resolveu aproximar-se dele.

- Como você está indo? Indagou.

- Ah, muito bem, respondeu o outro.

- Sabe de uma coisa, tenho orado por você todos os dias, desde que seu pai morreu.

O outro menino parou, olhou para Billy, agarrou sua mão e levou-o para o pátio atrás do prédio da escola. Ali ele se abriu com o colega.

- Sabe, estava mentindo quando disse que estava indo bem. Não estou bem. Estamos tendo muitas dificuldades com as vacas, e com as máquinas. Minha mãe já não sabe o que fazer. Mas eu não sabia que você estava orando por mim.

Isso vem nos mostrar quantas pessoas estão sofrendo, mas não sentem liberdade de nos contar, a não ser que voluntariamente nos aproximemos delas para ajudá-las.

Voltemos mais uma vez para II Coríntios 8. Há ali mais uma característica que não podemos deixar de notar. Os servos da Macedônia primeiro deram a si mesmos e depois suas ofertas.

Em Pessoa

Este é um sinal revelador do autêntico espírito de servo e doador. É impossível nos darmos aos outros, mantendo-os à distância. Um envolvimento pessoal com outros é essencial e não apenas incidental, e geralmente implica em que teremos de modificar nossa maneira de ser e adaptar nosso horário de atividades às necessidades do próximo. Entretanto, este envolvimento pessoal certamente irá revelar a autenticidade de nossa obra.

Faz algum tempo, um rapaz que eu já conhecia havia vários anos expressou o desejo de morar em nossa casa, para ser discipulado dentro do contexto de nossa família. E ele me disse várias e várias vezes:

- Realmente quero auxiliar o senhor e sua família em tudo que precisarem. E a minha única intenção nisso é servir. Só quero ser servo, Chuck.

Conversei longamente com Cynthia e as crianças sobre o assunto. Afinal, decidimos fazer a experiência. Então aquele Sr. Servo e seus familiares mudaram-se para nossa casa, juntando-se à nossa tribo de quatro filhos, um cachorro, dois ratinhos brancos, um coelhinho e uma garagem para três carros, entulhada de coisas. Não demorou muito para percebermos que aquelas palavras: “Só quero ser servo”, não passavam de meras palavras. Diversas vezes tivemos conflitos, pois nossos pedidos eram recebidos com resistência por parte dele. Houve poucas ocasiões em que demos sugestões de que determinado trabalho fosse feito de certa forma, e que ele não apresentasse uma outra alternativa. E um relacionamento que havia-se iniciado com um plano que parecia altruísta (e eu

que ouvira aquela frase “Só quero ser um servo” uma vez, devo tê-la ouvido mais umas cinquenta vezes), acabou-se transformando em acaloradas desavenças, para decepção nossa. É muito fácil falar, mas ser realmente uma pessoa que se dá aos outros de forma desinteressada e genuína exige uma grande dose de flexibilidade. Dar-se a si mesmo ao Senhor e aos outros não é simplesmente fazer uma declaração verbal nesse sentido; é muito mais.

Segundo esses cinco versículos iniciais de II Coríntios 8, a condição de servo autêntico implica em que a pessoa tenha forte desejo de dar seja o que for, sem receber reconhecimento, sem reservas, sem relutância e sem restrições. E esse tipo de pessoa é muito raro.

QUANTO NOS CUSTARÁ DAR?

Lembra-se da proposição radical de Jesus, que mencionei no início deste capítulo? “Seja servo; dê de si mesmo aos outros”. A base bíblica desta afirmação encontra-se em Lucas 9.23: “E dizia a todos: Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, e tome cada dia a sua cruz, e siga-me.”

Seguir a Cristo como discípulo dele é uma decisão custosa e de autonegação. Exige de nós um exame radical de nossa egoísta maneira de viver. E essa é outra coisa fácil de dizer, mas difícil de executar na prática. Vejamos se consigo cortar isso em pedaços menores, para a gente não engasgar. Quando estudamos atentamente essa afirmação de Jesus, vemos vários pontos importantes. Primeiro, aqueles que desejam segui-lo de perto precisam aceitar a autonegação. Segundo, essa decisão de dar de nós mesmos a outros (tomar a cruz) deverá ser encarada diariamente.

Isso é muito custoso. Extremamente caro. Se lermos essas palavras, observando as diretrizes dadas em II Coríntios 8.1-5, com relação à contribuição – e creio que devemos realmente fazer isso – então logo surgirão algumas perguntas que dirigiremos a nós mesmos, e que precisaremos responder.

- Estou realmente desejoso de ser um discípulo de Jesus Cristo, que o segue bem de perto?
- Penso nos outros de tal maneira que a autonegação está-se tornando a regra em minha vida e não a exceção?
- Meu caminhar ao lado de Cristo é um processo diário?

Uma Completa Auto-Análise

Isso nos leva de volta a II Coríntios 8. Depois que Paulo termina de descrever o espírito altruísta dos crentes macedônios (vs.1-5), ele se volta para os coríntios e os exorta:

“Portanto, assim como em tudo abundais em fé, e em palavra, e em ciência, e em toda a diligência, e em vosso amor para conosco, assim também abundeis nesta graça. Não digo isto como quem manda, mas para provar, pela diligência dos outros, a sinceridade de vosso amor.” (II Co 8:7-8)

Uma auto-análise completa é um dos requisitos básicos para seguir ao Senhor de perto. Os coríntios manifestavam superabundância em visão, em dons espirituais, em conhecimento, zelo e até em amor. Então agora Paulo lhes diz para que sejam a mesma coisa também na generosidade. Sejam doadores! Sejam pessoas que se excedam também em autonegação. Esse conselho também se aplica à nossa geração... e merece um estudo bem detalhado.

Isso me faz lembrar uma situação da vida real, que ouvi pelo rádio recentemente. Uma mulher de West Palm Beach, na Flórida, morreu sozinha, aos 71 anos. O relatório do legista foi bastante trágico. Causa da morte: desnutrição. A velhinha fora emagrecendo até chegar a 22kg. Os investigadores que encontraram seu corpo disseram que o lugar onde vivia era um verdadeiro chiqueiro, uma confusão terrível. Um deles, homem já experimentado na vida, afirmou que nunca vira uma moradia em tais condições de desordem.

A mulher sempre pedia alimentos às portas dos vizinhos, e conseguia roupas entre os donativos do Exército de Salvação. Ao que parecia, era uma reclusa, sem nada de seu, uma viúva esquecida, vivendo em condições miseráveis. Mas não era assim.

No meio dos montes de pertences desordenados e imundos, foram encontradas duas chaves, que levaram as autoridades a cofres fortes em dois bancos da localidade. O que encontraram ali era inacreditável.

O primeiro continha mais de 70 certificados de compra de ações da companhia AT&T, e centenas de outros certificados valiosos de ações e seguros financeiros... sem mencionar uma pilha de dinheiro que somava quase duzentos mil dólares. O segundo cofre não continha papéis, apenas dinheiro, muito dinheiro: seiscentos mil dólares para sermos exatos. Somando-se o valor bruto de ambos os cofres, verificou-se que a mulher tinha em seu poder bem mais de um milhão de dólares. Charles Osgood, o repórter que informava isso pela rádio da CBS, disse que provavelmente aquilo iria cair nas mãos de um sobrinho ou sobrinha distante, os quais nem sonhavam que ela tivesse esse dinheiro, e nem mesmo um centavo que fosse. E, no entanto, ela era uma milionária, que morreu vítima de desnutrição, num quatinho miserável a muitas milhas dali.

Faz alguns anos, dirigi o culto fúnebre de um homem que morreu sem familiares e amigos. Possuía apenas um cãozinho fox-terrier, ao qual deixou toda a sua fortuna: cerca de 76.000 dólares.

Precisamos fazer um exame detido de nossa própria tendência para ser possessivos, para amealhar bens e segurar nossos pertences, em vez de investi-los na vida de outros.

Mantendo a Decisão Tomada

E existe um outro preço, que é igualmente elevado. Vemo-lo surgir claramente na continuação da instrução de Paulo aos coríntios:

“Porque já sabeis a graça de nosso Senhor Jesus Cristo que, sendo rico, por amor de vós se fez pobre; para que pela sua pobreza enriquecêsseis. E nisto dou o meu parecer; pois isto convém a vós que, desde o ano passado, começastes; e não foi

só praticar, mas também querer. Agora, porém, completai também o já começado, para que, assim como houve a prontidão de vontade, haja também o cumprimento, segundo o que tendes.” (II Co 8:9-11)

Um ano antes de lhes escrever, eles já haviam começado a fazer a mesma coisa. Não há dúvida de que estavam cheios de entusiasmo, com aquela vibração de um novo começo. Mas, com o passar do tempo, a novidade foi-se desgastando. A espontânea motivação para dar transformara-se em uma difícil maratona que se arrastava lentamente, e não parecia ter fim.

Então Paulo lhes diz: “Vamos com isso! Vocês fizeram um compromisso de se envolverem, de contribuir, de auxiliarem outros – agora sejam fiéis a esse compromisso.”

Tornar-se um doador, pode à primeira vista, parecer muito interessante. Mas tem um preço. Exige certas mudanças, e nenhuma mudança significativa ocorre sem motivação e dedicação ao objetivo.

Quer um exemplo bastante claro? Fazer regime. A mera menção da palavra regime é bastante para evocar imagens penosas. E principalmente quando acrescentamos ainda “ginástica” e cooper. Quem nunca passou por isso? A gente acaba fiando saturado e irritado com nossa flacidez. Os fechos das roupas começam a ceder; os botões pulam fora; o carro se abaixa excessivamente quando entramos nele; e se subimos numa balança, ela geme como que a dizer: “Um só de cada vez, por favor.”

Pois, então, vamos emagrecer. No calor do primeiro entusiasmo, compramos um bom par de tênis, uns dois ou três conjuntos para corrida, entramos para uma aula de ginástica, e soprados a poeira de nosso livrinho de contagem de calorias. Estamos dispostos a perder uns 15kg.

No primeiro dia começamos com força total. Vamos correr, como se estivéssemos pegando fogo. Paramos de ingerir tantas calorias, baixando a 700 por dia. Engolimos nosso pão torrado, queijo ricota, tomates e ovos cozidos. Na hora da merenda, comemos coisas que mais parecem ração de passarinho, e tomamos chá amargo, que nos dá a impressão de que vamos engasgar. No terceiro dia, estamos tão doloridos, que só conseguimos “trotar” meia quadra... e então levantamo-nos mais tarde. As festas de fim de ano nos trazem muitas tentações, e assim começamos a quebrar o regime um pouquinho aqui, um pouquinho ali, e por fim nos entregamos. Em menos de um mês, nosso zepelim está de volta ao hangar. E quando sentimos o impulso de fazer ginástica, simplesmente ficamos quietos até que ele passe.

É muito custoso manter uma decisão tomada. E posso assegurar que tornar-se um servo que dá, dá, e dá de si mesmo a outros não é exceção a essa regra. E, comparado com fazer regime, este nos parecerá fácil e simples.

MAS, AFINAL, VALE A PENA?

Entretanto, a despeito do alto preço de ser um doador e do reduzido número de exemplos que temos para ver, gostaria de aconselhar a cada um fazer a decisão de ser diferente. Deus diz que “ama a quem dá com alegria” (II Co 9:7), e promete

que o “generoso será abençoado” (Pv 22:9). Acreditemos nele! A maioria dos cristãos que conheço, bem no fundo do coração possui um desejo de soltar, em vez de prender... de dar, em vez de reter. Seja o que for que tenhamos de fazer para começar a dar, vale a pena o esforço. Homens, mulheres, solteiros, crianças, professores, pregadores, executivos, liberais, operários, estudantes – vale a pena! Torne-se um doador e veja como Deus começará a abrir o coração dos outros para você. O momento em que somos mais semelhantes a Deus é aquele em que damos.

Pouco depois do término da Segunda Grande Guerra, a Europa começou a juntar de novo “seus pedaços”. Grande parte do Velho Continente havia sido devastado e se achava em ruínas. Mas talvez o quadro mais triste fosse o das criancinhas órfãs, famintas pelas ruas das cidades destruídas.

Certo dia, bem cedinho, numa manhã fria, um soldado americano estava voltando para seu alojamento em Londres. Ao virar uma esquina com seu jipe, viu um garoto com o nariz colado à vitrine de uma confeitaria. Lá dentro, o padeiro estava batendo a massa para uma nova fornada de sonhos. O garoto faminto observava-o em silêncio, seguindo cada movimento. O soldado parou o jipe ao meio-fio, saltou dele, e aproximou-se calmamente do ponto onde o menino se achava. Através do vidro embaçado da vitrine, avistava-se as quitandas de dar água na boca, que estavam sendo retiradas do forno, saborosamente quentes. O menino chegou a babar, soltando um leve gemido na hora em que viu o homem colocar as guloseimas no balcão envidraçado.

O coração daquele soldado se condeou do orfãozinho desconhecido, parado ali ao seu lado.

- Rapaz, você quer um pãozinho daqueles?

O menino ficou muito espantado.

- Ah, quero sim. Queria muito.

O americano entrou na padaria, comprou uns dez pãezinhos, colocou-os num saco de papel e voltou onde o outro estava, naquela manhã fria e nevoenta de Londres. Sorrindo, estendeu o embrulho para ele e disse simplesmente:

- Aqui está.

Quando se virava para se afastar, sentiu um puxão na aba de seu paletó. Olhou para trás e ouviu o garoto perguntar em voz suave:

- Moço, o senhor é Deus?

O momento em que somos mais semelhantes a Deus é aquele em que damos.

“Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu...”

4

O SERVO COMO PERDOADOR

O perdão não é disciplina eletiva no currículo do “curso” de serviço autêntico. É um pré-requisito, e as provas são sempre muito difíceis.

Há alguns anos, fiz uma viagem ao Seminário Evangélico Trinity, a fim de contratar um pastor auxiliar. No processo de entrevistar alguns seminaristas, conheci um do qual nunca vou me esquecer. No final, não o escolhi para trabalhar conosco naquele verão, mas fiquei profundamente impressionado com sua sensibilidade

para as coisas de Deus. Embora ainda fosse jovem e inexperiente, falava com muita brandura e tinha um espírito quebrantado. Notava-se facilmente que Deus estava operando em sua vida. Revelava com tanta clareza as marcas de um coração de servo, que continuei a examiná-lo mais detidamente para descobrir por quê. Entre outras coisas, relatou-me um fato incrível, verdadeiro, que ilustrava muito bem o modo como Deus o estava moldando e reformando por meio de uma dessas “provas de perdão”. Vou narrar sua história aqui, da maneira como a recordo. Chamarei este jovem de Arão, que não é seu nome verdadeiro.

Certa vez, já perto do final do ano escolar, ele estava orando e pedindo a Deus que lhe desse um ministério bastante significativo nas férias de verão. Pedia a Deus que abrisse uma porta para ele trabalhar em alguma igreja ou organização evangélica. Mas nada aconteceu. Chegaram as férias e nada. Os dias foram-se transformando em semanas, e Arão finalmente teve que encarar a realidade – precisava de qualquer serviço que pudesse encontrar. Examinou os anúncios de emprego do jornal, e a única coisa que lhe pareceu viável foi dirigir um ônibus na periferia de Chicago... que não era nada para se gabar, mas que pelo menos lhe garantiria o dinheiro para a matrícula no ano seguinte. Depois de aprender a rota do coletivo, foi deixado por sua conta – um motorista novato, num perigoso setor da cidade. E não demorou muito para Arão compreender como era realmente perigoso o serviço que fazia.

Uma pequena turma de adolescentes delinqüentes percebeu que o motorista era novo, e começou a tirar vantagens disso. Durante vários dias seguidos, eles entraram no ônibus, passavam por ele sem pagar, ignoravam seus pedidos e desciam quando bem entendiam... E o tempo todo ficavam a dizer gracinhas para ele e para os outros passageiros. Por fim, ele resolveu que aquilo já fora longe demais.

No dia seguinte, quando a quadrilha entrou como de costume, Arão viu um policial na esquina, parou junto à calçada e deu parte dos rapazes. O policial disse à turma que pagasse ou descesse imediatamente. Eles pagaram, mas infelizmente o policial desceu, e eles ficaram no ônibus. Depois que rodaram um pouco mais e viraram mais algumas esquinas, os garotos atacaram o jovem motorista.

Quando voltou a si, a camisa toda manchada de sangue, deu conta de que havia perdido dois dentes, o olhos estavam inchados, o dinheiro fora levado, e o ônibus estava vazio. Voltou ao ponto final da linha, e ali lhe deram folga por todo o fim de semana. Nosso amigo dirigiu-se para seu apartamento, deixou-se cair na cama e ficou a fitar o teto, incrédulo. Idéias de ressentimento e amargura passavam por sua mente. Perplexidade, raiva, desilusão eram como combustíveis adicionados ao fogo de sua dor física. Passou uma noite inquieta, lutando com o Senhor.

“Como isso tudo pôde acontecer? Onde Deus se encaixa em tudo isso? Quero servi-lo de todo o coração. Orei pedindo um ministério. Estava disposto a servi-lo em qualquer lugar, fazendo o que ele quisesse... e esse é o agradecimento que recebo.”

Na segunda-feira, ele resolveu apresentar queixa. Com a ajuda do policial que havia visto a quadrilha e com o testemunho de várias pessoas que se dispuseram a ajudá-lo, grande parte da quadrilha foi apanhada e trancafiada na cadeia do município. Alguns dias depois, houve uma audiência perante o juiz.

Primeiro entraram Arão e seu advogado, e em seguida a quadrilha enraivecida que o fitou com ódio. De repente, o moço foi dominado por uma porção de novas idéias. Não idéias de ressentimento, mas de compaixão. Seu coração se condeu dos rapazes que o haviam atacado. Sob a influência do Espírito Santo, sentiu que não mais os odiava – tinha pena deles. Precisavam mais de ajuda do que de ódio. O que poderia fazer ou dizer?

De repente, depois de ter sido feita a confissão de culpa, Arão (para espanto de seu advogado e de todos os outros presentes no tribunal) levantou-se e pediu permissão para falar.

- Meritíssimo, gostaria que o senhor determinasse a pena desses rapazes, o total de duração de sua detenção, e depois me deixasse ir para a prisão no lugar deles. O juiz não sabia o que fazer, se cuspiu ou dava corda no relógio. Os dois advogados ficaram paralisados de espanto. E Arão voltou-se para os membros da quadrilha (boquiabertos e de olhos arregalados), sorriu e disse calmamente:

- É porque eu os perdôo.

O juiz, ainda perplexo, afinal conseguiu se refazer e disse com firmeza:

- Meu rapaz, isso é totalmente fora de ordem. Esse tipo de coisa nunca aconteceu antes.

Mas o moço replicou, mostrando grande discernimento:

- Ah, já aconteceu, sim, meritíssimo. Aconteceu há dezenove séculos, quando um homem da Galiléia pagou a penalidade que toda a humanidade teria que pagar.

E a seguir, por uns três ou quatro minutos, ele falou sem ser interrompido, explicando como Jesus Cristo morrera em nosso lugar, demonstrando assim o amor e o perdão de Deus.

O juiz não lhe concedeu o que pedira, mas pôde visitar a quadrilha na prisão e ganhou muitos deles para Cristo, dando início a uma importante obra, que alcançou muitos outros naquele setor de Chicago.

Ele passara por um aprova dura. E, como resultado disso, abriu-se uma ampla porta de serviço – exatamente o que ele pedira em sua oração. Através daquele sofrimento, dos abusos e da agressão sofrida, Arão obteve um ponto de partida para servir aos outros. O perdão (assim como a doação) aprimora nosso serviço.

O PERDÃO DE DEUS PARA NÓS

Quando abordamos um assunto de tão grande amplitude com este, precisamos limitar nossa discussão ao perdão horizontal, e não ao vertical. Mas, em vez de ignorarmos totalmente o perdão vertical, preciso mencionar rapidamente seu significado. Na verdade, é o perdão de Deus para nós que torna possível perdoarmos os outros.

Quando Jesus Cristo pagou na cruz a pena que seria imputada a nossos pecados, a ira de Deus se extravasou contra ele – Aquele que tomou nosso lugar. Assim a justiça de Deus foi satisfeita com esse sacrifício, e ele pode oferecer um perdão total e cabal a todos os que, pela fé, se voltam para o Filho de Deus. O sangue de Cristo lavou nossos pecados. A partir do momento em que cremos nele, somos perdoados, nossa culpa é removida e nos encontramos diante de um Deus cuja justiça foi satisfeita, o que o libera para derramar sobre nós sua graça e amor.

Lembra-se daquele maravilhoso e velho hino que a igreja tem entoado nesses anos todos?

“Meu pecado – ah, que pensamento feliz e glorioso
Meu pecado – não em parte, mas em seu todo
Foi cravado na cruz, e não mais o carregou.
Bendiga ao Senhor, bendiga ao Senhor, ó minha alma.”

E ele expressa o fato muito bem, mas não tão primorosamente como um hino encontrado no mais antigo dos hinários – o livro de Salmos: “BENDIZE, ó minha alma, ao SENHOR, e tudo o que há em mim bendiga o seu santo nome. Bendize, ó minha alma, ao SENHOR, e não te esqueças de nenhum de seus benefícios. Ele é o que perdoa todas as tuas iniquidades, que sara todas as tuas enfermidades, que redime a tua vida da perdição; que te coroa de benignidade e de misericórdia, que farta a tua boca de bens, de sorte que a tua mocidade se renova como a da águia. Não nos tratou segundo os nossos pecados, nem nos recompensou segundo as nossas iniquidades. Pois assim como o céu está elevado acima da terra, assim é grande a sua misericórdia para com os que o temem. Assim como está longe o oriente do ocidente, assim afasta de nós as nossas transgressões.” (Sl 103:1-5; 10-12)

Foi essa verdade que Arão transmitiu para aquela quadrilha de Chicago. Por fim, eles não tiveram mais dificuldades em compreender o que Cristo realizara na cruz em seu favor. Mas o que não entenderam na ocasião foi que o moço nunca poderia ter feito o que fez por eles, no plano horizontal, se não fosse pelo que Cristo já havia feito por ele, no plano vertical. Enquanto não aceitarmos e nos apropriarmos do infinito e completo perdão de Deus para nós, não poderemos pôr em prática os outros fatos mencionados no restante deste capítulo.

NOSSO PERDÃO DE UNS PARA OS OUTROS

Qualquer pessoa que começar a encarar seriamente esta questão de servir aos outros, não demora muito, terá de tomar uma decisão sobre perdoar aos outros também. E o termo é este, terá. Como disse, este é um pré-requisito básico do “curso” de serviço autêntico. E como isso é algo que ocorre com muita frequência, acho necessário subdividir mais o assunto para enxergarmos melhor as suas partes.

Quando um erro é cometido contra alguém, existem apenas dois lados para a questão: o do ofensor e o da vítima. Mas, quer sejamos o ofensor ou a vítima da ofensa, a iniciativa deve sempre partir de nós. O verdadeiro servo não guarda rancor. O princípio geral que rege esta situação encontra-se em efésios 4:31-32, que diz: “Toda a amargura, e ira, e cólera, e gritaria, e blasfêmia e toda a malícia sejam tiradas dentre vós, antes sede uns para com os outros benignos, misericordiosos, perdoados uns aos outros, como também Deus vos perdoou em Cristo.”

Eis aí um maravilhoso resumo de todo o ensino sobre o perdão. Esse texto descreve como podemos estar continuamente com a consciência limpa, e assim

ficarmos livres para servir aos outros. E notemos o que ele nos relembra: temos que perdoar os outros "... como também Deus em Cristo nos perdoou" (vertical). Mas sejamos um pouco mais específicos. Vamos analisar as duas faces da moeda do perdão.

Quando Somos os Ofensores

O texto de Mateus 5.23,24 dá uma descrição sucinta da atitude correta e do que se deve fazer, quando somos a parte errada.

"Portanto, se trouxeres a tua oferta ao altar, e aí te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa ali diante do altar a tua oferta, e vai reconciliar-te primeiro com teu irmão e, depois, vem e apresenta a tua oferta."

A cena é bem clara. Nos dias de Jesus, as pessoas tinham que ir ao templo para cultuar a Deus. De acordo com a lei judaica, a pessoa teria que levar um animal ou ave para o sacrifício. O holocausto era imolado diante de Deus, propiciando a purificação do pecado e abrindo uma porta de acesso para sua petição. Hoje em dia, o equivalente seria um cristão buscar o Pai em oração. Em qualquer das situações, ele é logo dominado pela incontestável lembrança e a dolorosa revelação de que ofendeu a outrem. E Jesus comenta isso nas seguintes palavras: "... ali te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti". O que fazemos então?

Parar! Não ignoremos essa lembrança. Não nos ponhamos a orar, embora essa seja nossa primeira reação. Deus prefere que sejamos sensíveis à sua mansa voz.

O verso 24 nos instrui a fazer quatro coisas:

1. Parar "Deixa perante o altar a tua oferta..."
2. Ir "Vai..."
3. Reconciliar "Primeiro reconciliar-te"
4. Voltar "Voltando, faze a tua oferta..."

A palavra-chave é reconciliar. Ela deriva de uma raiz latina, que significa harmonizar, ao qual foi acrescentado o prefixo re, que dá a idéia de "tornar a fazer". Em outras palavras, este texto nos instrui a seguirmos um processo através do qual tornemos a harmonizar. E é claro que o ofensor deve ter a iniciativa da ação.

Um dicionário define esta palavra assim: "Transformar inimizade em amizade... conseguir a atitude de concessão mútua em vez de hostilidade mútua." E outra fonte diz: "Tomar medidas para que o irmão irado abandone seu sentimento de inimizade."

Isto é mais do que claro. Temos que ir (e o ideal é que o façamos pessoalmente – mas, se não for possível, pelo menos por carta ou telefone) e confessar nosso erro e nosso arrependimento pela ofensa praticada, pedindo o perdão da pessoa a quem ofendemos. Aí, então, estamos liberados para buscar a Deus em oração e louvor.

"Mas, e se a pessoa não perdoar?"

Ótima pergunta! O importante a lembrar aqui é a responsabilidade de cada um, que você é responsável por si mesmo, e eu sou responsável por mim. Tendo a motivação certa, a atitude certa, no momento adequado, e por um ato de

obediência a Deus, temos que nos humilhar e procurar acertar as coisas (lembremos que o que estamos buscando cultivar é um espírito de servo). Deus irá reconhecer nossos esforços. A pessoa que recebeu a ofensa também precisa de um intervalo de tempo para se recompor do choque, primeiramente, e depois para que Deus opere nela uma transformação necessária. A cura de uma ferida moral às vezes é demorada. E algumas vezes requer muito tempo.

“E se a situação ficar pior ainda?”

Outra boa pergunta, que muitas vezes é levantada. E isso realmente pode acontecer. O fato é que a pessoa está o tempo todo acusando o ofensor, mentalmente “enfiando alfinetes na sua bonequinha”, abrigando inúmeros pensamentos negativos a respeito dele, e quando o outro vem lhe pedir perdão, repentinamente provoca um desequilíbrio na balança da culpa. Ao confessarmos, tiramos da balança a nossa culpa, ficando ali apenas a dele, o que causa um desequilíbrio, dando como resultado sentimentos ainda piores. Mas, agora, a culpa não é nossa. Quer uma ilustração? O rei Saul e o jovem Davi. Para o caso de alguém não estar lembrado, o jovem Davi tornara-se uma ameaça para o paranóico rei. Por mais que se esforçasse para reconquistar a confiança dele, não conseguia, e as coisas iam só piorando. Foram precisos vários anos, para que o perturbado rei finalmente compreendesse que Davi era sincero em seus esforços de reconciliação. E além disso, pode ser que demore algum tempo para Deus consiga se fazer ouvir pela pessoa ofendida.

“E se eu simplesmente resolver o problema diante de Deus, sem passar pelo constrangimento e pelo problema de conversar com a outra pessoa?”

A gente faz qualquer coisa para facilitar tudo, não faz? Primeiramente, isso se acha em contraposição ao mandamento. Jesus diz: “Pare! Vá! Reconcilie! Volte!”.

Deixar de ir é um ato de desobediência. Além disso, pode fazer com que as coisas piorem mais.

Imaginemos que estou saindo do estacionamento de sua igreja no domingo pela manhã. No momento em que manobro, entro de ré na lateral de seu belíssimo carro novo, um Del Rey do ano. Páááá! Você está ali perto conversando com amigos após o culto, e ouve o barulho. Seu estômago se contrai ao olhar. Você me vê descendo do carro, examinando o estrago... e em seguida abaixando a cabeça em oração: “Ó Deus, perdoe-me por ter sido tão desatento e desastrado. E também comunica tua graça ao João, quando ele vir este amassado que causei por pura negligência. Concede-lhe os meios necessários para pagar o conserto. Muito obrigado, Senhor! Amém.”

Em seguida, entro no carro e lhe aceno com um amplo sorriso no rosto, e lhe grito de lá:

- Está tudo bem, João. Já pedi a Deus que resolva o problema da batida. Não é maravilhosa a graça divina?

O que você acharia disso? Tenho sérias dúvidas de que isso serviria para acertar as coisas, por mais sincera que minha oração fosse. Sabemos muito bem que isso não adiantaria nada.

Quando eu era adolescente, costumávamos cantar um corinho na igreja que me parecia tão espiritual, tão maravilhoso! Aliás, muitas vezes encerrávamos as reuniões cantando aquele hino, de mãos dadas, e, circulo e com os olhos fechados.

“Se eu magoei alguém hoje,
Se fiz com que alguém se extraviasse
Se andei em meu próprio caminho,
Perdão, Senhor!”

Hoje em dia questiono a mensagem desse hino aparentemente tão bonito. Pessoas a quem magoamos são pessoas a quem ofendemos. E nosso Salvador não disse: “... ore, apenas, e será perdoado”. Na verdade ele diz: “Pare de orar, enquanto não acertar as coisas!” E essa é a parte mais difícil do “teste do perdão”.

Mais uma pergunta, antes de passarmos para o outro lado da moeda.

“E se a reconciliação for impossível, pelo fato de a pessoa já haver falecido?”

É lógico que não podemos nos comunicar com os mortos. Nesse caso, é impossível termos uma entrevista com a pessoa. Mas, se a consciência de alguém continua a pressioná-lo, aconselho-o a que converse com alguém chegado, um conselheiro, o cônjuge ou o pastor. Fale claramente e com toda sinceridade. Ore com aquela pessoa, confessando abertamente o erro cometido e a culpa. Nesses casos, e apenas nesses casos, a oração e a presença de uma pessoa compreensiva e serena poderá nos dar o conforto e o alívio de que precisamos tanto.

Depois de indiretamente matar Urias, o marido de Bate-Seba, Davi sentiu um enorme senso de culpa. O adultério, a situação falsa e, para culminar, o assassinato, quase acabaram com ele. Quem quiser saber a miséria que ele sentiu nessa ocasião, leia o Salmo 32:3,4:

“Enquanto eu calei os meus pecados, envelheceram os meus ossos pelo meu bramido em todo o dia. Porque de dia e de noite a tua mão pesava sobre mim; o meu vigor se tornou em sequeidão de estio.”

Afinal, quando tudo “desabou” sobre sua cabeça, quando ele quebrou o silêncio da hipocrisia e buscou o perdão de Deus, Urias já não estava mais lá, para ouvir sua confissão. Já estava morto havia muitos meses. Mas Davi não estava sozinho. Com ele estava o profeta Natã, e nos lembramos de que, quando o rei, já quebrantado, derramou sua alma diante dele, dizendo. “Pequei...”, imediatamente Natã lhe disse as consoladoras palavras:

“Também o Senhor te perdoou o teu pecado; não morrerás.” (II Sm 12:13).

Quando você for o causador de uma ofensa, isto é, quando pecar contra alguém, tenha um coração de servo. Pare, vá, reconcilie e depois volte.

Quando Somos os Ofendidos

Vejamos agora Mateus 18:21-35. É o mesmo livro, o mesmo Mestre e uma questão semelhante, mas o estilo e as circunstâncias são totalmente diversas de Mateus 5, onde Jesus fez uma preleção ensinando diversas verdades a seus discípulos. Ele abordou vários assuntos de uma forma generalizada, todos eles encerrando grandes verdades espirituais. Aqui no capítulo 18, temos mais uma situação de diálogo, em que ele trata profundamente da nossa atitude para com uma pessoa

que nos ofende. Em vez de “despejar” a coisa toda de uma vez, vejamos esses versos por etapas.

Primeiro temos a pergunta do discípulo:

“Então Pedro, aproximando-se dele, disse: Senhor, até quantas vezes pecará meu irmão contra mim, e eu lhe perdoarei? Até sete?

Ótimo; uma pergunta bastante relevante. Qual deve ser o limite do perdão? Naquele dia, Pedro devia estar-se sentindo muito magnânimo, pois o número do momento (segundo os rabis) era três. Os judeus eram instruídos para perdoarem uma vez, duas vezes, três vezes, mas depois disso, absolutamente. Pedro dobrou o número e ainda acrescentou um a mais.

Agora vejamos a resposta de Cristo:

“... Não te digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete.” (Mt 18:22)

Obviamente, ele não está usando um número literalmente: “Acredite ou não, é 490 vezes.”

Não; nada disso. Está sugerindo um número infinito de vezes. Não há limite. Acho que essa idéia deve ter deixado os discípulos perplexos, e eles, sem dúvidas pediram ao Senhor que lhes desse maiores detalhes. Daí, o Senhor narra uma parábola com uma lição muito forte no fim. Leia esse relato lenta e atentamente, de preferência em voz alta.

“Por isso o reino dos céus pode comparar-se a um certo rei que quis fazer contas com os seus servos; E, começando a fazer contas, foi-lhe apresentado um que lhe devia dez mil talentos; E, não tendo ele com que pagar, o seu senhor mandou que ele, e sua mulher e seus filhos fossem vendidos, com tudo quanto tinha, para que a dívida se lhe pagasse. Então aquele servo, prostrando-se, o reverenciava, dizendo: Senhor, sê generoso para comigo, e tudo te pagarei. Então o senhor daquele servo, movido de íntima compaixão, soltou-o e perdoou-lhe a dívida. Saindo, porém, aquele servo, encontrou um dos seus conservos, que lhe devia cem dinheiros, e, lançando mão dele, sufocava-o, dizendo: Paga-me o que me deves. Então o seu companheiro, prostrando-se a seus pés, rogava-lhe, dizendo: Sê generoso para comigo, e tudo te pagarei. Ele, porém, não quis, antes foi encerrá-lo na prisão, até que pagasse a dívida. Vendo, pois, os seus conservos o que acontecia, contristaram-se muito, e foram declarar ao seu senhor tudo o que se passara. Então o seu senhor, chamando-o à sua presença, disse-lhe: Servo malvado, perdoei-te toda aquela dívida, porque me suplicaste. Não devias tu, igualmente, ter compaixão do teu companheiro, como eu também tive misericórdia de ti? E, indignado, o seu senhor o entregou aos atormentadores, até que pagasse tudo o que devia. “ (Mt 18:23-34)

A essa altura, já estamos pensando em termos de perdão vertical e horizontal. O vertical está expresso com clareza nos versos 23 a 27. Tratava-se de uma dívida incrível (equivalente mais ou menos a dois bilhões e meio de cruzeiros). Exigindo uma infinita capacidade de perdoar, e o rei concedeu este perdão. (Leia

novamente o verso 27). E este perdão é uma figura do perdão de Deus para o pecador.

O perdão horizontal aparece nos versos de 28 a 34. Aquele mesmo servo, que acabara de ser perdoado de seu gigantesco débito, volta-se contra um companheiro que lhe devia o equivalente a menos de quinhentos cruzeiros, e começa a agredi-lo. Quando o rei soube daquela sua violência, ficou furioso. Quero dizer, ficou fora de si. E como não poderia deixar de ser, teve uma confrontação muito séria com o servo.

Nesta última parte da história, tiramos algumas lições que nos mostram razões para perdoarmos aos outros.

1. Negar o perdão é uma atitude hipócrita. Vejamos novamente os versículos 32 e 33.

“Então o seu senhor, chamando-o à sua presença, disse-lhe: Servo malvado, perdoei-te toda aquela dívida, porque me suplicaste. Não devias tu, igualmente, ter compaixão do teu companheiro, como eu também tive misericórdia de ti?” (Mt 18:32,33)

Já que fomos objeto da suprema misericórdia, quem somos nós para, de repente, exigirmos execução da justiça contra os outros? A compaixão que Deus demonstra em nosso favor (e na parábola ele é representado pela figura do rei) exige que façamos o mesmo com os outros. O que ficar aquém disso é hipocrisia.

2. Recusar perdoar resulta em tormento interior para nós. Lembremos como a história se encerra. Isso é muito importante. “E, indignando-se, o seu senhor o entregou aos verdugos, até que lhe pagasse toda a dívida.

- Bom, dirá alguém, mas isto é apenas uma parábola. Não podemos aplicar todos os detalhes dela a cada um de nós.

Certo, mas aqui não se trata de um pequeno detalhe. Trata-se da frase principal, o ponto alto da narrativa. E por que afirmo isso? Porque o verso 35 não é parte da parábola. É uma declaração que Jesus faz após terminada a história. É sua aplicação da parábola do perdão, uma aplicação muito incisiva.

Ele encerrou sua lição com este sério aviso: “Assim também meu Pai celeste vos fará se do íntimo não perdoardes cada um a seu irmão.”

Sinceramente, esta foi uma das verdades mais importantes entre as que Deus me revelou sobre as consequências de se abrigar um espírito rancoroso. Quando Jesus diz: “Assim também meu Pai celeste vos fará”, está-se referindo às palavras finais da parábola, que são as seguintes: “E, indignado, o seu senhor o entregou aos atormentadores, até que pagasse tudo o que devia.”

Esta história não é um conto fictício, como o de Barba-Azul, que torturava pessoas num aposento secreto. Não; Jesus afirma que Deus mesmo permitirá que sejam torturados todos aqueles que se recusarem a perdoar os outros.

E o que significa isto? O termo latino de onde deriva a palavra verdugo designa a vara verde que era usada para vergastar os criminosos – uma idéia apavorante. Na primeira vez que essa idéia começou a se formar em minha mente, meu primeiro

impulso foi rejeitá-la. Pensava eu: “Não; isso é cruel demais.” Mas, quanto mais me aprofundava no assunto, mais claro ele se tornava.

O termo grego aqui empregado aparece outra vez em Mateus 8:6, indicando uma pessoa sob grande sofrimento. E é usado também para descrever as agonias de uma pessoa “em tormentos” no inferno, ao suplicar alívio para seu sofrimento (Lc 16:23,24). Em II Pe 2:8, lemos sobre um homem chamado Ló, que se achava cercado de homens sem princípios e se sentia oprimido pela conduta deles, e vemos que “atrormentava sua alma justa cada dia”. E aqui é empregado o mesmo termo. Dor, agonia e tormento são aspectos desta condição de tortura.

Mas em Mateus 18:34,35, Jesus está fazendo referência a verdugos – que é um substantivo e não um verbo. Ele está dizendo que aquele que se recusa a perdoar, que abriga rancores e mágoas contra os outros, sentimentos de amargura, será dominado por pensamentos torturantes, sentimentos de infelicidade e uma agonizante intranquilidade interior. Um expositor bíblico descreve o fato nos seguintes termos:

“Essa frase define de forma expressiva a maravilhosa o que nos acontecerá se não perdoarmos aos outros. É uma descrição bastante acurada da torturante presença do ressentimento e amargura, do terrível amargor do ódio e da inveja. É um sentimento horrível. Não podemos escapar a ele. Sentimos fortemente esse distanciamento dos outros, e toda vez que pensamos neles, sentimos interiormente o ácido do ressentimento e do ódio corroer nossa paz e tranqüilidade. Este é o tormento de que fala o Senhor, e que nos atingirá.”

E quem nunca passou por isso? É uma das piores conseqüências de não perdoarmos àqueles que nos ofendem. E não importa quem seja essa pessoa – um pai ou mãe, ou parente do cônjuge, ou um pastor, ou antigo pastor, um amigo que nos traiu, um professor injusto, ou um sócio que nos roubou... e até mesmo um ex-marido ou ex-esposa. Tenho conhecido muitos desquitados que foram entregues “aos verdugos” por essa mesma razão. Acredite-me, o sofrimento por que se passa não vale a pena. Temos que perdoar assim como fomos perdoados. Solte esse veneno de amargura que você está segurando... deixe-o jorrar para fora na presença de Deus, e afirme sua determinação sincera de se libertar disso. Esse é um dos maiores passos que cada um de nós tem de dar para se tornar um servo, segundo o modelo proposto por Deus.

COMO APLICAR NA PRÁTICA

Neste capítulo, já temos muitas idéias, o suficiente para meditarmos (e perdoarmos) durante semanas. Mas precisamos considerar uns dois ou três aspectos específicos, antes de seguirmos em frente.

Primeiro, pensemos extensivamente no perdão de Deus para nós. Não façamos isso com pressa. Lembremos como sua misericórdia para conosco é ampla e abrangente. Como Arão, o jovem seminarista, deve ter lembrado naquele dia no tribunal. E como Davi lembrou, quando escreveu o “Hino 103”. Ele fez afirmações bastante específicas. Lembra-se?

“Bendize, ó minha alma, ao SENHOR, e não te esqueças de nenhum de seus benefícios. Ele é o que perdoa todas as tuas iniquidades, que sara todas as tuas enfermidades, que redime a tua vida da perdição; que te coroa de benignidade e de misericórdia, que farta a tua boca de bens, de sorte que a tua mocidade se renova como a da águia. Não nos tratou segundo os nossos pecados, nem nos recompensou segundo as nossas iniquidades. Pois assim como o céu está elevado acima da terra, assim é grande a sua misericórdia para com os que o temem. Assim como está longe o oriente do ocidente, assim afasta de nós as nossas transgressões.” (Sl 103:2-5; 10-12)

Meditemos nisso com relação à nossa própria vida. Apliquemos a nós mesmos essas palavras, trocando os pronomes nos e nosso pelos pronomes meu e me. Meditemos sobre a profundidade da misericórdia de Deus... os débitos que tínhamos com ele, e que pela sua graça ele cancelou. À medida em que pudermos enxergar o perdão de Deus a nós dirigido, também teremos capacidade para perdoar os outros.

Segundo, encaremos de frente e com toda sinceridade todos os ressentimentos que estivermos abrigando contra alguém.

É uma auto- análise bem dolorosa. Mas lembremos que a outra opção, caso rejeitemos essa, é estar sob sensações torturantes, agonizantes, é viver com um tormento interior, e pensemos na enorme energia emocional que queimamos e desperdiçamos todos os dias.

E talvez você esteja disposto a chegar até aí. Faz um acordo com Deus, concordando e perdoar, mas não admite esquecer. Esse é um dos erros mais lamentáveis que uma pessoa que deseja tornar-se servo pode cometer. Pois um perdão limitado é semelhante a um amor condicionado – uma fraca imitação do verdadeiro sentimento. Não é absolutamente perdão.

Amy Carmichael explicou isso muito bem, quando disse:

“Se eu disser: ‘Perdôo, mas não esqueço’, como se Deus, que lava todas as praias de todas as partes do mundo, duas vezes por dia, não pudesse lavar estas lembranças de minha mente, então não conheço nada daquele amor que vem do Calvário.”

Mas basta de falar sobre perdão. Agora precisamos pensar em esquecer. É o que vem a seguir. Se o perdão é o processo pelo qual Deus cura nossas chagas interiores... então esquecer é a remoção dessa horrível cicatriz.

E Deus pode fazer isso também.

5

O SERVO COMO AQUELE QUE ESQUECE

“Perdoar, eu perdôo, mas nunca vou esquecer”. Dizemos e ouvimos esta frase com tanta frequência, que é muito fácil aceitar essa idéia como uma coisa “muito natural”. E aí é que está o problema. É a reação mais natural que podemos esperar dos outros. E não sobrenatural. E também pode trazer conseqüências trágicas.

Na semana passada, li um relato sobre duas irmãs solteiras que moravam juntas, e que, devido a uma divergência não solucionada, resolveram que não se falariam mais (um dos inevitáveis resultados, quando nos recusamos a esquecer). Como não podiam ou não queriam mudar-se da casinha onde moravam, continuaram a andar pelos mesmos aposentos, a comer à mesma mesa, a usar os mesmos objetos e a dormir no mesmo quarto... tudo separadamente... sem trocar uma palavra. Fizeram um risco a giz no chão, para dividir a área destinada a cada uma, as portas e a lareira. Cada uma delas entrava e saía, cozinhava para si e comia, costurava e lia, sem ao menos pisar no “território” da outra. Na escuridão da noite, uma escutava o ressonar da outra, mas como ambas estavam decididas a não dar o primeiro passo para perdoar e esquecer a tola ofensa, ficaram morando juntas durante anos e anos num silêncio aterrador.

A recusa em perdoar e esquecer conduz a outras tragédias, que se tornam monumentos ao orgulho. Quantas igrejas se dividem (muitas vezes, por questões insignificantes), e depois seguem em outra direção, fraccionadas, estilhaçadas e cegamente obstinadas?

Certa vez fiz uma palestra numa conferência bíblica de verão, e após a mensagem uma senhora me contou um fato muito interessante. Ela e sua família estavam viajando pelos Estados Unidos, acampando aqui e ali. Numa das viagens, passaram por uma cidadezinha onde havia uma igreja com um nome que, disse ela, nunca mais esqueceria: Igreja de Deus Original, Número Dois.

Quer seja uma questão pessoal, ou pública, revelamos imediatamente se temos ou não um coração de servo, pelo modo como reagimos às ofensas dos outros. E não basta dizer simplesmente: “Está bem, eu o perdô, mas não pense que vou esquecer.”

Isso significa que erguemos em nosso coração um monumento ao orgulho, e que, na verdade, não estamos perdando nada. O servo tem que ser uma “grande pessoa”, e suficientemente grande para continuar lembrando o bem e esquecendo o mal. É como diz aquele antigo ditado: “Na areia da praia escreva as ofensas; no mármore grave os favores.” Como iremos ver, esquecer implica em outras coisas além de não lembrar mais as ofensas; implica em praticar bons atos para os outros, sem esperar nada em troca; em esquecer a si mesmo no verdadeiro e mais nobre sentido do termo.

A MENTE PODERÁ ESQUECER?

Ao escrever essas palavras, uma pergunta me ocorre: será que nossa mente nos permitirá esquecer? Do modo que Deus nos criou – com esse arquivo interior a que damos o nome de memória – é difícil acreditar que realmente possamos esquecer alguma coisa, até mesmo as que queremos esquecer.

Nossa mente tem uma capacidade notável. O Dr. Earl Radmacher ilustra muito bem essa verdade na seguinte declaração:

“A mente humana é um computador fabuloso. E, na verdade, ninguém nunca conseguiu projetar um computador tão complexo e eficiente quanto a mente

humana. Senão vejamos: nosso cérebro tem a capacidade de registrar oitocentas recordações por segundo, durante setenta e cinco anos, sem se cansar...

Tenho ouvido pessoas dizerem que estão com a mente muito cansada para fazerem um projeto de memorização das Escrituras. Pois tenho uma notícia para essas pessoas: o corpo pode se cansar, mas o cérebro, nunca. Os cientistas afirmam que o ser humano usa apenas 2% da sua capacidade mental. E, naturalmente, existem pessoas que demonstram isso com mais clareza do que outros. A verdade é que o cérebro tem capacidade para realizar um incrível volume de trabalho, e retém tudo que entra nele. Nunca esquecemos nada. Simplesmente não trazemos à tona muito do que está guardado. Mas tudo está gravado no arquivo permanente de nosso cérebro.”

Por causa disso, é preciso que se compreenda que, quando falo em esquecer, não estou-me referindo ao sentido literal ou técnico do term. Estou falando em esquecer do mesmo modo que Paulo fala em ICo 13:4,5, quando diz:

“O amor é paciente, é benigno,o amor não arde em ciúmes, não se ufana, não se ensoberbece, não se conduz inconvenientemente, não procura os seus interesses, não se exaspera, não se ressentido do mal.”

Este mesmo texto é apresentado do seguinte modo na versão de J. B. Philips, Cartas às Igrejas Novas:

“Este amor de que falo, não perde a paciência; procura até ser construtivo. Não é invejoso; não procura impressionar, nem alimenta idéias exageradas acerca de sua própria importância. O amor tem boas maneiras e não procura os seus próprios interesses. Não é irascível. Não repara no mal, nem se alegra com a fraqueza do próximo. Pelo contrário, alegra-se com os bons, quando prevalece a verdade.” ((ICo 13:4-6).

Um verdadeiro servo, quando demonstra o verdadeiro amor, não guarda rancor. O dicionário Webster define o termo esquecer com “perder a lembrança de... tratar desatentamente ou desconsiderar... desconsiderar intencionalmente; ignorar; parar de recordar ou de notar... deixar de ser atencioso no momento certo.” É essa a idéia.

Vejamos alguns textos que ilustram e fortalecem esta virtude magnífica.

“Muita paz têm os que amam a tua lei, e para eles não há tropeço.” (Sl 119:165)

O salmista afirma claramente que aqueles que possuem um profundo amor pela Palavra de Deus usufruirão de grandes porções de sua shalom... e, além disso, serão fortes, não tropeçando nas ofensas.

Jesus sugeriu a mesma coisa, quando falou contra um espírito de crítica. Leia atentamente o que ele diz:

“Não julgueis, para que não sejais julgados. Porque com o juízo com que julgardes sereis julgados, e com a medida com que tiverdes medido vos hão de medir a vós. E por que reparas tu no argueiro que está no olho do teu irmão, e não vês a trave que está no teu olho? Ou como dirás a teu irmão: Deixa-me tirar o argueiro do teu olho, estando uma trave no teu? Hipócrita, tira primeiro a trave do teu olho, e então cuidarás em tirar o argueiro do olho do teu irmão.” (Mt 7:1-5)

Então, entendamos que, quando falamos em “esquecer”, estamos nos referindo a:

- Não querer guardar rancor (I Co 13:5).
- Estar acima das ofensas recebidas (Sl 119:165).
- Não fazer julgamento da conduta alheia (Mt 7:1-5)

Antes de seguirmos em frente, seria bom aqui um pensamento positivo. Devemos ter em mente também que precisamos deixar para trás as boas obras praticadas. Depois que foram praticadas, terminaram. Não há necessidade de ficarmos a dar indiretas sobre nossa bondade e cuidado. Aprimorar nosso serviço para os outros inclui também a idéia de esquecermos nossas obras.

UM EXAME DETALHADO DO QUE É ESQUECER

Meio escondido no Novo Testamento está um capítulo que ilustra maravilhosamente esta verdade. É o capítulo 3 de Filipenses. Seu autor, Paulo, apresenta ali uma relação de fatos de seu passado que poderiam constituir motivo de orgulho para ele.

“Ainda que também podia confiar na carne; se algum outro cuida que pode confiar na carne, ainda mais eu: Circuncidado ao oitavo dia, da linhagem de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu de hebreus; segundo a lei, fui fariseu; Segundo o zelo, perseguidor da igreja, segundo a justiça que há na lei, irrepreensível.” (Fp 3:4-6)

Se alguém estivesse procurando uma pessoa para dar um belo testemunho no próximo domingo na sua igreja, Paulo seria um excelente candidato. Aliás, se ele não fosse muito cuidadoso, poderia transformar seu testemunho num “gabamunho”. Tudo o que ele diz é realmente impressionante... e tudo verdade. Mas Paulo, o servo, colocou as coisas em suas perspectivas certas.

“Mas o que para mim era ganho reputei-o perda por Cristo. E, na verdade, tenho também por perda todas as coisas, pela excelência do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor; pelo qual sofri a perda de todas estas coisas, e as considero como escória, para que possa ganhar a Cristo, E seja achado nele, não tendo a minha justiça que vem da lei, mas a que vem pela fé em Cristo, a saber, a justiça que vem de Deus pela fé;” (Fp 3:7-9)

Comparado com Jesus Cristo e com a obra que ele realizou – seu perdão, seu amor e sua justiça – tudo o mais que nós pudermos fazer ou ser, perde a importância. As palavras seguintes de Paulo descrevem a verdadeira humildade de um servo:

“Não que já a tenha alcançado, ou que seja perfeito; mas prossigo para alcançar aquilo para o que fui também preso por Cristo Jesus. Irmãos, quanto a mim, não julgo que o haja alcançado; mas uma coisa faço, e é que, esquecendo-me das coisas que atrás ficam, e avançando para as que estão diante de mim, Prossigo para o alvo, pelo prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus.” (Fp 7:12-14)

Implícito nessas palavras se acham três afirmações:

1. Ainda não cheguei lá.
2. Esqueço o que está para trás.
3. Prossigo para o que está à frente.

Em cada uma dessas três afirmações, podemos ver uma característica do serviço cristão: vulnerabilidade, humildade e determinação.

Vulnerabilidade

“Ainda não cheguei lá” é um conceito que Paulo menciona cerca de três vezes em Filipenses 3:12,13:

1. “Não que eu o tenha já recebido...” (v.12).
2. “... ou tenha já obtido a perfeição” (v.12).
3. “... quanto a mim, não julgo havê-lo alcançado...” (v.13).

Que palavras reconfortantes!

Aqui está um homem inteligente, competente, talentoso e forte que declara abertamente: “Ainda não consegui tudo.” Entretanto, a vulnerabilidade não consiste apenas nisso; é mais ainda. Implica em ter disposição de reconhecer nossas carências pessoais, nossas limitações ou falhas, em ter um espírito dócil ao ensino, e principalmente em não querer aparecer como o entendido mor, como aquele que tem a resposta para tudo, a palavra final. Essas características não são apenas reconfortantes; são também muito raras.

Se você é daquele tipo de pessoa que tem de estar sempre com a razão... se sente uma forte necessidade de ser “perfeito”, então sempre terá que provar alguma coisa. E aqueles que o cercam terão de fazer o mesmo.

Howard Butt, um executivo e homem de negócios da cidade de Corpus Christi, Texas, escreveu a esse respeito de maneira bastante sincera e franca:

“Se sua posição de liderança for cristã, poderá revelar suas falhas abertamente. Os líderes que se consideram como simples seres humanos não procuram esconder seus pecados. Dentro de nós opera o principio da cruz, o método de ação que se baseia na idéia de que a força se aperfeiçoa na fraqueza. Esse principio mostra o nosso problema – nós que somos religiosos. Queremos a reputação de cristão, mas não queremos muito a Cristo. E no entanto, nosso Senhor, ao se tornar pecado por nós, ‘a si mesmo se humilhou’... Será que estamos dispostos a esconder nossos

pontos fortes e revelar nossas fraquezas? Quando falamos de nossos triunfos, sucessos, realizações, estamos-nos gloriando. Quando nos gabamos de nossas virtudes, estamos erguendo barreiras; quando confessamos nossas falhas, o oposto acontece. Os incrédulos se afastam quando ouvem os piedosos ‘relatórios’ de nossas proezas religiosas. Ao erguermos essas barreiras de intimidação, fazemos com que qualquer amigo de bar lhes pareça melhor que nós para ouvir seus problemas. Os cristãos não são uns meio-anjos, com auréolas acima da cabeça, mas gente de verdade, pecadores que foram perdoados... A morte de Cristo nos liberta da necessidade e ocultar nossos pecados. Podemos nos mostrar vulneráveis, abrir nossa vida. Quando somos fracos, aí é que somos fortes. Derrotamos as trevas com fortíssimos golpes: o poderio divino da fraqueza. E nosso golpe mais forte é dado quando estamos com nossas defesas arriadas.” A vulnerabilidade é uma característica do servo que esquece.

Humildade

“Esqueço-me das coisas que ficam para trás” é uma afirmação de Paulo que nos mostra que ele não era do tipo que vivia no passado. O que ele está dizendo, na verdade, é o seguinte: “Não levo mais em consideração as coisas que já realizei, nem as ofensas que os outros me infligiram. Recuso-me a ficar pensando nisso.” É uma atitude que exige humildade. E isso fica mais claro ainda, se examinarmos o passado de Paulo. Vejamos:

“Recebi dos judeus cinco quarentenas de açoites menos um. Três vezes fui açoitado com varas, uma vez fui apedrejado, três vezes sofri naufrágio, uma noite e um dia passei no abismo; Em viagens muitas vezes, em perigos de rios, em perigos de salteadores, em perigos dos da minha nação, em perigos dos gentios, em perigos na cidade, em perigos no deserto, em perigos no mar, em perigos entre os falsos irmãos; Em trabalhos e fadiga, em vigílias muitas vezes, em fome e sede, em jejum muitas vezes, em frio e nudez.” (II Co 11:24-27)

Imaginemos só o número de pessoas que Paulo poderia ter colocado em sua lista de “inimigos”. Acontece, porém, que ele não tinha essa lista. Com humildade, esqueceu tudo que ficara para trás. Intencionalmente, desconsiderou todos os erros praticados contra ele.

E o melhor exemplo disso que posso citar é o de um homem notável, chamado José, cuja história está registrada no livro de Gênesis. Rejeitado e odiado pelos próprios irmãos, vendido novamente como escravo no mercado egípcio, acusado injustamente pela mulher de Potifar, lançado numa masmorra, dado como morto pelo pai, esse homem foi finalmente elevado a uma posição de grande autoridade no país, logo abaixo do rei. Se havia uma pessoa que tinha razões de sobra para alimentar magoas e desprezar seu passado, essa pessoa era José!

Mas o mais admirável em sua história é que ele se recusou a ficar lembrando as ofensas. E aliás, quando ele e sua esposa tiveram o primeiro filho, deu ao menino de Manassés, um nome hebraico que significa “esquecer”. E explica a razão da escolha desse nome:

“E chamou José ao primogênito Manassés, porque disse: Deus me fez esquecer de todo o meu trabalho, e de toda a casa de meu pai.” (Gn 41:51)

E essas palavras dele contem uma verdade muito importante. Para que possamos realmente esquecer os males cometidos contra nós, é preciso que seja Deus quem os apague.

Isaías, o grande profeta de Judá, diz a mesma coisa nos seguintes termos:

“Não temas, porque não serás envergonhada; e não te envergonhes, porque não serás humilhada; antes te esquecerás da vergonha da tua mocidade, e não te lembrarás mais do opróbrio da tua viuvez. Porque o teu Criador é o teu marido; o SENHOR dos Exércitos é o seu nome; e o Santo de Israel é o teu Redentor; que é chamado o Deus de toda a terra.” (Is 54:4-5)

O Senhor Deus promete que podemos esquecer, porque ele próprio se colocará no lugar dessas recordações dolorosas. Se você teve uma juventude vergonhosa, se você perdeu o cônjuge, o Deus vivo promete que removerá essas lembranças tristes, colocando em lugar delas ele mesmo. Que maravilhosa promessa! Isso nos possibilita o esquecimento. Se fôssemos nos cuidar por nós mesmos, não haveria meios de esquecer. Mas tendo a promessa divina de que ele colocará a si mesmo no lugar da dor – colocará sua presença, seu poder e até mesmo sua própria vida – podemos esquecer “as coisas que para trás ficam”.

Mas existe ainda uma outra característica do bom servo, além da vulnerabilidade e da humildade. Está implícita nas palavras: “Prossigo para o alvo” (Fp 3:14)

Determinação

Os servos que não se deixam ficar amarrados, atados ao passado, também são os que partem para alcançar os objetivos futuros. E os que agem assim raramente são pessoas de espírito mesquinho. Acham-se por demais envolvidas com o que têm de fazer, para se preocuparem com as mágoas e ofensas passadas. Já quase no fim de sua vida, uma vida plena e muito frutífera, Paulo escreveu o seguinte:

“Combati o bom combate, completei carreira, guardei a fé” (II Tm 4:7).

Que grandioso epitáfio! Enfrentava cada dia como se estivesse agarrando o touro pelos chifres; lutou incansavelmente.

Conheço a natureza humana o suficiente para saber que algumas pessoas costumam dar a seguinte desculpa, para o fato de não largarem mão das amarguras das ofensas passadas: “Agora já é tarde para mudar. Fui muito ofendido, e o mal que me causaram é muito grave, e não dá para perdoar. Talvez Paulo tivesse essa capacidade de esquecer e prosseguir em frente, mas eu não.”

Um indivíduo que pensa assim está convencido de que seu caso é uma exceção às verdades que estamos vendo neste capítulo, e já resolveu que não vai se modificar, porque “a vida foi muito ingrata com ele”.

Mas quando Deus mesmo nos apresenta a esperança, quando ele nos faz promessas nesse sentido, quando diz: “Isso pode ser resolvido”, não existem exceções. A cada novo amanhecer estamos recebendo à nossa porta um novo presente que se chama “hoje”. E da maneira como somos, como Deus nos criou, ele nos permite encarar esses presentes apenas um de cada vez... e ele nos dará a graça de que precisamos para viver cada dia.

Acredito que nunca li nada mais tocante, como ilustração dessa verdade, do que a história que nos conta John Edmund Haggai, acerca do trágico nascimento e da triste vida de seu filho. Transcrevo-a aqui com detalhes, na esperança de que pelo menos uma pessoa venha a descobrir a verdade que é viver um dia de cada vez.

“O Senhor, em sua graça, nos abençoou com um filho maravilhoso. Ele era paralítico e só conseguia sentar-se na cadeira de rodas fazendo uso de aparelhos ortopédicos que envolviam todo o seu corpo. Ele fora trazido ao mundo por um dos mais respeitados obstetras e ginecologistas desta nação. Mas, infelizmente, esse homem – que se achava dominado pelo sofrimento – procurou solução numa garrafa de Bourbon, em vez de buscá-la na Bíblia. Devido ao seu estado de embriaguês, por ocasião do parto, ele se atrapalhou, falhando em sua responsabilidade de forma imperdoável. Vários ossos da criança se quebraram. A perna foi deslocada e o nervo lesado. Ao manejar a criança bruscamente – o que não era realmente necessário – ela sofreu uma hemorragia cerebral. (Quero fazer uma interrupção aqui, para dizer que não faço acusação contra os médicos. Dou graças a Deus por eles. Esse homem foi uma trágica exceção. Ele foi impedido de praticar a medicina em alguns hospitais, e acabou cometendo suicídio.). Durante o primeiro ano de vida do garoto, oito médicos afirmaram que ele não conseguiria sobreviver. E nos primeiros dois anos, minha esposa teve de alimentá-lo por meio de um aparelho especial, de três em três horas. Geralmente, ela levava meia-hora preparando tudo para dar-lhe o alimento, e, depois de terminado, mais meia-hora para limpá-lo e colocá-lo de volta no berço. E durante todo esse tempo, ela nunca pôde sair de casa para uma diversão, fosse o que fosse. E nunca dormia mais que duas horas seguidas. Minha esposa, quando solteira, foi considerada por alguns dos principais músicos deste país como uma das melhores cantoras dos Estados Unidos. Aos treze anos já se tornara muito conhecida como cantora, e estava sempre diante do público. Recebeu e rejeitou muitas ofertas maravilhosas para cantar, com compensações financeiras ainda mais vantajosas, apenas para acabar se casando com um jovem pastor batista, sem igreja para pastorear. E então, após cinco anos de casados, a tragédia se abateu sobre nós. E tudo aquilo parecia tão sem propósito. Oito médicos, dentre os melhores do país, disseram que nosso filho não escaparia. E agora, depois de ter vivido sempre uma vida pública, ela se achava confinada dentro das paredes de nossa casa. Sua linda voz não mais arrebatava as platéias, narrando a história de Jesus, mas achava-se silenciada, ou, quando muito, cantarolava, sussurrando canções de ninar. Se não fosse por sua maturidade espiritual, pela qual ela lançou mão dos recursos divinos, vivendo um dia de cada vez, sem se preocupar com o dia seguinte, esta experiência tão dolorosa teria lhe provocado um esgotamento nervoso. Nosso filhinho, John Edmund Jr., viveu mais e vinte anos. Nós nos regozijamos com o fato de que ele

entregou sua vida e coração a Jesus Cristo e deu evidências de um verdadeiro interesse pelas coisas de Deus. Atribuo esse fato e também sua personalidade maravilhosa ao radioso brilho de uma mãe emocionalmente madura, de coração voltado para Cristo, que conseguiu dominar a arte de viver um dia de cada vez. Nunca ouvimos – nem eu nem ninguém – uma palavra e queixa de sua boca. Aqueles que a conhecem concordam que, aos trinta e cinco anos de idade, e depois de haver sido submetida a muitas pressões e sofrimentos, mais do que já sofreram pessoas do dobro de sua idade, ela ainda possuía aquela centelha de energia que faria inveja a uma jovem de dezoito anos, e o brilho e encanto que qualquer debutante daria uma fortuna para conquistar. Aposse-se do dia de hoje. Viva para esse dia. Aproveite exaustivamente todas as oportunidades que ele lhe apresentar.”

UM DESAFIO: DUAS PERGUNTAS

Nesses três capítulos temos examinado o servo autêntico em três posições distintas, embora intimamente relacionadas entre si: como doador, como perdoador e como aquele que esquece. Dessas três, em minha opinião, a terceira é a mais difícil. As duas primeiras nos trazem bênçãos e benefícios que nos estimulam quase que imediatamente. Mas esquecer é algo de que ninguém participa conosco. É um voo solitário. E todas as recompensas que podemos ter só serão recebidas depois, na eternidade... mas como serão grandiosas! Esquecer exige que pensemos corretamente, o que significa que toda a nossa mente deve estar voltada para o Senhor, e não para o homem – e isso veremos no próximo capítulo.

Mas, antes de seguirmos em frente, vamos fazer aqui uma interrupção para nos dirigir duas perguntas:

1. Existe alguma coisa ou alguém que recusei esquecer, e que impede que me torne uma pessoa feliz e criativa?

Se sua resposta foi positiva, pare e confesse isso imediatamente a Deus, pedindo-lhe que remova esse sofrimento e amargura.

2. Estou-me entregando à autocompaixão, levando uma vida de paralisação, dominado pela angústia e desespero?

Se a resposta for positiva, pare e pense um pouco nas conseqüências de passar o resto de sua vida encontrando desculpas para sua depressão, em vez de entregar tudo Àquele que pode removê-la de sua vida.

E se você está convencido de que “já é tarde demais”... ou que está muito velho para modificar-se... ou que sua situação é por demais seria para ser superada, veja esses versos imortais do poeta Longfellow: ““Já é tarde demais!” Ah, nunca é tarde demais. Catão aprendeu grego aos oitenta anos; Sófocles escreveu sua grande tragédia “Édipo”, e Simonides ganhou louros por seus versos, arrebatando-os de seus companheiros quando ambos já contavam mais de oitenta. E Teofrasto, aos noventa anos, começara a escrever “Os caracteres humanos”. Chaucer, em Woodstock, com seus rouxinóis, escreveu os “Contos da Cantuária” aos sessenta.

Goethe, em Weimar, trabalhando até o fim, terminou o “Fausto”, quando já passava dos oitenta. E então? Vamos ficar sentados à toa, dizendo: - Já é noite; o dia já se foi? Pois a idade não apresenta menos oportunidades que a juventude, embora em outras roupagens. E quando o crepúsculo vai-se esmaecendo, o céu vai-se enchendo de estrelas, que de dia não vemos.”

Nunca é tarde demais para se começar a fazer o que é certo. Nunca.

6

TENHA UMA MENTE DE SERVO

A esta altura, alguns leitores devem estar começando a ficar ligeiramente nervosos. Toda essa conversa sobre servir, dar, abandonar os próprios direitos e renegar o ego agrada durante algum tempo. Ela faz parte do “pacote” do cristianismo. E até certo ponto, todos já esperam por ela. Mas será que não estamos exagerando um pouco nestas coisas? Será que não haverá pessoas que tirarão proveito do nosso espírito de servo, para nos transformar em escravos? Pode apostar que sim.

NÃO SE TRATA DE UMA ESCRAVIDÃO PELA MENTE

Aliás, este é o maior trunfo dos líderes de seitas falsas. O segredo do sucesso deles está exatamente no controle da mente. Eles querem dominar a mente dos outros, e não se satisfazem, enquanto não obtêm total controle sobre ela. A suprema consequência desse controle é a modificação da conduta habitual, que é simplesmente uma forma de lavagem cerebral. Querem um exemplo perfeito? A Igreja do Povo, que se encontrava sob a liderança nociva do falecido Jim Jones. Que Deus nos ajude a nunca esquecer todo aquele trágico episódio.

Jack Sparks chama os líderes dessas seitas de “dominadores de mentes”, um epíteto bastante apropriado. Em seu livro sobre o assunto, ele descreve o método comumente usado para obter o controle da mente, falando de um programa em três etapas – não três etapas sucessivas, mas simultâneas.

Primeira Etapa: “desprogramar”... convencer a pessoa de que tudo que ela foi no passado estava errado. Tudo que pensávamos ser certo, era errado, errado, errado.

Segunda Etapa: é a da completa sujeição da vontade. Isso leva mais tempo. Durante esse processo, membro dessa seita aprende a técnica de colocar a mente em “ponto morto”, uma espécie de “roda livre” mental – que é o condicionamento ideal para se preparar o indivíduo para a terceira etapa.

Terceira Etapa: é a fase de “reprogramação”. Um período de ensino intenso, concentrado (doutrinação, seria o melhor termo), e tem por objetivo substituir os velhos conceitos por outros.

O resultado, é óbvio, constitui uma aberração extrema do tipo do servo que vínhamos considerando. Essa forma de controle e domínio da mente, levada a efeito por essas seitas, transforma um ser humano em marionete, num escravo sem dignidade pessoal, sem liberdade de agir, de fazer perguntas, e sem a alegria de servir aos outros de vontade própria, sob o controle e autoridade de Jesus Cristo. A idéia de se ficar escravizado a um guru ou a seu sistema de idéias deve mesmo atemorizar a nos todos. Se alguém tem dúvidas quanto a isto é porque não conhece a incrível historia de Christopher Edwards: ele se tornou como peão indefeso nas mãos de uma das mais terríveis seitas de nossos dias. Enquanto não foi raptado dali, não havia a menor esperança de ele se salvar daquilo.

Este inteligente e brilhante estudante da Universidade de Yale tornou-se praticamente como massa de argila nas mãos dos “Moonies”, no norte da Califórnia. Sem que ele percebesse o que lhe sucedia, a seita fê-lo passar pelo processo das três etapas a que nos referimos. Afinal, seu pai e um grupo de especialistas treinados nesse tipo de manobra conseguiram raptá-lo, tirando-o de entre as garras da seita. Mas ainda foi preciso um ano de terapia intensiva, para que o rapaz recuperasse o equilíbrio anterior. Ele narra tudo isso em seu livro *Crazy for God* (Louco por Deus).

Não; uma dedicação cega não é o verdadeiro serviço cristão. Acreditem-me, não apenas me oponho fortemente a essas técnicas de domínio da mente empregadas pelos líderes dessas seitas falsas, como também vejo perigo em outros tipos de trabalho, que procuram tirar vantagens indevidas das pessoas – e são igrejas que certamente não consideraríamos como “seitas”. Qualquer obra que exija de seus seguidores uma lealdade cega e uma obediência irrestrita é suspeita. Sabemos que esses “gurus” não se encontram apenas nas religiões orientais. Nos Estados Unidos, algumas igrejas que dão forte ênfase ao discipulado chegam muito perto deste ponto. Mas isso não quer dizer que eu esteja duvidando de todo mundo que trabalha com discipulado. Seria injusto de minha parte fazer isso. Para ser franco, eu próprio fui muito abençoado em um grupo assim, há alguns anos. E, além disso, também temos um amplo programa de discipulado em nossa igreja, em Fullerton, Califórnia. Minha maior preocupação é com o abuso do poder, a excessiva ênfase à obediência a um líder humano, com uma intensa e doentia forma de associação, que se utiliza da intimidação, do medo e do senso de culpa, para promover o autoritarismo. Pessoas fracas e de espírito brando podem tornar-se presas desses messias auto-nomeados e paranóicos, o que, pra elas, resultará não em crescimento espiritual, mas em exploração e perda da dignidade humana.

Ronald M. Enroth descreve isso muito bem:

“Esses movimentos-igrejas-programas constituem um paraíso para pessoas que não possuem uma estrutura básica em sua vida, que têm dificuldade para tomar decisões ou solucionar conflitos, ou simplesmente que se acham incertas com relação ao futuro. Os dirigentes desses tais grupos conscientemente alimentam uma forma doentia de dependência, tanto na área espiritual como em outras, e o fazem batendo sempre na tecla da submissão e obediência aos que se encontram em posição de autoridade. Eles dão aos outros a impressão de que não

conseguirão sair dos emaranhados da vida, a não ser que tenham muitas orientações firmes dos que se encontram na liderança.”

Tanto os nossos púlpitos como os bancos precisam ficar atentos a esses líderes “biônicos”, co excesso de carisma. Precisamos estar alerta contra esses superastros, altamente talentosos, habilidosos, simpáticos e populares, que chamam toda a atenção para si mesmos e sua organização. O verdadeiro líder deve, antes de tudo, conduzir a devoção e adoração do povo para o Cabeça do corpo – Jesus Cristo. O Salvador é o Senhor. E ele não divide essa posição de proeminência, autoridade e glória com mais ninguém.

“E ele é antes de todas as coisas, e todas as coisas subsistem por ele. E ele é a cabeça do corpo, da igreja; é o princípio e o primogênito dentre os mortos, para que em tudo tenha a preeminência. A quem anunciamos, admoestando a todo o homem, e ensinando a todo o homem em toda a sabedoria; para que apresentemos todo o homem perfeito em Jesus Cristo...” (Cl 1.17,18,28)

É ESSENCIAL TER UMA “MENTE RENOVADA”

Tendo esclarecido esse ponto, podemos passar agora a apresentar elementos positivos sobre a mentalidade correta do servo. Seria possível chegarmos a pensar igual a Cristo, de tal modo que nossa mente passasse a operar numa frequência bem diferente da daqueles que nos cercam? Não somente é possível, como também é essencial que assim o seja.

Precisamos rever as bem conhecidas palavras de Paulo em Romanos 12.1,2:

“Rogo-vos, pois, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis os vossos corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional. E não sede conformados com este mundo, mas sede transformados pela renovação do vosso entendimento, para que experimenteis qual seja a boa, agradável, e perfeita vontade de Deus.”

Nesta altura de sua carta aos cristãos de Roma, Paulo dá a impressão de que cai de joelhos e suplica. Isso significa que se tratava de um assunto muito importante, talvez o mais importante dentre os que ele havia tratado. Depois de rogar-nos que apresentássemos nosso corpo a Deus como sacrifício vivo, ele acrescenta uma palavra de aconselhamento:

“Que o mundo que nos rodeia não vos comprima nos seus próprios moldes, mas deixai Deus reformar a vossa mente, de maneira a poderdes experimentar na prática como é benéfico o plano de Deus no que vos diz respeito, como satisfaz todas as Suas exigências e como encaminha para a meta da verdadeira maturidade” (Rm 12.2 – Cartas às Igrejas Novas).

Não nos deixemos mais ser comprimidos dentro dos moldes do mundo! Paremos de imitar o sistema de pensamentos que nos cerca, sua linha de raciocínio, seus

métodos de operação, seu estilo e suas técnicas. Como? Como uma radical transformação interior. Com um modelo de mente totalmente renovado, uma mente que demonstra uma autêntica semelhança a Deus. Uma vida diferente começa com uma mente diferente. Uma vida caracterizada pelo serviço a outros é gerada numa mente que está convencida do valor desse tipo de vida. Isso explica por que aquela grande passagem das Escrituras que descreve a disposição de Cristo ao tomar sobre si a forma de servo, começa com as seguintes palavras:

“Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus...” (Fp 2.5).

A vida de serviço que Jesus levou era orientada por uma mente não “comprimida” pelo sistema do mundo – tão cheio de egoísmo – e continua a ser e será para sempre o exemplo que temos que seguir.

Então, para que possamos ser verdadeiros servos, nossa mente tem que ser renovada.

O PENSAMENTO GERAL DO MUNDO DE HOJE

Em vez de ficarmos saltando de um texto para outro, vamos nos ater a uma única passagem e “digeri-la” detidamente. Um dos melhores textos para este assunto é II Coríntios 10.1-7. Empregue agora alguns momentos na leitura e meditação destes sete versículos.

“Além disto, eu, Paulo, vos rogo, pela mansidão e benignidade de Cristo, eu que, na verdade, quando presente entre vós, sou humilde, mas ausente, ousado para convosco; Rogo-vos, pois, que, quando estiver presente, não me veja obrigado a usar com confiança da ousadia que espero ter com alguns, que nos julgam, como se andássemos segundo a carne. Porque, andando na carne, não militamos segundo a carne. Porque as armas da nossa milícia não são carnaís, mas sim poderosas em Deus para destruição das fortalezas; Destruindo os conselhos, e toda a altivez que se levanta contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo o entendimento à obediência de Cristo; E estando prontos para vingar toda a desobediência, quando for cumprida a vossa obediência. Olhais para as coisas segundo a aparência? Se alguém confia de si mesmo que é de Cristo, pense outra vez isto consigo, que, assim como ele é de Cristo, também nós de Cristo somos.”

Os cristãos de Corinto eram um grupo de gente obstinada. Embora fossem nascidos de novo, muitas vezes agiam de maneira carnal, pois tinham uma mente voltada para o secular. Usando uma expressão de Romanos 12, eles estavam sendo comprimidos nos “moldes” do sistema do mundo... a mente deles não era renovada. Em algumas ocasiões, poderíamos até pensar que nem eram da família de Deus. Eles brigavam uns com outros; criticavam Paulo, competiam entre si na igreja, e fechavam os olhos para pecados de grosseira imoralidade praticados por gente do grupo.

Neste trecho da carta de Paulo para eles, o apóstolo menciona varias maneiras pelas quais eles revelavam ter uma mente que operava segundo a carne. Encontro aqui cinco características:

1. Eram preconceituosos em vez de objetivos (v.2).
2. Atentavam mais para o que era visível do que para o que era invisível (v.3).
3. Confiavam mais na força humana, do que no poder divino (v.4).
4. Davam ouvidos a homens, em vez de escutarem a Deus (v.5).
5. Percebiam as coisas apenas superficialmente, e não em profundidade (v.7).

Quando estamos operando n carne, nossa mente se encaixa perfeitamente nessa descrição de Paulo: faz julgamentos superficiais, pensa sem profundidade, se mostra fechada e independente de Deus, excessivamente impressionada com a capacidade humana e fora de foco, espiritualmente falando. Quando nos deixamos comprimir nos moldes do mundo, ele nos conduz como quer, não é?

BARREIRA À VOZ DE DEUS

Na verdade, a voz de Deus está sendo abafada. Nossa mente capta tão bem os fortes sinais emitidos por este século, que inconscientemente desligamos a voz de Deus. É uma reação mecânica. A passagem de II Coríntios 10 descreve vividamente as barreiras mentais que bloqueiam as instruções e a palavra do Senhor.

Examinemos atentamente. Paulo emprega aqui quatro termos que precisamos entender bem. Quem tiver um lápis à mão, deve fazer um circulo em torno delas na Bíblia: fortalezas, sofismas, altivez, pensamento.

Aqui se faz necessário um esclarecimento dos aspectos históricos. Na antiguidade, se uma cidade quisesse prosperar, teria que utilizar de um bom sistema de segurança, para se proteger de ataques inimigos. A primeira coisa e a mais importante era a muralha que impedia que as tropas inimigas invadissem seu território, e que servia como principal meio de defesa numa batalha. E era preciso que houvesse sempre sentinelas em constante vigia, nos seus postos, no alto da muralha. Precisavam também possuir torres altas no interior da cidade, para que se pudesse olhar para fora, por sobre as muralhas. E, por fim, por ocasião de um ataque, os estrategistas militares, os entendidos na arte da batalha, tinham de estar resguardados no interior dessas torres, para comandarem suas tropas no calor do combate.

E Paulo tira dessa conhecida cena de seus dias uma serie de analogias... mas lembremos que ele não está falando de uma cidade, mas de nossa mente.

Analogia Número 1: a Muralha, Nossas “Fortalezas” Mentais

Quando o Espírito de Deus tenta comunicar suas verdades para nós (por exemplo, a instrução bíblica sobre o servir), ele dá de encontro com uma “muralha”: nossa atitude mental geral, nossa estrutura mental. Para algumas pessoas, isto tem a forma de idéias pré-formadas. Para outros, é uma mente limitada ou uma

mentalidade negativa. Seja o que for, constitui enorme barreira, que resiste à entrada da influência divina, com a mesma firmeza com que as muralhas de pedra da antiguidade resistiam a uma tropa invasora. Todos nós temos nossas fortalezas. E vez por outra nos tornamos detestáveis, quando agimos sob a influência dessa “fortaleza murada”.

Certa vez um mendigo descobriu isso na prática, quando pedia esmolas numa pitoresca e antiga cidadezinha da Inglaterra. Estava faminto, quase a ponto de desmaiar, e parou junto a uma taverna, que ostentava o nome de Estalagem de São Jorge e o Dragão.

- Por favor, senhora, disse ele à mulher que atendeu à sua batida à porta da cozinha, poderia dar-me alguma coisa para comer?

- Coisa para comer? Respondeu ela grosseiramente. Dar para um miserável, vagabundo, um mendigo malcheiroso? Não! E quase bateu a porta na mão dele.

Quando já tinha andado um pouquinho, o vagabundo parou, virou-se e olhou o nome da estalagem: São Jorge e o Dragão. Voltou e bateu novamente à porta da cozinha.

- E o que deseja agora? Perguntou a mulher rispidamente.

- Bem, minha senhora, se São Jorge estiver em casa, será que dessa vez eu poderia falar com ele?

Essa doe.

Analogia Número 2: os Guardas, Nossos Sofismas

Juntamente com essas fortalezas em forma de muralhas, temos também certos raciocínios naturais, humanistas, que aumentam ainda mais o poderio da muralha – são mecanismos de defesa, racionalizações e outros padrões de pensamento que nos são habituais. Em Romanos 2.15 encontramos dois desses “guardas” – acusar e defender. Uma autoridade digna de confiança afirma que o termo grego que aqui é traduzido como sofisma contém a idéia de “contemplação da ação como resultado do veredito da consciência.”

Quando Deus introduz sua verdade em nossa mente (para assim renová-la), nosso reflexo mental “protege” a cidade, impedindo a entrada desses pensamentos inimigos. Essa é a razão por que muitas vezes, quando uma verdade bíblica penetra numa mente que foi durante anos e anos murada e protegida por um modo de pensar voltado para o secular, ali se trava uma verdadeira batalha. Nossa tendência é sempre resguardar o modo de pensar antigo, em vez de considerar e aceitar o novo.

Isso pode ter acontecido a mente do leitor, ao ler o capítulo quatro, onde abordamos a questão do perdão. Você leu ali o que a Bíblia ensina a respeito da atitude a tomar se ofendermos alguém. É bem provável que tenha resistido e se defendido. Eu fiz isso, quando descobri essas verdades. Preferimos culpar a outra pessoa, em vez de aceitar nossa responsabilidade na questão. É assim que operam nossos “sofismas”. Eles erguem uma barreira defensiva contra qualquer mudança, levando-nos a racionalizar e justificar nossas ações.

Analogia Número 3: Nossa Altivez Mental

Ao lado de nossas muralhas e guardas interiores está a “altivez”, que reforça nosso sistema de defesa. É a idéia de algo elevado ou exaltado. O que nos ocorre à mente nesse momento? Como fica o orgulho? E todas as coisas que ele traz consigo: argumentação, espírito indócil, teimosia e a recusa em se modificar. E quando um princípio das Escrituras é ensinado, nossa mente natural, não renovada, não apenas resiste a ele, como ainda pergunta: “Quem quer uma coisa dessas?” Ou então: “Tenho-me saído muito bem até agora sem isso.” É a altivez – coisas que se levantam “contra o conhecimento de Deus”, como explica Paulo em II Coríntios 10.5.

Analogia Número 4: os Estrategistas de Guerra, Nossos Pensamentos

Além dessa muralha mental de resistência habitual, dos raciocínios humanistas que a fortalecem e das reações altivas, orgulhosas, que mantêm à distância as verdades da Palavra de Deus, temos ainda pensamentos, técnicas mentais, artifícios que empregamos para afastar a mensagem e a voz de Deus. Por exemplo, em vez de ignorar um erro cometido contra nós, nossa tendência é atirar desforra. Então, quando encontramos um ensino bíblico que nos apresenta uma atitude oposta, nossa reação interior é: - De jeito nenhum!

Quando a Palavra de Deus nos aconselha a sermos generosos, a soltar, em vez de prender nossas coisas, logo nos ocorrem diversas razões pelas quais sentimos que aquilo não dará certo. É como se tivéssemos uma mentalidade negativa, que está sempre prestes a se concretizar. Isso impede que tenhamos uma reação positiva diante de Deus.

Um ponto vital que desejo enfatizar aqui é que não temos que continuar dominados por essa mentalidade secular. Fomos libertos disso. Gloriosamente libertos! Antes da salvação, não tínhamos esperanças. Éramos presa dos impulsos e das defesas internas que nos dominavam. Mas, na cruz, o Salvador derrotou o inimigo. Ali ele disse: “Está consumado!” E estava mesmo! O pecado não mais reina vitorioso sobre nós. Mas o que acontece é que nossa velha natureza não quer que acreditemos nisso. Resiste a todas as mensagens que vêm para nos libertar. “Toda informação que vier da mente renovada deve ser sufocada”, diz nosso velho homem. E envida todos os esforços no sentido de afastar essas informações – erguendo barreiras, colocando sentinelas, torres e pensamentos à porta.

E sabe qual é o aspecto disso, a que a velha natureza resiste mais? É o que está no verso 5 de II Coríntios 10: “...levando cativo todo pensamento à obediência de Cristo”. Quando isso se concretiza, a “mente renovada” está em plena operação... e isso é maravilhoso. Aí então o servir não é mais motivo de irritação para nós, nem um elemento a ser temido. Ela já opera livremente em nós.

Vejamos uma história que Larry Christenson narra, embora seja fictícia. Ela nos ajuda a compreender a vitória que nos vem da “mente renovada”.

“Imagine que você mora num apartamento alugado. Seu dono é um homem horrível, que vive a infernizar sua vida. Cobra um aluguel exorbitante. Se você não pode pagar, empresta-lhe dinheiro, cobrando juros altíssimos, para que você se afunde cada vez mais em débitos com ele. Além disso, invade o apartamento a

qualquer hora do dia ou da noite, suja tudo, estraga as coisas, e depois cobra a mais, pela conservação do prédio. Sua vida é simplesmente intolerável.

Um dia chega ali uma Pessoa que diz:

- Agora sou o dono deste apartamento. Eu o comprei. Mas você poderá continuar morando aqui enquanto desejar, sem pagar nada. O aluguel já está todo pago. Também vou morar aqui, no setor administrativo.

Que coisa maravilhosa! Você está salvo! Foi liberto das garras do antigo dono.

Mas o que acontece então? Você mal teve tempo para se regozijar com as novas condições de vida e liberdade, e já se ouve uma batida à porta. E lá está ele – o antigo dono. Cruel, mal-encarado e exigente como sempre. Veio para receber o aluguel, explica.

E o que você fará? Irá pagar a ele? É lógico que não. Você sai e lhe um murro na cara? Também não – ele é mais forte que você.

Mas você replica com toda a tranquilidade:

- Você terá que resolver isso com o novo proprietário.

Ele talvez comece a berrar, ameaçar, insistir e suplicar. Mas você simplesmente irá replicar:

- Terá que resolver isso com o novo proprietário.

E se ele voltar a aparecer mais umas dez vezes, fazendo toso tipo de ameaças, acenando com documentos aparentemente validos, você apenas deverá dizer-lhe:

- Você terá que resolver isso com o novo proprietário.

E afinal ele terá que fazer exatamente isso. Está apenas com esperanças de que você ceda às suas ameaças e blefes, e comece a duvidar de que o novo proprietário realmente possa resolver tudo.

O mesmo se dá conosco. Depois que Cristo nos liberta do poder do pecado e do diabo, podemos ficar certos disso: o antigo dono voltará a bater à nossa porta. E qual será nossa defesa? Como poderemos impedir que ele volte a brandir o chicote em nosso rosto? Nós o enviamos para o novo proprietário. Nós o remetemos para Jesus.”

Quando Jesus realmente tem o controle de nossa mente, e nós lhe submetemos todos os pensamentos, tornamo-nos espiritualmente imbatíveis. Operamos com um poder sobrenatural. Passamos a andar sob o controle total de Deus.

A CAPACIDADE SOBRENATURAL DA “MENTE RENOVADA”

À medida que a verdade de Deus penetra em nossa mente e vai desalojando dali essas barreiras mentais, recebemos muitas bênçãos. Aliás, Paulo menciona duas delas aqui nesta passagem de II Coríntios 10 – o poder divino (v.4) e a verdadeira independência (vs.11,12).

Lendo este trecho, obtemos a certeza de que nada nesse mundo poderá intimidar-nos.

Poder Divino

Percebeu a realidade do poder divino no versículo 4? O servo que possui mente renovada tem uma perspectiva de vida e um poder para viver que são singulares – tem o poder divino.

É por isso que pode esquecer ofensas, perdoar males cometidos contra ele, pode perseverar na conquista de seus objetivos. É o poder divino. Deus promete que irá derramar seu poder sobre nós (Fp 4.13) e suprir nossas necessidades, se apenas passarmos a viver totalmente sob seu controle. Quando nosso modo de pensar é correto, passamos imediatamente a ter reações corretas.

Como podemos “demolir” essas coisas que antes nos venciam? Muito simples: deixando Cristo viver sua vida em nós. Pelo seu poder, podemos nos dar aos outros várias e várias vezes. E nunca temeremos as conseqüências dessa doação. Não nos sentiremos menosprezados, se não recebermos o mesmo tratamento em retribuição aos nossos atos. Lembremos que um servo não guarda mágoas. Dale Galloway narra uma historiazinha muito interessante em Dream a New Dream (Tenha um novo sonho), que ilustra muito bem essa verdade.

Chad era um garotinho calado e tímido. Certo dia ele chegou em casa e disse à mãe que gostaria de fazer um cartãozinho de amizade para cada coleguinha da classe. A mãe sentiu o coração apertar-se, e pensou: “Seria melhor que ele não fizesse isso.” A razão que era ela sempre observava as crianças, quando voltavam da escola com o filho. Chad vinha sempre atrás dos outros. Eles riam e se apegavam uns aos outros, conversando entre si. Mas Chad nunca era incluído nos grupos. Mesmo assim, ela resolveu aquiescer ao pedido do filho e comprou a cartolina, cola, e os crayons. E o menino se entregou ao trabalho durante três semanas, todas as noites, com muito cuidado, fazendo os trinta e cinco cartõezinhos para os colegas.

Chegou o Dia de S. Valentim, e o menino mal continha sua ansiedade. Com muito cuidado, empilhou os cartões e os colocou dentro de um envelope grande, e saiu correndo porta a fora. A mãe resolvera que iria fazer naquele dia os biscoitos de que ele mais gostava, para servi-los quentinhos com leite, no momento em que ele chegasse da escola, à tarde. Sabia que ele chegaria muito triste e desapontado... e talvez os biscoitos pudessem servi-lhe de consolo. Estava triste só de pensar que ele não receberia muitos cartões, talvez nem um.

E à tarde ela colocou os biscoitos e o leite na mesa. Quando ouviu o barulho das crianças lá fora, olhou pela janela. E, realmente, lá vinham eles, rindo e se divertindo muito. E, como sempre, Chad vinha atrás. Caminhava um pouco mais apressadamente do que de costume. Ela já estava esperando que, ao entrar em casa, ele rompesse em choro. Notou que vinha com as mãos vazias, e quando ele abriu a porta, ela lutou contra as lágrimas.

- Mamãe fez uns biscoitos para você, filho.

Mas ele mal escutou o que ela dizia. Passou pela mãe, o rosto brilhando, e tudo que conseguia dizer era:

- Nem um; nem um só.

A mãe sentiu o coração apertar. E o menino concluiu:

- Não esqueci nenhum; nenhum mesmo!

E é isso que acontece, quando Deus se acha na direção da mente do servo. Descobrimos que a maior alegria da vida é dar aos outros esse amor – o que nos

traz à lembrança um poeminha: “A música não é música, enquanto não for cantada; O sino não é sino, enquanto não tocar; O amor não é amor, enquanto não for dedicado a alguém.

Verdadeira Independência

Vejamos os versos 11 e 12 de II Coríntios 10:

“Pense o tal isto, que, quais somos na palavra por cartas, estando ausentes, tais seremos também por obra, estando presentes. Porque não ousamos classificá-los, ou comparar-nos com alguns, que se louvam a si mesmos; mas estes que se medem a si mesmos, e se comparam consigo mesmos, estão sem entendimento.”

Não é reconfortante? Nada de hipocrisias! Ele não faz competição com outros crentes – e nem mesmo se deixa apanhar na armadilha de se comparar com outros. Isso acontece àqueles que possuem uma “mente renovada”... àqueles que resolvem deixar que o Espírito Santo de Deus invada suas torres e muralhas, capturando os guardas que o haviam mantido distante por tanto tempo.

Não me recordo da data exata em que essas verdades começaram a penetrar em mim, mas lembro claramente que comecei a transformar-me, bem lá no fundo. Minha forte tendência para competir com os outros começou a diminuir. Minha necessidade de estar ganhando, de ganhar sempre, também começou a perder sua força. Minha tendência para me comparar com outros pastores e pregadores foi diminuindo mais e mais. Este crescente e salutar espírito de independência me libertou de certas coisas, e pude então ser autêntico, ser eu mesmo, e não aquela porção de “eus”, que achava que os outros queriam que eu fosse. E hoje, quando vejo alguém com essa “síndrome de comparação”, que nos torna tão infelizes, sinto compaixão dessa pessoa, pois estive nas garras desse mal por muito tempo. Só depois que comecei a ter uma mentalidade bíblica, foi que essa identidade independente passou a tomar forma em mim.

A CONDIÇÃO DE SERVO COMEÇA NA MENTE

Quem não gostaria de viver destemidamente a despeito de todas as adversidades? Não parece atraente essa possibilidade de ter uma vida cheia do poder de Deus? Você não está ansioso para tornar-se verdadeiramente independente, nestes dias em que todo mundo procura copiar os outros, e em que sofremos pressões fortíssimas para sermos iguais aos que nos cercam? É claro que sim.

Isso começa na mente. Permitam-me repetir mais uma vez: um modo correto de pensar precede um viver correto. É por isso que neste capítulo tenho dado ênfase à importância de se ter uma mente renovada. É praticamente impossível possuir o conceito certo de servir aos outros – ou conseguir realizar isso com alegria e sem temores – enquanto a mente não estiver liberta dos moldes do mundo, transformada pelo poder de Deus.

No início deste capítulo, fiz uma advertência contra o perigo de se cair sob o fascínio de um desses pregadores cheios de “carisma”, verdadeiros gurus

ocidentais. Espero que não tenha havido mal-entendidos quanto à minha posição com respeito a essa distorção do conceito de servo, que envolve a exploração de outros, sob o pretexto de serviço autêntico. Contudo, creio ser necessário aqui concluir com outra palavra de advertência. Não se trata de um aviso para não cairmos vítima de pessoas com personalidade forte... mas contra essas pessoas que talvez se utilizam de outros para atingir seus objetivos. Às vezes, é fácil estimular nos outros a prática do serviço para que eles nos sirvam. Não foi assim que agiu nosso Mestre, e nem é assim que devemos agir. Admiro muitíssimo a sinceridade da pessoa que escreveu o seguinte poema:

Sou como Tiago e João,
Senhor, avalio as pessoas
em termos do que podem fazer para mim:
como podem ser úteis aos meus planos,
alimentar meu ego,
satisfazer minhas necessidades,
fornecer-me vantagens estratégicas.
Eu exploro as pessoas
na aparência, para tua causa
mas, na verdade, para a minha.
Senhor, recorro a ti
para obter uma posição privilegiada
e favores especiais:
tua orientação para meus planos,
teu poder para meus projetos,
tua sanção para minhas ambições,
teu cheque em branco para o que preciso.
Sou como Tiago e João.
Transforma-me, Senhor.
Faz de mim um homem que pergunte a ti e a outros:
“O que posso fazer por ti?”

O serviço autêntico começa na mente, com uma oração muito simples, constituída de três palavras: “Transforma-me, Senhor!”

7

RETRATO DE UM SERVO PRIMEIRA PARTE

- O que você deseja ser quando crescer?

É uma pergunta que todos gostamos de fazer às crianças. E as respostas mais comuns são: “Policial”, “Professora”, e às vezes “Bombeiro”. Alguns são mais ousados. Respondem: “Artista de televisão”, ou “Cantor”, ou “Jogador de futebol”. Recentemente, um garoto me disse que queria ser mecânico ou lixeiro. Quando lhe indaguei por quê, deu-me uma resposta clássica para um menino de nove anos: “Para poder ficar sujo!”

Sorri, lembrando-me momentaneamente de minha própria infância. E entendi perfeitamente o que ele quis dizer.

Vamos pegar esta pergunta e revirá-la um pouco. Imaginemos que estamos perguntado a Jesus Cristo o que ele deseja que sejamos, quando crescermos. É uma pergunta inteiramente nova. E creio sinceramente que ele daria a mesma resposta a todos nós.

“Quero que você seja diferente... que seja um servo.”

Em minha vida toda, nunca ouvi alguém dizer que, ao crescer, gostaria de ser servo.

Parece uma posição aviltante... humilhante... sem dignidade bastante.

Jerry White, em seu valioso *Honesty, Morality and Conscience* (Honestidade, Moralidade e Consciência), aborda essa questão de servir aos outros.

“Os cristãos devem ser servos tanto de Deus como das outras pessoas. Mas a maioria das pessoas encara o trabalho e os negócios – a vida em geral – com a seguinte atitude: o que posso obter disso? Emvez de: como posso contribuir? Às vezes gostamos de pensar em nós mesmos como servos de Deus. Quem não gostaria de ser servo de um rei? Mas, quando se trata de servir a outras pessoas, pomo-nos a questionar as conseqüências. A idéia de servir a Deus nos faz sentir nobres; mas a de servir às pessoas nos faz sentir humilhados. Servindo a Deus, recebemos recompensas; servindo às pessoas, principalmente àquelas que não podem retribuir-nos, não recebemos nenhum benefício visível, nem glórias – a não ser de Deus. Cristo nos deu o exemplo: ‘O Filho do homem... não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos.’ (Mt 20.28). Para sermos servos de Cristo, temos que ser servos das pessoas. O conceito de servir as pessoas deve ser a base de tudo o que fazemos, no trabalho e nos negócios. Ao servir, temos de pensar primeiro naquele a quem servimos. Um funcionário de uma firma que se dispõe a servir em seu trabalho está honrando a Deus, e aumentando seu próprio valor diante de seu empregador. Por outro lado, o empregado que procura servir a si mesmo dificilmente será valorizado por qualquer companhia.”

A ORDEM DE JESUS: “SEJA DIFERENTE!”

Quando Jesus se achava aqui na terra, atraiu a si um grande número de pessoas. Certo dia sentou-se no meio delas, e pôs-se a ensinar-lhes algumas verdades básicas sobre o crescimento delas, segundo o desejo dele. O relato deste seu “Sermão do Monte” encontra-se em Mateus 5,6 e 7. Se fossemos sugerir um título geral para este grandioso sermão, seria: “Seja diferente”. Várias vezes durante o sermão, Jesus apresenta a maneira de agir e sentir dos religiosos de seus dias, e em seguida instrui seus discípulos a serem diferentes deles.

Mateus 5.21,22:

“Ouvistes o que foi dito... Eu, porém, vos digo...”

Mateus 5.27,28:

“Ouvistes o que foi dito... Eu, porém, vos digo...”

Mateus 5.33,34:
“Ouvistes o que foi dito... Eu, porém, vos digo...”
Mateus 5.38,39:
“Ouvistes o que foi dito... Eu, porém, vos digo...”
Mateus 5.43,44:
“Ouvistes o que foi dito... Eu, porém, vos digo...”

Em Mateus 6, ele continua a explicar como deveriam ser diferentes nas esmolas para os necessitados (6.2), nas orações (6.5) e nos jejuns (6.16). O versículo-chave deste sermão é: “Não vos assemelheis, pois, a eles...” (6.8). O fato é que Jesus enxergava o que havia por trás do orgulho e da hipocrisia daqueles religiosos, e estava resolvido a incutir nos discípulos traços de caráter tais como humildade e autenticidade. Seu ensino diferente cortava aquela fachada de devoção religiosa como uma faca afiada corta a manteiga. Até hoje, este sermão constitui o delineamento mais perfeito da contracultura cristã dada no Novo Testamento... oferecendo um estilo de vida totalmente oposto ao do sistema do mundo. A introdução do sermão de Jesus é, sem dúvida alguma, a mais conhecida passagem dele, e se acha em Mateus 5.1-12. Trata-se da descrição mais exata do retrato de um servo cristão.

AS BEM-AVENTURANÇAS: TRÊS OBSERVAÇÕES

Leiamos mais uma vez, lentamente, estas imortais palavras: “E JESUS, vendo a multidão, subiu a um monte, e, assentando-se, aproximaram-se dele os seus discípulos; E, abrindo a sua boca, os ensinava, dizendo: Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus; Bem-aventurados os que choram, porque eles serão consolados; Bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra; Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão fartos; Bem-aventurados os misericordiosos, porque eles alcançarão misericórdia; Bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus; Bem-aventurados os pacificadores, porque eles serão chamados filhos de Deus; Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus; Bem-aventurados sois vós, quando vos injuriarem e perseguirem e, mentindo, disserem todo o mal contra vós por minha causa. Exultai e alegrai-vos, porque é grande o vosso galardão nos céus; porque assim perseguiram os profetas que foram antes de vós.”

Gostaria aqui de fazer três observações de ordem geral.

1. Aqui estão oito traços de caráter que identificam o verdadeiro servo. Quando estes oito traços são encontrados numa vida, temos o equilíbrio. Seria bom entendermos que não se trata de um processo de múltipla escolha, onde temos liberdade de escolher aqueles que mais nos agradam. O Salvador foi muito claro ao apresentar as qualidades que produzem o estilo de vida que lhe agrada. Portanto, é essencial que examinemos cada uma delas atentamente.

2. Esses traços de caráter nos abrem a porta da felicidade interior. Essas atitudes aqui apresentadas são fundamentais, e quando assumidas e experimentadas na prática nos trazem grande satisfação. Jesus oferece felicidade aqui, com nada mais na terra pode oferecer. Observemos como começa cada uma delas: “Bem-aventurados...” Esta foi a única ocasião em que o Senhor repetiu o mesmo termo oito vezes. J. B. Philips, em sua tradução da Bíblia, exprime mais corretamente o sentido dessa palavra: “Felizes os...” Aqueles que assumem essas atitudes encontram felicidade eterna.

3. Cada um desses traços tem ligada a si uma promessa correspondente. Já observou isto? “Bem-aventurados os (traços de caráter) pois... (promessa)” Para cada qualidade moral, Jesus apresenta uma benção particular. E que promessas maravilhosas! Não admira que, quando ele terminou o sermão, tenhamos a seguinte explicação:

“E aconteceu que, concluindo Jesus este discurso, a multidão se admirou da sua doutrina; Porquanto os ensinava como tendo autoridade; e não como os escribas.” (Mt 7.28,29)

Seus ouvintes nunca tinham escutado verdades tão maravilhosas, apresentadas de maneira tão interessante e significativa. E ficaram ansiosos para ver essas promessas concretizadas em sua vida. E nós também.

UMA ANÁLISE DE QUATRO BEM-AVENTURANÇAS

Basta de visão geral. Agora vamos analisar pontos específicos. Em vez de examinarmos apressadamente as oito bem-aventuranças, e apenas na superfície, vamos estudar com atenção as quatro primeiras. No capítulo 8, veremos as outras quatro. Assim poderemos captar melhor o jogo sutil de luz e sombra, e a rica coloração desse quadro pintado por Jesus para que o apreciássemos e aplicássemos à nossa vida. Isso faremos se meditarmos, com vagar, em cada uma das características de servo presentes no texto.

“Os Pobres de Espírito”

À primeira vista, isto parece referir-se àqueles que não têm dinheiro, ou têm pouco – pessoas pobres, cuja segurança financeira está no ponto zero. Errado. Notemos aqui que ele fala de pessoas que são “...pobres de espírito” (grifo meu). Uma autoridade bíblica, William Barclay, esclarece o significado disso:

“No hebraico, o sentido dessas palavras passou por um processo de quatro etapas. (1) Inicialmente significavam simplesmente pobre. (2) Em seguida, passavam a significar que por serem pobres, essas pessoas não possuíam nenhuma influência, poder auxílio ou prestígio. (3) Depois o sentido era de que não tendo influência, portanto eram pisadas e oprimidas pelos homens. (4) Por fim, elas identificavam uma pessoa que, não tendo recursos terrenos de nenhuma espécie, depositava

toda a sua confiança em Deus. Assim no hebraico, a palavra pobre era empregada para designar um homem que, sendo humilde e desamparado, punha toda a sua confiança em Deus.”

Que maravilhoso modo de iniciar um retrato de servo! É o retrato de uma pessoa que se vê como um falido espiritualmente, que não merece nada... e que se volta para o Deus Todo Poderoso em confiança total.

O hinólogo Augustus M. Toplady vislumbrou essa verdade, quando escreveu as palavras seguintes, que foram incorporadas à hinódia da igreja cristã:

“Nada em minhas mãos eu trago,
Mas simplesmente à tua cruz me arego;
Nu, venho a ti para ser vestido,
Desamparado, busco de ti a graça;
Sujo, à tua fonte vou,
Lava-me, Senhor, senão morrerei!”

O espírito de humildade é muito raro nesta época de atitudes orgulhosas e vontade forte. O punho cerrado tomou o lugar da cabeça inclinada. A boca desrespeitosa e o olhar arrogante ocupam hoje o lugar antes ocupado pela piedade sem alardes dos “pobres de espírito”. Quão semelhantes aos fariseus nos tornamos! Como somos autoconfiantes! E assumindo essa atitude, como nos sentimos desesperadamente infelizes! Jesus Cristo oferece uma felicidade genuína e duradoura a todos os que se dispuserem a declarar:

Senhor,
Sou uma casca vazia feita de pó,
mas animada por uma alma racional, invisível
e renovada pelo poder da tua graça invisível.
Entretanto, não sou um objeto raro de grande valor,
mas alguém que nada tem e nada é,
embora escolhido por ti desde a eternidade,
dado a Cristo e nascido de novo;
Estou profundamente convencido do mal e da miséria
do viver em pecado,
da vaidade das criaturas,
mas também da suficiência de Cristo.
Quando tu queres guiar-me, controlo a mim mesmo.
Quando tu queres ser soberano,
governo a mim mesmo.
Quando tu tomas conta de mim, eu me basto.
Quando deveria depender de ti,
supro eu mesmo as minhas necessidades.
Quando deveria submeter-me à tua providencia,
obedeço à minha própria vontade.
Quando deveria amar, conhecer, honrar e confiar
em ti, sirvo a mim mesmo.

Eu erro, modifico tuas leis para se ajustarem
aos meus desejos.
Em vez de olhar para ti, busco a aprovação dos
homens, e sou por natureza um idólatra.
Senhor, meu maior desejo é dar-te outra vez meu
coração.
Convença-me de que não posso ser meu próprio
deus, ou mesmo me fazer feliz,
nem ser meu próprio Cristo
para restaurar minha alegria,
nem meu próprio Espírito para ensinar-me,
guiar-me e governar-me.
Ajuda-me para que eu veja que tua graça opera isso
pelas aflições da vida, mandadas pela tua
providência.
Pois quando meu crédito é meu deus, tu me rebaixas.
Quando as riquezas são meu ídolo,
tu as afastas de mim.
Quando o prazer é tudo para mim,
tu o transformas em amargura.
Tira de mim o apetite das riquezas,
o ouvido curioso, o coração cobiçoso.
Mostra-me que nenhuma dessas coisas
pode sarar a consciência enferma,
ou dar firmeza a uma estrutura vacilante,
ou sustentar um espírito combalido.
Então leva-me à cruz e deixa-me lá.

Esse traço de caráter, que é a humildade espiritual, é seguida de uma promessa toda especial: "... por que deles é o reino dos céus", diz Jesus. A condição indispensável para se participar do reino dos céus é o reconhecimento de nossa pobreza espiritual. A pessoa que possui um coração de servo – semelhante a uma criança que confia plenamente na provisão feita por seus pais – tem a promessa de receber um lugar no Reino de Cristo. Uma atitude totalmente contrária a essa foi a revelada pela igreja de Laodicéia, à qual Cristo repreendeu com palavras duras. Estavam tão orgulhosos de si mesmos, que não enxergavam o seu egoísmo.

"Conheço as tuas obras, que nem és frio nem quente; quem dera foras frio ou quente! Assim, porque és morno, e não és frio nem quente, vomitar-te-ei da minha boca. Como dizes: Rico sou, e estou enriquecido, e de nada tenho falta; e não sabes que és um desgraçado, e miserável, e pobre, e cego, e nu;" (Ap 3.15-17)

É bem provável que não houvesse um só servo nessa igreja de Laodicéia. A primeira e mais importante atitude na vida de um autêntico servo é uma profunda

e constante dependência do Senhor. É com base nessa atitude de dependência que Lhe é feita a promessa do Reino dos Céus.

“Os que choram...”

Ao registrar esse ensino de Cristo, Mateus escolheu o mais forte termo do vocabulário grego, ao escrever choram. No grego, trata-se de uma palavra forte – um lamento profundo por um ente querido que foi amado com forte devoção, que revela o sofrimento daquele coração ferido, a dor da alma, a angústia do espírito. Ele pode abranger diversos tipos de lamento:

- Pranto pelos males do mundo.
- Pranto devido a uma perda pessoal.
- Pranto pela nossa própria condição de erro e pecaminosidade.
- Pranto pela morte de outra pessoa.

É interessante observar que este termo contém também a idéia de compaixão, de um genuíno interesse pelos outros. Talvez pudéssemos parafrasear corretamente este verso nos seguintes termos: “Como são felizes aqueles que se interessam profundamente pelas dores, sofrimentos e perdas dos outros...” Portanto, bem no centro desse traço de caráter encontramos a compaixão, outra atitude típica do verdadeiro servo, muito necessária hoje em dia.

Faz alguns anos, um homem de nossa igreja caiu quando estava tomando seu banho de chuveiro matinal. Escorregou no assoalho e caiu contra a porta de vidro do box com todo o seu peso. Seu braço e bíceps ficaram bastante feridos pelo vidro estilhaçado, e o compartimento logo ficou todo manchado de sangue. Pouco depois chegava a equipe de socorro, apressadamente, com as luzes piscando, sirenes e o rádio da ambulância em altos brados. O homem foi colocado numa padiola e levado com a família, rapidamente numa corrida frenética contra o tempo, em direção à ala de emergência do hospital mais próximo. Felizmente, sua vida foi salva, e ele se recuperou totalmente.

Quando conversei com sua esposa tempos depois, ela me contou que nenhum dos vizinhos nem mesmo chegou à porta para ver o que ocorria, isso sem falar que ninguém parou para perguntar se precisavam de algum tipo de ajuda. Ninguém... nem no dia do acidente, nem depois. Não revelaram a menor compaixão, pois Lhes faltava esse interesse genuíno. Que diferença do nosso Salvador! A Bíblia diz:

“Porque não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; porém, um que, como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado.” (Hb 4.15)

O verdadeiro servo é como seu Senhor: compassivo. E a promessa feita àqueles que “choram”? O Salvador promete que “serão consolados”. Em paga, o consolo estará à disposição deles. Acho muito importante não haver menção aí da origem dele. Simplesmente diz que virá. Talvez provenha da mesma pessoa por quem o

servo se interessou, quando estava em dificuldade. O fato é axiomático – quando não há sofrimento, não há consolo.

Até aqui, então, já vimos duas atitudes dos verdadeiros servos – total dependência de Deus e forte compaixão. Mas ainda há outras, muitas outras.

“Os Mansos”

O terceiro traço de caráter que Jesus coloca no retrato do servo é mansidão. “Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra.” (v.5)

Imediatamente, fazemos uma idéia errada. Pensamos assim: “Bem-aventurados os fracos, porque virarão capacho”. Em nossos dias em que ser durão e resistente é muito valorizado, pensamos na mansidão como sendo uma fraqueza; no manso como uma pessoa branda e sem vontade própria. Não se trata disso! O termo grego aqui empregado tem várias conotações e nos ajuda a entender corretamente a razão de o Senhor dizer que o servo precisa ser manso.

Ele é usado de vários modos em literatura secular:

- Um cavalo selvagem que foi domado, e agora pode ser controlado por um homem. É definido como manso, ou amansado.
- Palavras cuidadosamente escolhidas, que servem para acalmar o gênio exaltado por emoções fortes; são palavras mansas.
- Um unguento que era empregado para baixar a febre ou abrandar a dor de um ferimento, também era descrito como “manso”.
- Numa das obras de Platão, uma criança pede ao médico que a está cuidando, que seja delicado com ela. E a palavra por ela empregada é “manso”.
- Aqueles que são educados, que possuem tato no tratamento com outros, que são corteses e que respeitam e honram os outros, são chamados de “mansos”.

Portanto, vemos que a palavra mansidão contém sentidos que definem qualidades invejáveis, tais como possuir força mantida sob controle; ser calmo e pacífico, mesmo numa atmosfera agitada; exercer um influencia tranqüilizante em pessoas que possam estar irritadas ou fora de si; e ter tato e cortesia que fazem com que os outros conservem sua dignidade e auto-estima. É lógico que ela contém também a idéia da semelhança com Cristo, pois o mesmo termo é empregado para descrever sua maneira de ser:

“Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração; e encontrareis descanso para as vossas almas. (Mt 11.28-29)

E o que significa a promessa feita “...porque herdarão a terra?” Isso pode ser entendido de duas maneiras – agora ou no futuro. Ou significa que “no fim, sairão ganhando nesta vida”, ou que “receberão vastos territórios no Reino do Céu, sobre os quais irão governar”. Os mansos, em vez de perderem, ganham. Em vez de

serem espoliados e explorados, acabam ganhando, Davi menciona isso em um de seus maravilhosos salmos (37.7-11):

“Descansa no SENHOR, e espera nele; não te indignes por causa daquele que prospera em seu caminho, por causa do homem que executa astutos intentos. Deixa a ira, e abandona o furor; não te indignes de forma alguma para fazer o mal. Porque os malfeitores serão desarraigados; mas aqueles que esperam no SENHOR herdarão a terra. Pois ainda um pouco, e o ímpio não existirá; olharás para o seu lugar, e não aparecerá. Mas os mansos herdarão a terra, e se deleitarão na abundância de paz.” (Sl 37.7-11)

Sente o contraste? Pelo que se vê na aparência, têm-se a impressão de que os ímpios são vitoriosos. Eles prosperam, seus planos dão certo, suas trapagens, mentiras e injustiças para com os outros parecem trazer-lhes lucros. Aparentemente, vão ficando cada vez mais ricos e mais poderosos. É como James Russel Lowell disse certa vez: “parece que a verdade sempre vai para a força e que o erro vai sempre para o trono.”

Mas Deus diz que não será “para sempre”. A vitória final não será dos ímpios. “Os mansos” vencerão no fim. Você, que está se tornando um servo, creia nisso! Seja diferente! Deixe-se ficar na força... confie no seu Pai celestial, acredite que ele cumprirá a promessa com relação à sua herança. Será você o bem-aventurado!

Antes de encerrar este capítulo, desejo considerar outra característica marcante do servo – a quarta dessa lista de oito.

“Os que têm fome e sede de justiça”

O verdadeiro servo possui um apetite insaciável por tudo que é reto e busca ardentemente a justiça. Pelo lado espiritual, o servo está sempre engajado numa constante busca de Deus, num anseio ardoroso, incansável e intenso de andar com Ele, de agradar a Ele.

Bernard de Clairveaux, que viveu no século XI, expressou esse sentimento no seguinte hino de sua inspiração: Jesus, alegria do terno coração

Nós provamos de ti, Pão vivo,
E ansiamos para nos banquetear em ti.
Bebemos de ti, a Fonte viva,
E saciamos nossa alma em ti até nos satisfazermos.

Da pena de Bernard parecia gotejar uma incessante fome de Deus. Mas essa bem-aventurança também tem o seu lado prático. Ela não contém apenas a idéia de olhar para o alto, em busca da santidade vertical, mas também do olhar para os lados e sofrer com a corrupção, com as desigualdades e a total falta de integridade moral que nos cercam. O servo tem fome e sede de justiça na terra. Ele não se contenta simplesmente em dar um suspiro de resignação e encolher os ombros, pela ausência de justiça e pureza, considerando-as como inevitáveis. Ele luta pela justiça. Alguns talvez os chamem de idealistas ou sonhadores.

Uma dessas pessoas foi Dag Hammarskjöld, ex-secretário geral das Nações Unidas, que morreu num trágico acidente aéreo, quando viajava pela Rodésia, para tentar negociar um cessar-fogo. Em seu excelente Markings (Vinhetas), o falecido estadista escreve:

“A fome é minha cidade natal, na terra das emoções fortes. Fome pela comunhão com os outros, fome de justiça – de uma comunhão fundamentada em justiça, e uma justiça conquistada pela comunhão. Não tenha medo de si mesmo: viva plenamente sua individualidade – para o bem dos outros. Não imite os outros para obter comunhão com eles, nem faça das convenções sua lei e, sim, uma vida de justiça. Para se tornar livre e responsável. Pois só para isso o homem foi criado...”
E o que acontece quando este forte apetite pela justiça passa a integrar uma vida? O que promete Jesus?

“...porque serão fartos.”

A. T. Robertson, um estudioso do grego, do passado, apresenta a tese de que a palavra farto é empregada geralmente para significar alimentação de engorda de gado, já que deriva do termo que significa forragem ou relva. Que belíssimo quadro de felicidade e satisfação. Como uma rez bem alimentada e nutrida... alma satisfeita e contente, o servo que possui fome de justiça será farto. É muito reconfortante ouvir uma promessa dessas. Normalmente seríamos levados a pensar em agitação e preocupação. Mas, não; Jesus promete satisfação à alma que tem essa fome e essa sede.... um “descanso” de espírito que transmite um contentamento tranqüilo.

RESUMO GERAL E PERGUNTAS

Chegamos então à metade da lista de bem-aventuranças. É um bom momento para nos determos um pouco e resumirmos o que foi visto até aqui, neste inspirado retrato do servo. Jesus está fazendo, uma dissertação sobre como podemos ser diferentes, como ser um servo seu, um indivíduo peculiar, em um mundo hostil e iníquo. Ele dá proeminência a certos traços de caráter, oferecendo recompensas para aqueles que os possuem.

1. As pessoas que são genuinamente humildes de Deus, que o buscam, numa total dependência dele, terão assegurado um lugar em seu reino.
2. As pessoas que revelam compaixão para com os necessitados, para com os que sofrem, receberão (em paga) muito consolo para sua vida.
3. As pessoas que são mansas – isto é, interiormente fortes, mas exteriormente controladas, e que introduzem uma disposição tranqüilizadora em situações turbulentas – serão vitoriosas no fim.
4. As pessoas que possuem um anseio ardente pela justiça, tanto celeste com terrena, receberão do Senhor extraordinária medida de contentamento e satisfação pessoal.

Antes de analisarmos os quatro últimos traços de um servo autêntico – o que faremos no próximo capítulo – façamos a nós mesmos algumas perguntas (respondendo a cada uma diretamente e com a maior sinceridade possível):

- Será que sou realmente diferente?
- Estou levando tudo isto a sério... e tão a sério que estou disposto a modificar-me?
- Será que estou-me conscientizando realmente de que servir aos outros é uma das atitudes de semelhança com Cristo, que posso assumir?
- Que mudanças significativas as idéias expressas neste capítulo provocarão em minha vida?

A questão não é perguntar: “O que você deseja ser quando crescer?” mas, sim, “O que você está-se tornando, agora que já cresceu?”

8

RETRATO DE UM SERVO SEGUNDA PARTE

Quando visitamos uma galeria de arte, não andamos por ela afobadamente; vamos passando bem devagar. Paramos muitas vezes, analisamos bem aquelas obras ali guardadas, demorando-nos a apreciar os quadros. Examinamos os detalhes deles, a textura, a técnica empregada, a escolha e mistura de cores, os traços mais sutis e os mais fortes, o jogo de sombra e luz. E quanto mais valiosa for a tela, mais tempo e apreciação ela merece de nossa parte. Pode ser até que mais tarde voltemos a examiná-la novamente, com mais profundidade, principalmente se formos alunos daquela escola artística, ou do artista.

E Deus colocou, em sua galeria de obras valiosas, um quadro de imenso valor. Trata-se do retrato de um servo, esmeradamente pintado com palavras, e que, para entendermos e apreciarmos, precisamos empregar muito tempo. A moldura em que o quadro foi colocado é o imortal Sermão do Monte, proferido por Jesus. Já examinamos um parte dele, mas estamos voltando a analisá-lo, esperando ver mais detalhes, que nos ajudem a nos tornarmos semelhantes à pessoa retratada pelo Pintor.

ANÁLISE DE MAIS QUATRO QUALIDADES

Neste retrato-falado de um servo, Cristo ressalta oito características ou qualidades. Já estudamos as quatro primeiras no capítulo anterior. Agora voltamos ao quadro para fazermos uma análise das quatro últimas.

“Bem-aventurados os misericordiosos, porque eles alcançarão misericórdia; Bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus; Bem-aventurados os pacificadores, porque eles serão chamados filhos de Deus; Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus;

Bem-aventurados sois vós, quando vos injuriarem e perseguirem e, mentindo, disserem todo o mal contra vós por minha causa. Exultai e alegrai-vos, porque é grande o vosso galardão nos céus; porque assim perseguiram os profetas que foram antes de vós.” (Mt 5.7-12)

Os “Misericordiosos”

A misericórdia é um interesse profundo pelas pessoas que estão passando por alguma dificuldade ou sofrimento. É demonstrar cuidado para com os infelizes. Um oferecimento de auxílio aos que sofrem... que padecem sob os golpes da adversidade e das durezas da vida. O termo em si tem conotações muito interessantes.

“Ele não significa apenas ter pena de uma pessoa, no sentido popularizado dessa palavra; não significa apenas ter dó de alguém que se acha em dificuldades. O termo *chesedh*, traduzido misericórdia, designa uma capacidade de penetrar no interior de outra pessoa... Está claro, portanto, que não se trata apenas de sentir uma onda emocional de piedade; é muito mais que isso. Implica num esforço deliberado de nossa parte, um esforço da vontade e do espírito. Ele denota uma compaixão que nasce de uma deliberada identificação com o outro indivíduo, de modo que passamos a ver as coisas como ele vê, e senti-las como ele as sente.”

Esses servos de Deus, que conseguem oferecer misericórdia aos infelizes, muitas vezes o fazem com grande dose de encorajamento, pois se identificam com o que sofre, sentem onde o calo aperta. Em vez de ficarem a observar de longe o necessitado, ou de mantê-lo afastado de si, eles se aproximam, se envolvem com ele e lhe oferecem auxílio que possa trazer-lhe um pouco de alívio ao seu sofrimento.

Uma vez por mês, um grande grupo de universitários de nossa igreja lota um ônibus e vai – não para um clube campestre ou para uma praia a fim de se divertir, não – vai para uma boca de lixo em Tijuana, no México, onde vivem centenas de famílias pobres. Nossos jovens, sob a estimulante liderança de Kenneth Kemp (membro da nossa equipe de pastores) levam maçãs e outros alimentos para os pobres. Levam também quantias em dinheiro, que arrecadam para darem àquelas pessoas que levam uma existência tão miserável. Há vezes em que eles mal podem acreditar no que vêem, ouvem e no cheiro que sentem ali, naquele contato direto com a pobreza indisfarçada da boca de lixo de Tijuana.

O que estão fazendo? Estão mostrando misericórdia... um ministério dedicado ao próximo, gerado no ventre da identificação pessoal. Em nossa sociedade atual, fria, isolada, a misericórdia é uma virtude poucas vezes revelada. Em nossos Dias, as manchetes dos jornais contam histórias, as mais chocantes.

Ao regressar certa noite para seu apartamento, uma jovem foi brutalmente agredida. Durante meia hora, ela gritou por socorro, gritou até ficar rouca, tentando defender-se, enquanto seu agressor a atacava e a violentava. Das janelas próximas, trinta e oito pessoas observavam a cena com que hipnotizadas, durante aqueles trinta minutos. Nem uma delas foi ao menos ao telefone ligar para

a polícia. E naquela noite a moça morreu, porque trinta e oito pessoas testemunharam o fato em silêncio.

Outro jovem teve uma experiência semelhante. Um rapaz de dezessete anos viajava num metrô, sentado silenciosamente, cuidando de sua própria vida, quando foi atacado por outros que o esfaquearam no estômago. Havia ali mais onze passageiros que viram o esfaqueamento, mas nenhum deles foi em socorro do moço. E mesmo depois que os agressores fugiram e o trem arrancou, o rapaz ficou caído no meio de uma poça de sangue, sem que nenhum dos passageiros se aproximasse dele.

Um pouco menos dramático, mas igualmente chocante, foi o que passou uma senhora de Nova York. Estava fazendo compras na Quinta Avenida, na movimentada Manhattan, e em dado momento tropeçou, caiu e quebrou a perna. Começou a gritar por socorro, angustiada e quase fora de si. Ela ficou ali a pedir socorro não durante dois minutos, nem vinte, mas quarenta minutos, enquanto por ali passavam pessoas entre estudantes, executivos, negociantes e outros que faziam compras, que davam a volta ou passavam por cima, ignorando completamente seus gritos. Depois de algum tempo, praticamente centenas de pessoas haviam passado por ela. Então um motorista de táxi parou, colocou-a em seu carro e levou-a para um hospital próximo.

“Se vocês tiverem um amigo que está necessitado... e lhe disserem: ‘Bem, adeus, e que Deus o abençoe; aqueça-se e coma bem’, e depois não lhe derem roupas ou alimentos, que bem faz isso?” (Tg 2.15,16 – A Bíblia Viva)

E o apóstolo João penetra ainda mais fundo quando diz:

“Mas se alguém que se considerar cristão possui dinheiro suficiente para viver bem, e vendo um irmão em necessidade e não o ajudar – como é que o amor de Deus pode estar nele?” (I Jo 3.17 – A Bíblia Viva)

O verdadeiro servo é misericordioso. Ele se preocupa com os outros. Ele se envolve com os outros; suja-se, caso seja necessário. E não oferece aos outros apenas palavras piedosas, mas muito mais que isso.

E o que obtêm em retribuição? O que Cristo promete? “...alcançarão misericórdia.” Aqueles que se mantêm distantes, afastados e desinteressados com relação aos outros, receberão igual tratamento. Mas Deus promete que aqueles que estendem as mãos e demonstram misericórdia, a receberão de volta, tanto de outras pessoas, como do próprio Deus. Poderíamos fazer uma paráfrase dessa bem-aventurança do seguinte modo: “Ah, que felicidade a daquele que se identifica com os necessitados e os acode nisso; que penetra no interior deles de tal maneira que passa a enxergar com os olhos deles, pensar com a mente deles e sentir com seu coração. Aquele que assim age verá que, quando estiver necessitado, os outros farão o mesmo por ele.”

E foi exatamente isso que Jesus, o nosso Salvador, fez por nós, quando veio à terra; quando se tornou humano. Ele assumiu a nossa vida, entrando em nossa pele. Assim lhe foi possível vê-la através de nossos olhos, sentir o agulhão da dor,

e identificar-se com a angústia provocada pelas necessidades humanas. Por isso ele nos compreende. Lembremos aquelas maravilhosas palavras:

“Visto que temos um grande sumo sacerdote, Jesus, Filho de Deus, que penetrou nos céus, retenhamos firmemente a nossa confissão. Porque não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; porém, um que, como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado.” (Hb 4.14,15)

“Os Limpos de Coração”

Assim como a primeira característica dessa serie (“pobres de espírito”) esta qualidade também dá ênfase ao homem interior... à intenção... ao coração. Não se trata apenas de praticar o que é certo, mas de fazer o que é certo com a motivação certa. Trata-se de não usar de hipocrisia, de falsidade, não ter “duas caras”. Deus deseja que seus servos sejam pessoas “de verdade”, autênticos até a alma. O retrato que ele pinta deles é realista.

Nos dias de Jesus, muitos dos líderes religiosos que se diziam servos do povo, não eram “limpos de coração”. Longe disso! Eram falsos e hipócritas, homens que representavam um papel, sem integridade interior. Em Mateus 23 – que contém uma das mais severas repreensões bíblicas contra a hipocrisia – encontramos palavras que se acham em forte contraste com as bem-aventuranças. Em vez de oito “bem-aventurados”, encontramos oito “Ai de vós”. Conte-os: Mateus 23.13,14,15,16,23,25,27 e 28.

Ai de quem? Leiamos os versos 25 a 28.

“Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! pois que limpais o exterior do copo e do prato, mas o interior está cheio de rapina e de iniquidade. Fariseu cego! limpa primeiro o interior do copo e do prato, para que também o exterior fique limpo. Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! pois que sois semelhantes aos sepulcros caiados, que por fora realmente parecem formosos, mas interiormente estão cheios de ossos de mortos e de toda a imundícia. Assim também vós exteriormente pareceis justos aos homens, mas interiormente estais cheios de hipocrisia e de iniquidade.” (Mt 23.25-28)

Jesus disse isso! É pouco provável que ele desprezasse qualquer outro defeito de alguém que se dizia servo de Deus, mais do que desprezava a hipocrisia – a falta de pureza de coração. Notou as características daqueles fariseus hipócritas?

- Eram ótimos em questões de leis e regras, mas fracos em santidade.
- Eram ótimos em questões de aparência exterior, mas fracos interiormente.
- Eram ótimos em mandamentos públicos, mas fracos em questões de obediência pessoal.
- Eram ótimos em aparências, mas fracos em realidade de vida.

Exteriormente, pareciam “justos diante dos homens”, mas interiormente estavam “cheios de ossos”... “cheios de hipocrisia”. Por que Jesus detestava tanto a hipocrisia? Porque era a antítese do serviço cristão. E, por isso, ele declara repetidas vezes: “Ai de vós...”

Mas voltemos a Mateus 5.8: “limpos de coração”. Jesus exalta essa virtude. O termo limpo contém a idéia de estar livre de contaminação, sem corrupção ou escoria, sem malícia... de intenções sinceras e honestas.

Gosto muito daquela historietta sobre um pastor inglês que, há muitos anos, numa manhã de segunda-feira, pegou o ônibus para ir à sua igreja que ficava na parte central de Londres. Pagou a passagem ao entrar, preocupado com o programa de trabalho e com os problemas de sua congregação. Só depois que já estava sentado, foi que percebeu que recebera troco a mais. Recontando as moedas, seu primeiro pensamento foi bem estranho: “Puxa, como Deus nos dá o sustento!” Mas, a medida que os minutos se passavam, mais incomodado ia ficando. Sua consciência estava-lhe telegrafando insistente mensagem de que havia algo errado. Quando se aproximou da porta para saltar, olhou para o motorista e disse tranquilamente:

- Quando entrei, você me deu troco a mais por engano.

O motorista deu um sorriso irônico e replicou:

- Não foi por engano, não. Ontem estive na sua igreja e ouvi sua pregação sobre honestidade. Só queria fazer uma prova com o senhor, reverendo.

A promessa de Cristo é que os servos limpos de coração “verão a Deus”. Não há duvidas quanto ao destino final desses indivíduos. Estamos certos de que chegará o dia glorioso em que esses servos verão o Senhor e ouvirão dele as palavras mais preciosas que alguém poderia ouvir: “Muito bem, servo, bom e fiel; foste fiel... entra no gozo do teu Senhor” (Mt 25.21)

Antes de passarmos à próxima característica do servo, gostaria de desafiar a todos para que se tornem “limpos de coração”. Pensemos no que isto significa, que mudanças temos que fazer em nós, que hábitos teremos que cortar de nossa vida... e, acima de tudo, que máscaras teremos que remover.

Na ocasião em que escrevo essas palavras, eu e minha família estamos passando a semana do feriado de Ação de Graças numa estação de esqui, em Keystone, Colorado, no alto dos montes Rochosos. Fui convidado para fazer palestras para cerca de quinhentos jovens de profissão liberal, muitos dos quais trabalham com a Cruzada Estudantil e Profissional para Cristo. Que grupo maravilhoso! Durante toda a semana tenho falado sobre o serviço cristão autêntico, dando ênfase ao fato de que precisamos ser pessoas sinceras, autênticas, limpas de coração. Debates sobre a tendência humana de encobrir os erros, de dizer uma coisa querendo dizer outra, de ser hipócrita – tudo com um jeito tão inteligente, que os outros não descobrem a verdade.

Ontem à noite, resolvi fazer uma coisa que nunca tinha feito, a fim de ilustrar com bastante força essa mensagem. No meu último aniversário, minha irmã me deu uma máscara de borracha, dessas que encobrem toda a cabeça. E ela disse que me daria dez dólares, se eu tivesse coragem de usá-la num domingo, no púlpito (meus filhos subiram a oferta para quinze), mas não tive coragem. Pois ontem à noite, coloquei a máscara ao subir ao púlpito. Achei que, se havia um grupo que iria aceitar esse tipo de coisa, seria esse grupo para o qual estou falando. Foi extraordinário!

Não falei nada sobre ela. Sem nenhuma explicação, apenas me levantei e comecei a falar sobre a necessidade de sermos autênticos. E lá estava eu, pregando,

fazendo aquelas afirmações todas, e o povo ria a mais não poder. Por quê? Todo mundo sabe por quê! **A máscara anulava tudo o que eu dizia, principalmente falando sobre um assunto como esse. É impossível convenceremos os outros do que dizemos, quando usamos uma máscara.**

Afinal, arranquei a coisa, e os ouvintes se acalmaram quase no mesmo instante. E logo que isso aconteceu, todos entenderam o que eu estava mostrando. É interessante observar que, quando usamos uma máscara de verdade, ninguém se engana a esse respeito. Mas como é fácil usar máscaras invisíveis e enganar as pessoas, centenas de pessoas, durante muito tempo. Sabia que a palavra hipócrita vem de um termo grego que designava as antigas peças de teatro? O ator colocava uma máscara sorridente e declamava sua parte da comédia, enquanto o auditório se dobrava de rir. Depois ia para trás do palco, pegava uma máscara de expressão triste, com o cenho franzido, e recitava textos trágicos. A platéia chorava e se lamentava. Sabe como era chamado esse ator? Hupocritos – aquele que usa máscara.

O servo que é “limpo de coração” já removeu sua máscara. E Deus tem bênçãos especiais para a vida dele.

“Os Pacificadores”

É interessante notar que o termo grego que aqui é traduzido por “pacificadores” só aparece uma vez em todo o Novo testamento. Talvez seja mais fácil entendermos o significado desse vocábulo dizendo primeiro o que este texto não significa.

- Ele não significa: “Bem-aventurados aqueles que evitam todos os conflitos e confrontações.”
- Também não significa: “Bem-aventurados aqueles que são tranquilos, calmos, fáceis de levar.”
- Nem: “Bem-aventurados aqueles que defendem a tese da ‘paz a qualquer preço’.”
- E não significa também: “Bem-aventurados os passivos, aqueles que fazem concessões em suas convicções, quando são confrontados por pessoas que discordam deles.”

Não; nenhuma dessas idéias é o sentido certo da característica do “pacificador” mencionada neste verso.

A mensagem geral do texto é um imperativo: “Pacifique!” Veja isto:

“Se possível, quanto depender de vós, tende paz com todos os homens.” (Rm 12.18)

“Sigamos, pois, as coisas que servem para a paz e para a edificação de uns para com os outros.” (Rm 14.19)

“Porque onde há inveja e espírito faccioso aí há perturbação e toda a obra perversa. Mas a sabedoria que do alto vem é, primeiramente pura, depois pacífica,

moderada, tratável, cheia de misericórdia e de bons frutos, sem parcialidade, e sem hipocrisia. Ora, o fruto da justiça semeia-se na paz, para os que exercitam a paz. De onde vêm as guerras e pelejas entre vós? Porventura não vêm disto, a saber, dos vossos deleites, que nos vossos membros guerreiam? Cobiçais, e nada tendes; matais, e sois invejosos, e nada podeis alcançar; combateis e guerreais, e nada tendes, porque não pedis.” (Tg 3.16-18; 4.1-2)

Pegou a idéia? O “pacificador” é aquele que, primeiramente, está em paz consigo mesmo; tranqüilo, sem agitação, sem nervosismos, sem tumultos... e, portanto, não é agressivo. Em segundo lugar, ele se esforça ao Máximo para acalmar brigas, e não para provocá-las. É acessível, tolerante e não tem prazer em atitudes negativas.

Segundo o texto de Efésios 4.3, os pacificadores preservam “a unidade do Espírito no vínculo da paz”.

Já conviveu com cristãos que não eram pacificadores? Claro. Foi uma situação agradável? Sentiu neles um coração de servo? Sentiu-se edificado e inspirado? O corpo de Cristo foi fortalecido e amparado? Todos sabemos a resposta dessas perguntas.

Em seu livro *Great Church Fights* (Grandes Brigas na Igreja) – gosto desse título –, Leslie Flyn apresenta uma argumentação magnífica sobre o quanto podemos ser mesquinhos e irritantes. E transcreve um poemeto de autor anônimo, que toca profundamente em nossa firme intolerância, e expressa bem nossa tendência para o exclusivismo:

Creia como creio, nem a mais nem a menos;
Confesse que estou com a razão, e ninguém mais.
Sinta o que sinto; pense somente como eu;
Coma o que como, e beba o que bebo;
Tenha a minha aparência, e faça sempre o que faço;
E só aí então poderei ter comunhão com você.

Quem adota essa filosofia de vida não pode ser considerado um pacificador. Mas chega de aspecto negativo. Salomão tem algumas coisas a dizer a respeito das obras dos pacificadores.

- Eles edificam. “A mulher sábia edifica a sua casa.” (PV 14.1)
- Eles controlam a língua, e a usam para curar e não para ferir. “A resposta branda desvia o furor...” (Pv 15.1); “Palavras agradáveis são como favo de mel..” (P 16.24)
- Eles não se iram facilmente. “O homem iracundo suscita contendas, mas o longânimo apazigua a luta.” (Pv 15.18); “Melhor é o longânimo do que o herói de guerra, e o que domina o seu espírito do que o que toma uma cidade.” (Pv16.32)
- São humildes e confiantes. “O cobiçoso levanta contendas, mas o que confia no Senhor prosperará.” (Pv 28.25)

E o Senhor Jesus revela uma promessa maravilhosa que os pacificadores podem reivindicar: “... serão chamados filhos de Deus.” Filhos de Deus! A paz é uma das

coisas que mais nos assemelham a Deus. Quando a promovemos, a buscamos e damos exemplo dela, nos identificamos diretamente com ele.

Um homem que admiro já há uns vinte anos, e que foi meu professor de hebraico no seminário, é o Dr. Bruce Waltke. Ele não é apenas uma sumidade em cultura semítica, mas também um edificante servo de nosso Senhor. Em minha opinião, é um dos melhores exemplos de pacificador que se pode encontrar entre o povo de Deus. É difícil descrever a grandeza de seu intelecto, e no entanto é um modelo de amor e graça. Que maravilhoso equilíbrio!

Faz alguns anos, eu, e o Dr. Bruce, outro pastor e um aluno da Universidade Brandeis (que também já fizera curso de seminário), fizemos uma visita à igreja que deu origem à Primeira Igreja da Ciência Cristã, de Boston. Os quatro éramos totalmente desconhecidos ali, e uma senhora idosa nos recebeu e sorriu quando ali entramos. Ela não tinha a menor idéia de que estava falando com quatro pastores – e resolvemos não nos identificar, pelo menos inicialmente.

Ela nos mostrou vários pontos interessantes no salão principal. Quando chegamos perto do grande órgão de tubos, ela começou a falar sobre as doutrinas de sua igreja, e em especial sobre a crença de que não haverá julgamento para o homem na vida futura. O Dr. Bruce esperou o momento certo, e perguntou como quem não quer nada:

- Mas, minha senhora, não está escrito num verso da Bíblia que “aos homes está ordenado morrerem uma só vez, e, depois disto, o juízo”?

Ele poderia ter citado Hebreus 9.27 em grego! Mas usou de gentileza e tato para com aquela senhora! Devo confessar que fiquei pensando: “Força total, Bruce! Agora ela chegou aonde a gente queria!”

Mas ela, sem ao menos fazer uma pausa, disse simplesmente:

- Gostaria de visitar o andar superior?

Sabe o que o Dr. Bruce disse?

- Mas é claro que sim, muito obrigado.

Ela sorriu, parecendo estar um pouco aliviada, e pôs-se a subir um lance de escadas, conduzindo-nos para o segundo andar.

Eu quase não podia acreditar no que via. Só conseguia pensar numa coisa: Não; não a deixe escapar agora. Insista para que responda sua pergunta!” Em meio a essa luta interior, num dado momento, puxei-o pelo braço e indaguei em voz baixa:

- Por que não insistiu com ela? Por que não insistiu na pergunta, não deixando que saísse enquanto não respondesse?

Calma e tranquilamente, ele colocou a mão em meu ombro e respondeu em voz susurrada:

- Bem, Chuck, isso não seria justo de minha parte. E não teria agido com amor, teria?

Bem, a suave repreensão dele me deixou tonto. Nunca me esquecerei daquele momento. E para completar a história, talvez o leitor queira saber que, menos de vinte minutos depois, ele estava sentado ao lado daquela senhora, falando-lhe do Senhor Jesus Cristo com muito amor. E ela o escutava com grande atenção. Aquele grande pacificador conquistara uma ouvinte. E eu, o agressivo, havia aprendido uma lição inesquecível.

Sabem o que ela vira em meu amigo? Um exemplo vivo de um filho de Deus... exatamente como o Senhor promete nessa bem-aventurança: "... eles serão chamados filhos de Deus".

Neste capítulo temos estado examinando um retrato. Vimos o servo de Deus como uma pessoa misericordiosa, autêntica e como um indivíduo que busca a paz a todo custo. Agora falta apenas uma parte final do quadro, para analisarmos e apreciarmos demoradamente.

“Os que são perseguidos.”

Não sei que impressão o leitor tem deste texto, mas, à primeira vista, ele parece deslocado aqui. Principalmente vindo depois do que acabamos de ver sobre os pacificadores. Mas não está fora de lugar. Na verdade, a perseguição geralmente vem para aqueles que fazem o que é certo. No capítulo 12, iremos debater essa questão mais profundamente. Aqueles que sinceramente desejam servir aos outros, logo percebem que receber maus tratos passa a ser a norma, e não a exceção. É a regra geral! Cristo sabia que seria assim. Leiamos esses versos atentamente.

“Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus; Bem-aventurados sois vós, quando vos injuriarem e perseguirem e, mentindo, disserem todo o mal contra vós por minha causa. Exultai e alegrai-vos, porque é grande o vosso galardão nos céus; porque assim perseguiram os profetas que foram antes de vós.” (Mt 5.10-12)

Notou um fato interessante? Ela não diz: “se” os homens injuriarem, mas “quando” eles vos injuriarem. E eles não apenas irão injuriar-nos, mas também nos perseguir e falar mal de nós – mentiras e difamações. Está bem claro que Jesus ensina que seremos cruelmente maltratados. É duro suportar isso! Mas o Salvador afirma que sermos bem-aventurados quando o suportarmos, e promete uma grande recompensa para os que forem pacientes e demonstrarem perseverança. Há situações em que a única maneira de o servo suportar essas pressões sem tornar-se amargurado, é concentrar-se na recompensa prometida por Cristo. O Senhor chega a dizer que devemos nos regozijar e exultar, ao lembrarmos o grande galardão que ele nos dará nos céus.

Charles Haddon Spurgeon foi e sempre será considerado um dos mais talentosos e notáveis pregadores da história da Igreja. Qualquer um que goste de pregar e deseje cultivar a arte e a habilidade da comunicação deve estudar os textos de Spurgeon. Antes dos trinta anos, ele era o mais famoso pregador da Inglaterra. Todos os domingos, sua igreja, o Tabernáculo, ficava superlotada, pois vinham pessoas de todas as partes, e até de quilômetros de distância, a cavalo ou em charretes, para ouvir o talentoso pregador discorrer sobre a Palavra de Deus. E seus ouvintes sentiam-se estimulados, incentivados, exortados, alimentados e edificados na fé cristã. Ele realmente foi um fenômeno. Em consequência disso, tornou-se alvo de críticas por parte da imprensa, de outros pastores, de pessoas influentes de Londres, e também de alguns dos membros da igreja. De um modo

geral, ele aceitava as críticas até muito bem... mas afinal aquilo começou a “mexer” com ele. O grande pregador começou a dobrar-se ao peso dos ataques. A perseguição estava cobrando uma pesada taxa de seu espírito, até então bastante resistente.

Contaram-me que sua esposa, vendo os efeitos que aqueles ataques verbais estavam tendo sobre o marido, resolveu auxiliá-lo, para que voltasse a firmar-se e recuperasse sua poderosa presença no púlpito. Procurou na Bíblia, em Mateus 5.10-12, essa bem-aventurança que estamos analisando, e copiou as palavras dessa passagem numa folha de papel no teto do quarto, bem acima da cama, na direção do lugar onde ele dormia. Assim, todas as manhãs e todas as noites, quando ele recostava o corpo na cama, ali estavam aquelas palavras para estimulá-lo.

“Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus; Bem-aventurados sois vós, quando vos injuriarem e perseguirem e, mentindo, disserem todo o mal contra vós por minha causa. Exultai e alegrai-vos, porque é grande o vosso galardão nos céus; porque assim perseguiram os profetas que foram antes de vós.” (Mt 5.10-12)

E ela deixou a folha de papel ali pregada por um bom período, até que tivesse influencia sobre ele. Ah, que se aumente o número de pessoas iguais à esposa de Spurgeon. É reconfortante pensar que um cônjuge pode constituir semelhante fonte de encorajamento para o companheiro!

E é reconfortante ver também que não somos os únicos nessa questão da perseguição. Notou o que Cristo disse? “... pois assim perseguiram aos profetas que viveram antes de vós.” Servos, essa afirmação faz com que possamos dizer um “basta” à nossa tendência de sentir pena de nós mesmos, na primeira ocasião em que formos tentados a isso. Não somos os únicos. Isso vem acontecendo há séculos.

UM ÚLTIMO OLHAR AO RETRATO

Pouco antes de morrer, em fevereiro de 1971, minha mãe pintou um quadro a óleo para mim. Ele se tornou um “amigo silencioso”, uma expressão muda, mas eloqüente, de meu chamado. É um quadro de um pastor com suas ovelhas. Ele está sentado, sozinho, com o cajado na mão, de frente para a colina onde as ovelhas estão espalhadas. Não se vê o rosto do pastor, mas os carneirinhos que o cercam parecem ter personalidade própria. Alguns dão a impressão de dedicados e carinhos; um deles parece ter um espírito independente e obstinado, e um outro começa a desviar-se, andando para longe. Mas o pastor ali está, junto ao rebanho, fiel e diligentemente cuidando dele.

Essa obra de arte, um quadro bastante grande, está pendurado na parede de meu gabinete, e acima dele há uma lâmpada. Há ocasiões em que estou profundamente esgotado, após um dia de trabalho, atendendo às necessidades dos outros, ou depois de uma pregação, ou de muito contato com o rebanho. Vez por outra, em ocasiões assim, apago a lâmpada da saleta e a da mesa, e deixo

acesa apenas a que incide sobre essa pintura. Isso me ajuda a manter a perspectiva do trabalho. Ela é um lembrete para mim... uma reafirmação simples e silenciosa de que estou exatamente onde Deus me quer, fazendo o que ele quer que eu faça. Esse ato de dar um último olhar ao quadro do pastor com suas ovelhas, sempre me traz um grande estímulo, ao final de um dia de trabalho.

E nestes dois capítulos, estivemos fazendo isso. Estivemos estudando o retrato do verdadeiro servo, pintado por Jesus, examinando todos os seus detalhes. E percebemos que esse estudo foi ao mesmo tempo esclarecedor e edificante. Vimos que as promessas de Cristo nos dão segurança e que a repetida afirmação “Bem-aventurados os...” nos ajuda a ter firmeza. Ele descreve nossa missão, e o faz explicar nossa condição de:

- Pobres de espírito
- Pranteadores
- Mansos
- Famintos e sedentos de justiça
- Misericordiosos
- Limpos de coração
- Pacificadores
- Perseguidos

E quando apagamos todas as outras “lâmpadas” que podem desviar nossa atenção, isso faz com que concentremos o pensamento nessas oito qualidades específicas. Agora, a pergunta que se acha diante de nós é: será que uma pessoa assim poderia realmente exercer alguma influência nesse nosso mundo obstinado, competitivo, voluntarioso? Seria possível um servo deixar suas marcas nele?

E o capítulo seguinte responde essa pergunta com um sonoro “Sim; pode”. Nesse nosso mundo escuro e insípido somente o servo pode ser sal e fonte de luz.

9

A INFLUÊNCIA DO SERVO

Nosso mundo é duro, difícil e ímpio. Por toda a parte encontramos agressões, violência, competição impiedosa e revides. E isso não acontece apenas no plano internacional, mas também de indivíduo para indivíduo. O que ocorre nas câmaras secretas dos conselhos das nações passa-se também dentro das paredes dos lares. Somos seres obstinados, belicosos. “Um lar americano”, segundo afirma um estudo realizado na Universidade de Rhode Island, é considerado “um dos mais perigosos lugares, vindo logo depois dos tumultos de rua e guerras”. Nada menos que 30% dos casais americanos conhecem algum tipo de violência doméstica durante seu período de vida. Isso explica a elevada taxa de policiais mortos em serviço ao atenderem chamados de brigas em casas de família, que é de 20%, e o elevado número de mulheres espancadas em nossa pátria, por ano, que é estimado entre seis e quinze milhões. E esses números estão aumentando. O coração do homem é aberta e totalmente depravado.

Que influencia poderia ter sobre uma sociedade impiedosa e hostil como a nossa, um servo como o que é descrito em Mateus 5:1-12? Que tipo de impacto poderiam

ter sobre as pessoas – que impressão causariam os “pobres de espírito”, os “mansos”, os “misericordiosos”, os “limpos de coração”, os “pacificadores”? Essas virtudes, pouco retumbantes, parecem ter muito pouca força, quase como uma “guerra de travesseiros” em confronto com um conflito nuclear. Principalmente porque temos todas as desvantagens contra nós. Os servos de Jesus Cristo sempre serão uma minoria... um pequeno remanescente cercado por uma maioria contrária, de punhos cerrados a nos ameaçar. Será que nossa presença aqui poderá ter algum efeito positivo? Não seria qualquer esforço um desperdício de energias?

Jesus, que esboçou o retrato deste servo, não partilhava desse ceticismo. Mas tampouco negou que haveria uma batalha. Não nos esqueçamos das pinceladas finais que ele deu naquela tela inspirada que acabamos de examinar e admirar. Lembrem-se de suas palavras? Elas dão a clara indicação de que a sociedade é uma zona de combate, e não um local de veraneio.

“Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus; Bem-aventurados sois vós, quando vos injuriarem e perseguirem e, mentindo, disserem todo o mal contra vós por minha causa. Exultai e alegrai-vos, porque é grande o vosso galardão nos céus; porque assim perseguiram os profetas que foram antes de vós.” (Mt 5:10-12)

Não; ele nunca nos prometeu um mar de rosas. Ele foi bastante explícito e reconheceu que a arena deste mundo não é um amigo leal que nos ajuda na caminhada para Deus. Entretanto, embora isso possa parecer estranho, ele não parou aí, e disse àquele grupo de aldeões palestinos (e a todos os genuínos servos cristãos, de todas as gerações) que a influência deles sobre o mundo seria notável. Eles iriam ser o “sal da terra” e a “luz do mundo”. E nós também devemos sê-lo. A influência deles seria tão fortemente sentida, e a sua presença tão significativa como a do sal no alimento, e da luz nas trevas. Nenhum desses dois elementos é ruidoso e exteriormente forte, mas ambos são essenciais. Se nos ausentássemos, este velho mundo logo começaria a sentir nossa falta. Embora talvez a sociedade não o confesse, a verdade é que ela precisa de sal e luz.

O GUARDIÃO DAS ÁGUAS

O falecido pastor Peter Marshall, um pregador eloqüente, que durante alguns anos foi capelão do senado americano, gostava de contar a história do “Guardião das Águas”, um tranqüilo guarda florestal que morava próximo a uma cidadezinha da Áustria, na encosta oriental dos Alpes. O velho havia sido contratado pelo governo da cidade, havia alguns anos, para manter livre de restolhos a nascente de água que brotava da montanha, e que corria para a fonte que abastecia o lugar. E com fiel e silenciosa regularidade, ele vagava pelos montes, removendo folhas e galhos caídos, e raspava o limo ali sedimentado que poderia contaminar a água. Com o passar do tempo, aquela povoação tornou-se um centro de atração turística. Cisnes graciosos nadavam no riozinho cristalino, e as rodas de moinho localizadas perto das águas giravam dia e noite, as terras cultivadas eram irrigadas

naturalmente, e a vista que se tinha dos restaurantes era muito pitoresca, quase indescritível.

Passaram-se os anos. Uma noite, os membros da câmara municipal se reuniram, como faziam todo semestre. Ao examinarem o orçamento, um deles teve seu olhar atraído para o salário que estava sendo pago ao obscuro guardião das águas.

- Quem é esse velho? Indagou o responsável pela bolsa. Por que o mantemos nesse serviço esses anos todos? Ninguém o vê. Até onde sabemos, esse estranho mateiro não nos presta nenhum serviço. Ele não nos é mais necessário.

E por votação unânime, dispensaram os serviços do velho. Nas primeiras semanas que se seguiram, as coisas não mudaram nada. Mas, no início do outono, as folhas das árvores começaram a cair. Pequenos ramos se quebravam e caíam sobre as fontes, dificultando o curso daquelas águas cristalinas. Certa tarde, alguém notou nas águas um colorido ligeiramente escuro. Mais alguns dias, e a água já se mostrava mais escura. Passada outra semana, viam-se películas de impurezas boiando no rio, ao longo das margens, e um odor infecto era sentido nele. As rodas do moinho giravam mais lentamente, e algumas até haviam parado. Os cisnes desapareceram; foram-se os turistas. As garras pegajosas das doenças e moléstias estenderam-se por toda a cidade.

Imediatamente, a câmara administrativa convocou uma reunião especial. Compreendendo seu grande erro, readmitiram o velho guardião das águas... e dentro de poucas semanas, aquele verdadeiro rio da vida começava a purificar-se. As rodas voltaram a girar, e uma nova vida recomeçou naquele povoado alpino.

Embora esta história possa ser fantasiosa, o fato é que não se trata de um simples conto. Contém uma analogia vívida e muito significativa com os tempos em que vivemos. O papel que aquele guardião das águas tinha para a cidade, é o mesmo que o verdadeiro cristão representa para o mundo. A pitada de sal, que preserva e dá sabor, aliada ao raio de luz que esclarece e produz esperança, podem parecer fraca e desnecessária... mas que Deus tenha piedade da sociedade que resolver existir sem eles! Porque a cidade que fica sem o “Guardião das Águas” é uma ilustração perfeita do mundo sem o sal e a luz.

UMA ANÁLISE CRÍTICA DE NOSSOS DIAS

A fim de vermos melhor como nossa sociedade está vazia e desesperada, façamos um rápido estudo de 2 Timóteo 3. Nos primeiros treze versículos, encontramos três descrições irrefutáveis das condições do mundo – difícil, corrupto e enganado.

Difícil

Leiamos atentamente os versos de 1 a 7.

“SABE, porém, isto: que nos últimos dias sobrevirão tempos difíceis. Porque haverá homens amantes de si mesmos, avarentos, presunçosos, soberbos, blasfemos, desobedientes a pais e mães, ingratos, profanos, sem afeto natural, irreconciliáveis, caluniadores, incontinentes, cruéis, sem amor para com os bons, traidores, obstinados, orgulhosos, mais amigos dos deleites do que amigos de

Deus, tendo aparência de piedade, mas negando a eficácia dela. Destes afasta-te. Porque deste número são os que se introduzem pelas casas, e levam cativas mulheres néscias carregadas de pecados, levadas de várias concupiscências; Que aprendem sempre, e nunca podem chegar ao conhecimento da verdade.” (2 Tm 3.1-7)

Agora pegue um lápis e faça um círculo em torno da palavra “difíceis” no verso 1. A raiz grega aí empregada significa “penosos, ásperos, terríveis, selvagens”. E aparece apenas mais uma vez no Novo Testamento. É em Mateus 8.28, onde o autor descreve dois homens endemoninhados, dizendo que eram “furiosos”. Que bela descrição de nosso mundo! Selvagem, áspero, violento! Se alguém duvidar disso, e assistir ao noticiário da televisão. Essas duas fontes comprovam que nossa “aldeia” se acha em condições desesperadoras.

Corrupto

Agora vejamos os dois versos seguintes.

“E, como Janes e Jambres resistiram a Moisés, assim também estes resistem à verdade, sendo homens corruptos de entendimento e réprobos quanto à fé. Não irão, porém, avante; porque a todos será manifesto o seu desvario, como também o foi o daqueles.” (2 Tm 3.8-9)

Paulo menciona dois homens dos dias de Moisés que são figuras das pessoas que vivem nesses dias “difíceis”. Corrompidos é a palavra empregada para descrevê-los. Faça um círculo em torno dela, no versículo 8. Isso significa que a humanidade se acha no mais baixo grau de corrupção a que poderia chegar. Morta para com Deus. Insensível a qualquer toque espiritual. Endurecida de coração e interiormente negra. Dois textos de Isaías me ocorrem agora, que são boas ilustrações da corrupção humana:

“Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo seu caminho; mas o SENHOR fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos.” (Is 53.6)

“Mas todos nós somos como o imundo, e todas as nossas justiças como trapo da imundícia; e todos nós murchamos como a folha, e as nossas iniquidades como um vento nos arrebatam. E já ninguém há que invoque o teu nome, que se desperte, e te detenhas; porque escondes de nós o teu rosto, e nos fazes derreter, por causa das nossas iniquidades.” (Is 64.6-7)

“Todos... todos... todos... todos... todos.” A depravação é uma doença universal da sociedade. E estamos colhendo o que semeamos. Nosso mundo se acha num curso de colisão, com destino a uma eternidade sem Cristo. Vejamos agora a terceira palavra.

Enganado

Ninguém ficará surpreso ao ler essas palavras:

“Mas os homens maus e enganadores irão de mal para pior, enganando e sendo enganados” (2 Tm 3.13)

Faça um círculo em torno desta última palavra. Nossa “aldeia” é um lugar onde florescem os impostores. Todas as categorias profissionais estão cheias de entendidos em roubo. Também há religiosos charlatões em todas as partes. Muitos políticos conversam com sua fala enganosa, e duas caras. Ninguém pode negar a fachada falsa e fingida de tudo que se vê. E a Bíblia está certa, tudo vai “de mal a pior”. Retire-se a “fonte” de vida dessa aldeia – retire-se dela o sal e a luz – e dentro de pouco tempo ela se encontrará cheia de enfermidades e contaminações. Pois que venha o guardião das águas. Ele pode parecer ausente e sem valor, mas sem o sal e a luz que ele oferece sem alardes, fica apenas o desespero total. Falando-se tecnicamente, só pode haver um “Guardião das Águas”: o Senhor Jesus Cristo. Mas nós, os seus servos, seus embaixadores e representantes, fomos chamados para atuar em sua ausência. Nós os seus servos, fomos designados para realizar uma tarefa não muito diferente daquela que era realizada pelo velho guardião dos Alpes. Mas como podemos executar o trabalho?

INFLUÊNCIAS INDISPENSÁVEIS PARA O BEM

Voltemos novamente a Mateus 5. Lembramos que nos primeiros doze versos Cristo fala das qualidades do caráter do servo. É interessante notar que ele usa os pronomes eles, deles, aqueles. Mas quando menciona a influência do servo na sociedade, diz vós. “Vós sois o sal... vós sois a luz.” É uma realidade bem pessoal. Igualmente significativa é a ausência do termo como. O sal e a luz são aquilo que nós somos, não que nós representamos, que oferecemos, nem coisas com que nos comparamos. A mensagem, então, é a seguinte: uma sociedade caracterizada pela violência e pelas trevas da corrupção e engano, sem a presença do sal e da luz, irá se deteriorar e por fim se destruirá. Como os servos de Cristo são ao mesmo tempo sal e luz, nossa influência é essencial à sobrevivência dela.

John R. W. Stott fala do valor de nossa influência do seguinte modo:

“O mundo, evidentemente, é um lugar escuro, com pouca luz, ou sem nenhuma claridade própria, já que precisa de uma fonte exterior a ele. É verdade que ele ‘está sempre falando de sua clareza de conhecimento’, mas grande parte dessa luz de que se gaba, na verdade é trevas. O mundo revela também uma constante tendência para se deteriorar. A idéia aqui não é a de que o mundo é insípido e que o cristão pode dar-lhe sabor (“a idéia de que o mundo possa tornar-se saboroso para Deus é totalmente inviável”), mas, sim, de que está-se deteriorando. E ele próprio não pode impedir esse processo de decomposição. Somente o sal, que lhe vem de fonte externa, pode fazer isso. A igreja, por outro lado, é colocada no mundo com uma função dupla: como sal para deter o processo de putrefação social – ou pelo menos impedi-lo, e como luz, para dissipar as trevas. Quando

examinados mais atentamente essas duas metáforas, vemos que foram ali colocadas deliberadamente, a fim de formarem um paralelo entre si. Em cada uma delas, Jesus faz primeiro uma afirmação (“Vós sois o sal da terra” e “Vós sois a luz do mundo”). Em seguida ele acrescenta uma cláusula, uma condição da qual depende a estabilidade da afirmação (o sal deve reter sua salinidade; a luz deve ter condição de brilhar). Se o sal perder o sabor não presta para nada; a luz, se for escondida, não tem nenhum valor.”

Enquanto o sal do servo exerce sua influência sobre uma sociedade em decomposição, oferece certa medida de preservação. E quando a luz do servo brilha sobre uma sociedade corrupta e moribunda, um pouco de suas trevas é disperso. Examinemos mais profundamente essas duas metáforas.

O Sal da Terra

Já cheirou um pedaço de carne velha, estragada? Lembra-se de haver colocado uma coisa qualquer na geladeira e depois ter-se esquecido dela? O odor que se desprende da matéria em decomposição é bem distinto e peculiar. Na cidade onde me criei, Houston, achávamo-nos a apenas setenta e cinco quilômetros da cidade portuária de Galveston. Nos restaurantes da região, sempre se encontravam deliciosos pratos de peixe fresco – e ainda se encontram. Mas havia outras coisas que fazíamos com os alimentos marinhos, principalmente com o camarão. Quando um amigo se casava, uma das peças que gostávamos de pregar-lhe era remover as calotas dos pneus do carro e enchê-las de camarão. Era um ótimo truque. O camarão não fazia barulho, e ele seguia por horas e horas sob o calor do sul do Texas. Após uns dois ou três dias de viagem, estacionando em lugares ensolarados, paradas ocasionais no tráfego, a noiva começava a deslizar para mais perto da porta. E então começava a indagar-se talvez seu amado noivo não teria esquecido de trazer o desodorante. E á medida que as horas iam passando, ele começaria a pensar o mesmo dela. E, enquanto isso, os camarões iam fazendo seu serviço no interior de cada roda. Por fim, o jovem Don Juan arrancaria a calota (e algumas vezes, eles só iriam descobrir a peça uma semana depois), e não é preciso dizer o que acontecia. Um punhado de camarões encerrados dentro de uma calota de carro, durante uma semana, faz com que o odor da jaritaca pareça Chanel nº5. É horrendo! Se quisermos guardar camarão durante certo tempo, precisamos preservá-lo. Se não o fizermos, ele se deteriorará. Anos atrás, usava-se o sal para isso. Hoje utiliza-se mais o gelo.

Ao ler as palavras abaixo, pensemos na terra como um punhado de camarões.

“Vós sois o sal da terra; e se o sal for insípido, com que se há de salgar? Para nada mais presta senão para se lançar fora, e ser pisado pelos homens.” (Mt 5.13)

A terra e seus habitantes encontram-se num contínuo processo de deterioração. Nós somos o “sal da terra”. R. V. Tasker, professor de exegese do Novo Testamento na Universidade de Londres, tem razão quando diz: “Da mesma forma, os discípulos são chamados para serem uma espécie de desinfetante moral,

para um mundo cujos padrões morais são baixos, estão constantemente mudando ou não existem.” A nossa própria presença nele detém a corrupção. O sal é ainda um agente curativo. E provoca sede. Ele dá sabor, realçando o sabor de muitos alimentos. O sal é uma substância notavelmente útil, só que.... Será que notamos a presença de uma palavrinha no verso 13? “... se o sal vier a ser insípido...” (quer dizer: “se o sal perder sua qualidade picante, aquilo que o torna peculiar”). Jesus não introduz aqui uma advertência imaginária, mas verdadeira. Se for removida do cristão aquela sua virtude que o distingue de tudo, não sobra nada que tenha valor. Para nada mais prestamos, como diz o Senhor.

Gostaria de fazer uma observação bem direta agora. O pensamento secular está corroendo sensivelmente esse caráter distintivo que o servo de Deus possui. E isso está começando a influenciar a igreja de Jesus Cristo. Muitos crentes já submeteram sua mente ao sistema do mundo. Aquela mente cristã, distinta da do mundo, hoje é peça rara. Ideologia tais como humanismo, secularismo, intelectualismo e materialismo invadiram o pensamento cristão de tal forma, que nosso sal ficou diluído – e em alguns casos, nem existe mais.

Francis Schaeffer, revelando determinação e zelo proféticos, tem tentado despertar-nos para enxergar essa moléstia. E Harry Blamires, que poderíamos chamar de Schaeffer britânico (e que foi aluno de C. S. Lewis em Oxford) afirma abertamente e de forma dogmática: “Não existe mais pensamento cristão.” Influenciado e marcado pela imprensa, pelos sistemas educacionais secularizados, pelas expectativas, hoje tão baixas da sociedade, e pelas todo-poderosas pressões de seu grupo social (sem mencionar o impacto causado pela televisão e cinema), o servo cristão pode facilmente cair na armadilha. Podemos virtualmente parar de pensar em consonância com a Bíblia e deixar de “sacudir o saleiro”.

É por isso que Jesus expõe essa sua preocupação com tanta ênfase: “Para nada mais presta senão para, lançado fora, ser pisado pelos homens.” (Mt 5.13) Temos que exercer a função de preservar... senão perderemos nossa influência e nos tornaremos tão insignificantes, como uma camada de poeira nas ruas das cidades. Servo, tenha cuidado com isso!

Antes de passarmos à outra contribuição que temos para a sociedade, a luz, gostaríamos de pensar um pouco sobre os aspectos práticos e positivos do sal.

- O sal é polvilhado e espalhado... não derramado. Ele tem que ser espalhado. O sal em demasia estraga um alimento. Isso é um bom lembrete para os cristãos, no sentido de que se espalhem, em vez de ficarem todos aglomerados em grupos.
- O sal aumenta o sabor... mas não aparece. Nunca vemos ninguém dizer:
 - Puxa, como este sal é bom!
 - O que dizemos muitas vezes é:
 - Este prato está realmente saboroso!
 - O verdadeiro servo cristão realça o sabor da vida, um sabor que sem ele não existiria.
- O sal não se parece com nenhum outro tipo de tempero. Entretanto, sua força está exatamente em ser diferente dos outros. Ele não ode ser imitado; e para ser útil, precisa ser colocado no alimento. O sal que permanece no saleiro não vale de nada para ninguém.

A luz do Mundo

Não lhe parece relevante que Cristo tenha dado ao servo a mesma característica que deu a si mesmo?

“Falou-lhes, pois, Jesus outra vez, dizendo: Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andar­á em trevas, mas terá a luz da vida.” (Jo 8.12)

O servo de Cristo brilha no meio de uma sociedade que está irremediavelmente perdida, entregue a si mesma. Agora vamos responder a duas perguntas:

1. Qual é a função básica da luz?
2. Qual a melhor maneira de desempenhar essa função?

A resposta da primeira é óbvia: dissipar a escuridão. Quando se acende uma luz, as trevas se vão. Não importa a densidade desta escuridão. E a resposta da segunda pergunta é encontrada nas palavras de Jesus:

“Vós sois a luz do mundo; não se pode esconder uma cidade edificada sobre um monte; Nem se acende a candeia e se coloca debaixo do alqueire, mas no velador, e dá luz a todos que estão na casa. Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai, que está nos céus.” (Mt 5.14-16)

Como são afastadas as trevas? Primeiramente, não se escondendo a luz; mas pondo-a “sobre um monte”. E em segundo lugar, não se impondo limitações a ela; mas colocando-a “no velador, e alumia a todos que se encontram na casa”. Os servos estão para um mundo em trevas, assim como as estrelas estão para o céu noturno. Foi essa analogia que inspirou certo escritor a escrever:

“Às vezes penso como seria maravilhoso se os não-crentes ficassem curiosos para saber o segredo da origem da nossa luz, e se aproximassem de nós recitando: “Brilha, brilha, estrelinha! / Como eu gostaria de saber o que tu és!”

Constituímos um estranhíssimo fenômeno para os que se acham em trevas. Eles não conseguem entender-nos. E era exatamente essa a intenção de Jesus. Vejamos algumas características distintivas da luz.

- A luz é muda. Não faz barulho; não faz alarde, nem levanta bandeiras – ela simplesmente brilha. É com um farol a brilhar numa acidentada costa marinha. A única coisa que faz é brilhar, em seu giro constante
- A luz indica a direção. Sem palavras e sem sermões. Jesus afirma que os outros “vêem” nossas ações – mas não há referência ao fato de ouvirem nada.
- A luz atrai a atenção. Quando acendemos uma luz num aposento às escuras, não precisamos pedir a ninguém para olhar para nós. É um gesto

automático. Se você é um crente numa equipe esportiva cheia de atletas não crentes, você constitui uma luz em meio às trevas. Se você e sua família ao os únicos crentes em meio a um bairro de não crentes, vocês são uma luz nas trevas. O mesmo acontece a quem é o único estudante crente de sua escola, a única enfermeira crente de sua ala, ou o único empregado crente de sua firma, ou o único vendedor de seu distrito. Essa pessoa é uma luz nas trevas – um servo de Deus que está sendo observado, e que está emitindo uma mensagem bem clara... muitas vezes sem dizer uma palavra sequer. A princípio, é possível que os outros detestem a luz – mas não nos preocupemos com isto; mesmo assim eles se sentem atraídos por ela. Pois que ela brilhe! Não procuremos exhibir-nos, mostrando como é forte o nosso brilho. Apenas brilhemos!

O Dr. Martyn Lloyd-Jones salienta esse aspecto:

“E ao produzirmos e revelarmos luz em nossa vida diária, devemos lembrar que o cristão não chama a atenção dos outros para si mesmo. O ego ficou em segundo plano, subjugado pelas qualidades da pobreza de espírito, mansidão, e de outras virtudes mais. Em outras palavras, temos que fazer tudo por amor a Deus e para a sua glória. O eu tem que estar ausente, e deve ser totalmente esmagado, em todas as suas sutilezas, por amor a Deus e para a sua glória. Deduzimos então que temos de fazer essas coisas de modo a levar os homens a glorificar a Deus, a gloriar-se nele e se dedicar a ele. ‘Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para vosso Pai que está nos céus.’ Sim; e vê-las de tal modo, que eles próprios glorifiquem nosso Pai; temos que agir assim para que essas outras pessoas possam glorificá-lo também.”

Que grande lembrete para nós!

A “aldeia” se encontra em tristes condições. Díficeis, corruptos e enganados, aqueles que vivem nela estão levando uma existência insípida e desesperada. Precisam de sal e de luz... os dois ingredientes que o servo de Deus personaliza para eles.

NOSSA REAÇÃO A ESSA RESPONSABILIDADE

Já que Deus nos chamou para sermos servos do tipo que é sal e luz numa sociedade insípida e em trevas, será necessário que nos dediquemos à tarefa que se encontra diante de nós. Lembremos que o sal não deve perder seu sabor, nem a luz deve ser escondida. A fim de nos mantermos sempre no alvo, gostaria de sugerir três afirmações que descrevem o modo como podemos cumprir essa missão.

1. “Sou diferente.” Provavelmente, a maior tragédia da cristandade, em todos esses séculos de história e de transformações, tem sido o fato de que ela tende a tornar-se semelhante ao mundo, em vez de ir ficando cada vez mais diferente dele. A cultura prevalente tem-nos sugado para si como um gigantesco aspirador de pó, e é de admirar como estamos nos conformando a ela.

Mas o servo tem que ser diferente. É com disse certo homem: “Diferente como o queijo e um giz”. Diferente como o sal é da carne deteriorada... com a luz difere da escuridão de uma caverna. E não deve ser uma diferença apenas de fachada, lembremos isso. Temos que ser genuinamente diferentes.

2. “Sou responsável.” Se entendo corretamente essas palavras de Jesus, não vejo nelas apenas a idéia de ser sal e luz; há mais que isso. Tenho a responsabilidade de não deixar que meu sal perca sua qualidade, e nem que minha luz se torne obscura ou fique escondida. Vez por outra, será bom dirigirmos a nós mesmos algumas perguntas sérias. O verdadeiro servo não é uma pessoa meramente de palavras; é mais que isso. Recusamo-nos a nos tornar como aquele “cristão de toca” de que fala John Stott, que sai de sua toca, sua confortável moradia, apenas para ir às reuniões da igreja, e depois volta de novo para ela. Para que o sabor do sal seja provado e a luz vista, é preciso que entremos em contato com outros. Temos uma responsabilidade pessoal.

3. “Eu exerço influência.” Não nos enganemos. O próprio fato de pertencermos a Cristo – o fato de não adotarmos o sistema do mundo, de marcharmos num compasso diferente – nos reveste de poder de influência diante de nossa sociedade. É possível que aquele simples e velho “guardião das águas” não fosse visto com muita frequência, mas o exercício de sua função significava a sobrevivência daquele povoado dos Alpes. E nós estamos sempre influenciando outros, mesmo quando não assumimos uma postura religiosa ou não pregamos numa esquina de rua.

Rebecca Pippert, em seu livro *Out of the Saltshaber Into the World* (Saindo do saleiro e entrando no mundo), relata uma história que ilustra perfeitamente o impacto que causamos sobre os outros, mesmo quando não fazemos nenhum esforço consciente neste sentido. É um exemplo clássico do modo esquisito como o mundo às vezes reage à presença do cristão.

“Algumas vezes, os não-crentes agem de forma estranha quando estamos por perto, porque estão sendo convencidos do pecado pelo Espírito Santo que habita em nós, e isso é bom. Mas, muitas vezes, eles se comportam de maneira ‘diferente’, porque acham que esse é o modo como devem agir, quando há pessoas religiosas em torno deles. Frequentemente, quando as pessoas ficam sabendo qual é minha profissão, enquadram-me na categoria de religiosa. E como viajo muito, trago comigo um cartãozinho de ministra do evangelho, que às vezes me dá direito a descontos em passagens. O único problema é que alguns agentes de viagem não acreditam que tenho autorização para utilizá-lo. Quando eles vêem um cartão desses, a primeira imagem que lhes vêm à mente não é exatamente a de uma mulher jovem. E várias vezes têm-me feito a pergunta:

- Certo, meu bem, mas onde foi que você roubou esse aí?

Certa vez, eu ia tomar um avião de San Francisco para Portland, e ao chegar ao balcão fui atendida por um vendedor muito amigoso.

- Olá! Como vai! disse ele.

- Ah... eu vim apanhar minha passagem. Fiz uma reserva no vôo para Portland.
- Ih, lamento muito, mas não poderá viajar para lá hoje.
- Por quê? O vôo foi cancelado?
- Não; é que você vai jantar comigo.
- Quê?
- Ouça, sei de um restaurante fabuloso, com um conjunto musical da pesada. Não vai se arrepender.
- Ah, não dá; desculpe, mas tenho mesmo que ir para Portland. Minha passagem está aí?
- Ah, mas que pressa? Pego você às oito.
- Escute aqui. Tenho mesmo que ir para Portland, falei.
- Está bem, então. É uma pena. Ei, não encontro sua passagem. Acho que afinal vamos poder sair.
- Ah, esqueci de dizer. É uma passagem especial, informei.
- É meia passagem?
- Não; hmmm é... ah, para clérigos, sussurrei inclinado-me sobre o balcão.
- O que foi que disse?
- É para clérigos.
- Clérigos!?! Berrou ele, e o aeroporto inteiro olhou para nós.

Ele ficou mortalmente pálido, horrorizado com o pensamento que por certo lhe ocorreu: 'Ah, não! Tentei flertar com uma freira!'

Quando se afastou do balcão, ouvi-o cochichar com um colega:

- Ei, George, dá só uma olhada para aquela moça lá. Ela é religiosa.

Daí a instantes outro homem surgiu atrás do balcão, sorriu, fez-me um aceno de cabeça e desapareceu de novo. Nunca me senti tão religiosa em toda minha vida."

Acho que esse é o preço que temos de pagar para sermos verdadeiros servos do Mestre. Mesmo quando não estamos nos esforçando para isso, o sal sai do saleiro, e a luz começa a brilhar.

10 PERIGOS PARA O SERVO

Nesta geração, ninguém jamais esquecerá o episódio de Jonestown. Pelo menos espero que não. Aquela tragédia se apresenta como um lembrete mudo das terríveis consequências da liderança de um louco.

Nunca poderei apagar de minha mente a cena que apareceu, naquela ocasião, nos noticiários de televisão. Não foi apenas a morte, mas o suicídio em massa daquelas pessoas – novecentos corpos inchados, espalhados por aquele trecho da selva nevoenta da Guyana. Fileiras de corpos “parecendo bonecos de pano em tamanho grande” – foi assim que um repórter os descreveu. Com exceção de alguns poucos que escapuliram no último minuto, todos os membros daquele grupo religioso entregaram a vida, obedecendo a uma ordem do líder. Qualquer um que se dedique a estudar as causas que levaram a tão terrível atrocidade, chegará à conclusão de que aquele homem (que se dizia servo de Deus) caiu no erro que tem sido o fracasso de muitos líderes fortes.

E sob cada uma das fotos horripilantes daquela inesquecível e pavorosa cena, poder-se-ia escrever a mesma legenda: O Perigo do Controle Ilimitado. Em vez de permanecer sempre como um servo de Deus e das pessoas, em vez de ser um exemplo de humildade, maleabilidade e altruísmo. Jim Jones foi-se corrompendo até não passar de uma casca vazia de autoritarismo, sensualidade e irresponsabilidade... e uma intocável prima donna, e acabou caindo nas garras de sua própria lascívia e orgulho.

Quase todas as profissões e ocupações trazem consigo perigos peculiares - alguns sutis, outros mais óbvios e claros. Não são somente os tripulantes de um submarino, ou os limpadores de janelas de prédios, bombeiros ou equipes especiais de salvamento, que estão sempre enfrentando perigo em seu trabalho. Todos nós enfrentamo-lo. Sem exceção. Inclusive os verdadeiros servos. Isso pode espantar alguém. A condição de servo parece tão segura e inofensiva! O que poderia ser perigoso nesta questão de servir aos outros?

ALGUMAS IDÉIAS ERRADAS

Voltemos a uma passagem das Escrituras que já examinamos anteriormente, II Co 4. Gostaria de mostrar aqui três idéias erradas com relação à condição de servo, e que são bastante conhecidas. Leiamos atentamente os versos 4 a 7:

“... nos quais o deus deste século cegou os entendimentos dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus. Porque não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus, o SENHOR; e nós mesmos somos vossos servos por amor de Jesus. Porque Deus, que disse que das trevas resplandecesse a luz, é quem resplandeceu em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Jesus Cristo. Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus, e não de nós.”

Parece que os servos constituem um grupo de elite, não é? Eles possuem um tesouro. A “excelência” do poder de Deus flui da vida deles. Mas quando examinamos os fatos mais detidamente, vemos que tudo isto vem de Deus, e não deles mesmos. É nisso que está a primeira idéia errada.

Os servos possuem poderes especiais deles próprios

Como é fácil às vezes enxergarmos os servos de Deus através de uma lente cor-de-rosa, quase como se possuíssem uma unção mística, divina, ou um manto angelical, que faz com que pareçam estar revestidos de uma névoa do sobrenatural, de um poder celeste. Mas essa idéia é errada. Vejamos um verso anterior:

“Não que sejamos capazes, por nós, de pensar alguma coisa, como de nós mesmos; mas a nossa capacidade vem de Deus.” (II Co 3.5)

Lembremos bem disso, os servos também são humanos, com todas as fraquezas dos outros homens e com as mesmas possibilidades de erro. Outra idéia errada muito comum é a seguinte:

Os servos não enfrentam os problemas do dia-a-dia

Vejamos II Coríntios 4.8-9:

“Em tudo somos atribulados, mas não angustiados; perplexos, mas não desanimados. Perseguidos, mas não desamparados; abatidos, mas não destruídos;”

Atribulados. Perplexos. Perseguidos. Abatidos. Examinaremos esses termos mais profundamente no capítulo 12, mas por ora diremos apenas que eles refletem as lutas comuns a todos nós. Atribulados, confusos, perseguidos e rejeitados – Paulo (como todos os servos que vieram depois dele) entendeu muito bem o que significava suportar o constante flagelo dos problemas. Aliás, é no cadinho da provação que o servo aprende a largar seu próprio caminho e passa a andar no de Deus. Na verdade o servo luta com dificuldades todos os dias. Uma terceira idéia errada:

Os servos têm uma proteção especial contra perigos sutis

Leiamos os versos 10 e 11:

“Trazendo sempre por toda a parte a mortificação do Senhor Jesus no nosso corpo, para que a vida de Jesus se manifeste também nos nossos corpos; E assim nós, que vivemos, estamos sempre entregues à morte por amor de Jesus, para que a vida de Jesus se manifeste também na nossa carne mortal.”

As pessoas que servem a Deus e aos outros “levam sempre no corpo” os sinais da morte – perigos e ameaças muito reais. Sutis e silenciosos, esses perigos espreitam nos lugares mais inesperados, exigindo satisfação. O verdadeiro servo, como já vimos, é uma pessoa bastante vulnerável. Quando um deles tropeça numa dessas armadilhas, não demora muito, está completamente emaranhado nela. E raramente isso acontece depressa e de forma evidente. De um modo geral, o fato aparece revestido de outra roupagem, dando a impressão de ser tudo, menos perigoso. Falando sobre o verdadeiro líder cristão, certo autor fez essa observação:

“Embora ele não esteja de maneira nenhuma imune às tentações da carne, os perigos contra os quais ele deve se precaver mais são os do plano espiritual. Ele deve lembrar que seu inimigo implacável, o “insaciável satanás”, procurará tirar partido de todo e qualquer centímetro de terreno que ele lhe ceder, em qualquer área de sua vida.”

Não nos enganemos, portanto. O servo genuíno, por mais útil, santo, altruísta e admirável que seja, é humano e está sujeito aos mesmos perigos que as outras pessoas enfrentam. Não possuindo poderes especiais em si mesmo, com já observamos, ele luta com os problemas de cada dia... e, de forma especial, é vulnerável aos perigos sutis que podem facilmente derrubá-lo, com já vimos pelo episódio de Jonestown.

UM EXEMPLO CLÁSSICO

Para ilustrar a verdade desta passagem, vejamos agora um exemplo do Velho Testamento para variar um pouco, e trazer da obscuridade um homem que se tornou auxiliar de um dos maiores profetas que Deus já levantou. O nome desse profeta era Eliseu e o de seu servo, Geazi. O fato que iremos analisar encontra-se em II Rs 2.

Fundo Histórico

A nação de Israel passava por momentos difíceis, e encontrava-se em declínio, pois seus reis, cada um mais ímpio que o antecessor, conduziam o povo a níveis de depravação cada vez mais baixos. Os cidadãos tornaram-se como espectros humanos, vazios e abatidos. A vida deles, tanto moral como espiritual e política, estava a zero. Os poucos profetas que surgiam no cenário ficavam completamente sozinhos, como uma cabeça de gado numa tempestade de neve; mas não obstante, ficavam firmes.

Elias (não confundamos com Eliseu), um profeta admiravelmente corajoso, a essa altura, já terminara sua vida. No momento em que ele partiu para o céu “num redemoinho” (2.1,11), Eliseu (que seria seu sucessor) estava perto, e recebeu de Deus o mesmo poder dinâmico que havia em Elias. Deus tinha muitas obras notáveis e até miraculosas, para o seu profeta realizar. E além disso tudo, em pouco tempo, ele seria conhecido como “homem de Deus”, título que ele bem faria por merecer.

E o profeta aparece em II Rs 4 acompanhado de um servo por nome Geazi. Vejamos a história a partir do versículo 8-17:

“Sucedeu também um dia que, indo Eliseu a Suném, havia ali uma mulher importante, a qual o reteve para comer pão; e sucedeu que todas as vezes que passava por ali entrava para comer pão. E ela disse a seu marido: Eis que tenho observado que este que sempre passa por nós é um santo homem de Deus. Façamos-lhe, pois, um pequeno quarto junto ao muro, e ali lhe ponhamos uma cama, uma mesa, uma cadeira e um candeeiro; e há de ser que, vindo ele a nós, para ali se recolherá. E sucedeu que um dia ele chegou ali, e recolheu-se àquele quarto, e se deitou. Então disse ao seu servo Geazi: Chama esta sunamita. E chamando-a ele, ela se pôs diante dele. Porque ele tinha falado a Geazi: Dize-lhe: Eis que tu nos tens tratado com todo o desvelo; que se há de fazer por ti? Haverá alguma coisa de que se fale por ti ao rei, ou ao capitão do exército? E disse ela: Eu habito no meio do meu povo. Então disse ele: Que se há de fazer por ela? E Geazi

disse: Ora ela não tem filho, e seu marido é velho. Por isso disse ele: Chama-a. E, chamando-a ele, ela se pôs à porta. E ele disse: A este tempo determinado, segundo o tempo da vida, abraçarás um filho. E disse ela: Não, meu SENHOR, homem de Deus, não mintas à tua serva. E concebeu a mulher, e deu à luz um filho, no tempo determinado, no ano seguinte, segundo Eliseu lhe dissera.”

Isso foi apenas o primeiro de uma série de eventos nos quais Eliseu esteve envolvido. Mas desviemos nossa atenção agora para aquele cuja missão era auxiliar o profeta. Queremos ver, através de sua experiência, alguns dos perigos mais comuns que ameaçam todos os que resolvem servir aos outros.

Tentações e Reações

Trabalhar ao lado de um profeta importante e grandemente respeitado com Eliseu era um alto privilégio. Mas, ao mesmo tempo, era uma posição que trazia consigo tentações peculiares, como veremos em seguida. Chamaremos a essas tentações e às reações de Geazi perante elas de “perigos”. Encontramos quatro deles na vida do servo de Eliseu. O primeiro é apresentado em II Rs 4.18-26:

“E, crescendo o filho, sucedeu que um dia saiu para ter com seu pai, que estava com os segadores. E disse a seu pai: Ai, a minha cabeça! Ai, a minha cabeça! Então disse a um moço: Leva-o à sua mãe. E ele o tomou, e o levou à sua mãe; e esteve sobre os seus joelhos até ao meio dia, e morreu. E subiu ela, e o deitou sobre a cama do homem de Deus; e fechou a porta, e saiu. E chamou a seu marido, e disse: Manda-me já um dos moços, e uma das jumentas, para que eu corra ao homem de Deus, e volte. E disse ele: Por que vais a ele hoje? Não é lua nova nem sábado. E ela disse: Tudo vai bem. Então albardou a jumenta, e disse ao seu servo: Guia e anda, e não te detenhas no caminhar, senão quando eu to disser. Partiu ela, pois, e foi ao homem de Deus, ao monte Carmelo; e sucedeu que, vendo-a o homem de Deus de longe, disse a Geazi, seu servo: Eis aí a sunamita. Agora, pois, corre-lhe ao encontro e dize-lhe: Vai bem contigo? Vai bem com teu marido? Vai bem com teu filho? E ela disse: Vai bem”

O “filho do milagre” que Deus concedeu à mulher sunamita crescer, e agora já tem idade suficiente para trabalhar na lavoura. Enquanto está lá trabalhando, ele receber uma pancada muito forte na testa, ou então sofre uma insolação ou algum outro problema orgânico, pois o rapazinho começa a gritar: “Minha cabeça, minha cabeça.” Naturalmente, a mãe pensa logo em Eliseu – pois se alguém pode socorrer o menino, esse alguém é ele. Quando o profeta a avista de longe, reconhece-a. É neste ponto que vemos a tendência do servo para reagir erradamente. Leiamos os versos 26 a 28:

“Agora, pois, corre-lhe ao encontro e dize-lhe: Vai bem contigo? Vai bem com teu marido? Vai bem com teu filho? E ela disse: Vai bem. Chegando ela, pois, ao homem de Deus, ao monte, pegou nos seus pés; mas chegou Geazi para retirá-la; disse, porém, o homem de Deus: Deixa-a, porque a sua alma está triste de

amargura, e o SENHOR me encobriu, e não me manifestou. E disse ela: Pedi eu a meu SENHOR algum filho? Não disse eu: Não me enganes?”

O perigo da Superproteção e Possessividade

Está vendo como isso se revela? Está claro que Geazi é totalmente dedicado a Eliseu. E parece que deseja ser como um escudo protetor em volta do profeta – portanto, não devemos nos surpreender ao ver que, quando a aflita mãe se aproxima, Geazi se chegou “para arrancá-la”. É muito comum as pessoas que possuem um coração de servo terem sua visão voltada apenas para uma pessoa e se esquecem das necessidades dos outros. Um fato semelhante ocorreu com Josué, e é narrado em Números 11.24-30, quando ele tentou impedir que dois homens profetizassem no arraial. Mostrou-se extremamente zeloso, para que ninguém roubasse nada da função especial de Moisés, a quem ele servia. Profetizar era tarefa de Moisés, e não deles. Mas Moisés, um homem de grande alma, ordenou a Josué que se afastasse. Este tentara superproteger a Moisés, assim como Geazi tentara fazer com Eliseu. Servo, cuidado com o perigo da possessividade. Mas continuemos a ler o texto de II Rs 4:

“E ele disse a Geazi: Cinge os teus lombos, toma o meu bordão na tua mão, e vai; se encontrares alguém não o saúdes, e se alguém te saudar, não lhe respondas; e põe o meu bordão sobre o rosto do menino. Porém disse a mãe do menino: Vive o SENHOR, e vive a tua alma, que não te hei de deixar. Então ele se levantou, e a seguiu.”

Eliseu concebera um plano pelo qual ressuscitaria o rapazinho... e nesse plano Geazi estava incluído. E o servo é enviado à cabeceira da cama dele. Podemos estar certos de que seu coração batia rapidamente. Ele estava prevendo um fato maravilhoso, pois Deus certamente iria fazer reviver o garoto. Assim ele estaria participando de um milagre. Mas nada aconteceu. Nada se modificou.

“E Geazi passou adiante deles, e pôs o bordão sobre o rosto do menino; porém não havia nele voz nem sentido; e voltou a encontrar-se com ele, e lhe trouxe aviso, dizendo: O menino não despertou.”

De repente, Eliseu irrompe em cena – e ocorrem fatos fenomenais. E acontece o milagre.

“E, chegando Eliseu àquela casa, eis que o menino jazia morto sobre a sua cama. Então entrou ele, e fechou a porta sobre eles ambos, e orou ao SENHOR. E subiu à cama e deitou-se sobre o menino, e, pondo a sua boca sobre a boca dele, e os seus olhos sobre os olhos dele, e as suas mãos sobre as mãos dele, se estendeu sobre ele; e a carne do menino aqueceu. Depois desceu, e andou naquela casa de uma parte para a outra, e tornou a subir, e se estendeu sobre ele, então o menino espirrou sete vezes, e abriu os olhos. Então chamou a Geazi, e disse: Chama esta sunamita. E chamou-a, e veio a ele. E disse ele: Toma o teu filho. E entrou ela, e se

prostrou a seus pés, e se inclinou à terra; e tomou o seu filho e saiu.” (II Rs 4.32-37)

Procuremos nos identificar com o servo, em vez de com a mãe maravilhada, se pudermos. Se o fizermos, teremos o mesmo sentimento humano que Geazi deve ter tido.

O Perigo de se Sentir Usado e Não Ser Reconhecido

Depois que passamos algum tempo servindo aos outros, periodicamente acabamos descendo a este vale. Geazi fizera exatamente o que lhe haviam mandado fazer. Entretanto, não presenciara nenhum milagre, nenhuma mudança. Logo em seguida, entra Eliseu que, de repente, faz tudo. Imagine só quem teve a missão de dar a notícia à mãe – Geazi! E se isso não for suficiente, leiamos os versos seguintes – é a mesma música, segunda estrofe:

“E, voltando Eliseu a Gilgal, havia fome naquela terra, e os filhos dos profetas estavam assentados na sua presença; e disse ao seu servo: Põe a panela grande ao lume, e faze um caldo de ervas para os filhos dos profetas. Então um deles saiu ao campo a apanhar ervas, e achou uma parra brava, e colheu dela enchendo a sua capa de colocíntidas; e veio, e as cortou na panela do caldo; porque não as conheciam. Assim deram de comer para os homens. E sucedeu que, comendo eles daquele caldo, clamaram e disseram: Homem de Deus, há morte na panela. Não puderam comer.” (II Rs 4.38-40)

A região estava sofrendo uma grande fome. E nosso amigo Geazi recebe a ordem de preparar um “cozinhado”. Inadvertidamente, ele coloca plantas venenosas na panela e todos protestam. Mas vejamos bem o que acontece depois:

“Porém ele disse: Trazei farinha. E deitou-a na panela, e disse: Dai de comer ao povo. E já não havia mal nenhum na panela.” (v.41)

Geazi fizera o trabalho... mas fora Eliseu quem recebera os créditos. O servo não ode nem fazer um cozinhado! Dá para ficar mais frustrado? Mas a menos que eu não esteja entendendo bem, além de frustração, ele também ficou um pouco envergonhado... e é provável que tenha sentido a picada do não reconhecimento de seu trabalho. Você sabe, Eliseu estava sempre tendo a primazia, embora Geazi estivesse fazendo o que lhe era ordenado.

E o mesmo se dá hoje. É muito fácil nos sentirmos usados sem que nosso trabalho seja reconhecido

Será que quem me lê é um desses auxiliares anônimos em um ministério ou companhia comercial? Essa pessoa trabalha fiel e diligentemente, e, no entanto, quem recebe as glórias é outra. Seus esforços fazem o sucesso de outra pessoa. Como é fácil ficarmos ressentidos numa situação dessas. Pois então, vocês, assistentes de direção, co-pastores, secretários, administradores, “pessoal subalterno”, vocês que formam o grupo dos que trabalham muito, mas nunca

recebem os louros por não estarem nas posições de destaque, ânimo! O nosso Deus, que recompensa em segredo, não ignorará a dedicação de vocês.

“Porque Deus não é injusto para se esquecer da vossa obra, e do trabalho do amor que para com o seu nome mostrastes, enquanto servistes aos santos; e ainda servis.” (Hb 6.10)

É um verso maravilhoso para aqueles que não recebem o reconhecimento humano. Mas cabe aqui também uma advertência. Cuidado com o orgulho. O verdadeiro servo de Deus é como o Senhor Jesus, que não veio “para ser servido, mas, para servir, e dar a sua vida em resgate por muitos”. (Mc 10.45) Servir e dar. O orgulho deseja louvores... muitos louvores. Gosta de receber os créditos pelo serviço prestado, gosta de receber glórias, de ver as pessoas exclamando de admiração – Oh! Aaaah! O ideal era que nossos superiores fossem pessoas reconhecidas, que nos dessem os méritos devidos, mas infelizmente isso nem sempre acontece. E assim nosso orgulho precisará ser contido. E nessas ocasiões em que fazemos o serviço e outra pessoa recebe o tapinha no ombro, lembremos que nosso papel nisso tudo é servir e dar.

J. Oswald Sanders tem razão, quando escreve:

“Nada desagrada mais a Deus do que o orgulho próprio. Esse pecado básico e fundamental, em sua essência, objetiva entronizar o ego, às expensas de Deus... O orgulho é o pecado do qual sua vítima está menos consciente... Se formos sinceros com nós mesmos, quando fizermos a avaliação de nossa vida, comparando-a com a do Senhor, que a si mesmo se humilhou ao ponto de morrer na cruz, não poderemos deixar de nos sentir abismados com a vaidade, a pobreza e até com a baixeza de nosso coração.”

O verdadeiro amor, quando flui do coração de um servo autêntico, não fica a registrar os feitos realizados, e não se volta para os outros em busca de reconhecimento. Em outras palavras, o verdadeiro servo está sempre muito consciente da cegueira causada pelo orgulho.

No capítulo 5 de II Rs, encontramos uma experiência totalmente diferente para Geazi, o servo de Eliseu. Ali, não apenas um, mais dois perigos estão emboscados à espera dele para lançá-lo. Como veremos, o segundo foi forte demais, e o homem sucumbiu a ele. Primeiramente, porém, vejamos o cenário dos fatos.

Um homem de nome Naamã, um alto oficial do exercito sírio, era pessoa de grande influência, muito rico, cheio de nobreza, coragem, patriotismo e poderio militar. Só que havia um problema – estava leproso. Por uma série s de circunstâncias curiosas, ele foi levado a sair em busca de Eliseu, para se curara de sua terrível moléstia. Sigamos a narrativa bíblica a partir do versículo 9:

“Veio, pois, Naamã com os seus cavalos, e com o seu carro, e parou à porta da casa de Eliseu. Então Eliseu lhe mandou um mensageiro, dizendo: Vai, e lava-te sete vezes no Jordão, e a tua carne será curada e ficarás purificado. Porém, Naamã muito se indignou, e se foi, dizendo: Eis que eu dizia comigo: Certamente ele sairá,

pôr-se-á em pé, invocará o nome do SENHOR seu Deus, e passará a sua mão sobre o lugar, e restaurará o leproso. Não são porventura Abana e Farpar, rios de Damasco, melhores do que todas as águas de Israel? Não me poderia eu lavar neles, e ficar purificado? E voltou-se, e se foi com indignação.”

Acredito que o mensageiro que Eliseu mandou à porta foi Geazi, seu servo de confiança. Coube a ele então ser o portador da resposta do profeta que o general sírio não queria receber. Como vimos pelo relato, o alto oficial sentiu-se ofendido, muito indignado. E veja quem está aí bem na linha de fogo – o servo. Não fora o pobre rapaz o autor da notícia – ele apenas a comunicou ao destinatário – e buuummmmm! Isso nos mostra outro perigo muito comum para quem serve fielmente a outrem.

O Perigo do Desrespeito e do Ressentimento

Geazi não possuía nem posição nem autoridade, entretanto sua responsabilidade o coloca numa situação bastante desagradável. Ele tem a missão de apresentar a determinada pessoa uma verdade que ela não deseja ouvir. O resultado disso? Ele acaba ouvindo e sentido a agressão verbal do desrespeito e do ressentimento. Deixe-me explicar isso mais detalhadamente e fazer uma aplicação mais exata.

Há ocasiões em que o servo de Deus é convocado para um confronto com determinada pessoa, ou para dizer-lhe uma verdade que ele não deseja ouvir. Pode ser uma informação muito dolorosa, mas Deus quer que ela seja comunicada. Então o servo fiel entrega a mensagem. Com cuidado, mas também com exatidão. E de repente a válvula explode. Ele se vê debaixo de fogo cruzado. O que fazer em momentos tão difíceis como este? Revidar? Gritar e ameaçar?

Vejamos o que Deus diz aos servos cuja missão é dar essas informações penosas:

“E ao servo do Senhor não convém contender, mas sim, ser manso para com todos, apto para ensinar, sofredor; Instruindo com mansidão os que resistem, a ver se porventura Deus lhes dará arrependimento para conhecerem a verdade. E tornarem a despertar, desprendendo-se dos laços do diabo, em que à vontade dele estão presos” (II Tm 2.24-26)

Que conselho sábio! Não contender mas ser brando. Não irritado, mas paciente... mesmo quando insultado. Não colérico, mas manso. Deus pode estar usando as palavras desse servo para levar os ouvintes a “caírem em si”, e isso pode parecer uma tarefa muito nobre. Mas, acreditem-me, há momentos em que isso não parece vantagem nenhuma.

Sendo pastor e conselheiro, muitas vezes tenho-me encontrado nesta situação pouco agradável. Às vezes uma pessoa me procura e abre o coração para mim, numa condição não muito diferente da do leproso Naamã. E Deus me revela claramente que devo confrontá-la com determinados fatos, ou mencionar pontos específicos, que aquele indivíduo acha penoso ouvir, para não dizer aceitar. E de repente, eu passo a ser alvo de sua agressão verbal, um verdadeiro saco de pancadas moral. Mas entendamos uma coisa, não fui eu quem escreveu o Livro e

tampouco me vejo como juiz daquela pessoa, embora ela possa pensar que assim o seja. Mas já aconteceu de pessoas virem se aconselhar comigo, e depois começarem a gritar comigo, a dizer palavrões, e afinal saírem da sala batendo o pé, após terem-me dito tudo o que bem queriam. Outros esperam passar algum tempo, depois escrevem-me uma daquelas cartas atrevidas, que quase nos queimam os olhos quando as lemos. E o que fiz para merecer tal tratamento? Disse a verdade. Procurei transmitir um recado, com o maior tato possível, e no momento certo, mas ele foi rejeitado – pelo menos a princípio. Mas a recompensa vem depois, quando o indivíduo compreende que lhe disse a verdade, e que minha intenção foi seu bem.

Por vezes, cabe a um advogado ou médico a ingrata tarefa de transmitir uma notícia dessas. Um dos melhores exemplos que tenho disso (e um dos mais engraçados também) foi o que se deu com um dentista, que ficou firme em sua posição, recusando-se a abrir mão da verdade. O meu bom amigo, Dr. James Dobson, pode relatar o fato melhor do que eu poderia fazê-lo:

“Longe da autoridade paterna, algumas crianças se tornam extremamente teimosas e desobedientes, principalmente em público. Talvez o melhor exemplo disso seja o de um garoto de dez anos, de nome Roberto, que era cliente de meu bom amigo, Dr. William Sloneker. O Dr. William comentava que seu pessoal detestava o dia em que Roberto tinha uma consulta marcada. Ele simplesmente devastava a clínica agarrando instrumentos, fichas e telefones. Sua mãe, uma pessoa muito passiva, pouco conseguia fazer, além de abanar a cabeça desanimada. Certa vez em que o garoto fez um exame geral, o Dr. William constatou que ele tinha algumas cáries e reconheceu que precisava enviá-lo para um dentista. Mas quem iria ser “o agraciado” Recomendar Roberto para um colega poderia significar o fim de uma amizade profissional. Afinal, ele resolveu enviá-lo para um dentista idoso que, ao que se dizia, compreendia bem as crianças. A confrontação que se seguiu é hoje considerada um dos clássicos momentos da história do conflito humano.

Roberto chegou ao consultório do dentista preparado para a batalha.

- Sente-se aí, rapaz, disse o dentista.

- De jeito nenhum! replicou ele.

- Rapazinho, falei para você sentar-se nesta cadeira, e é isso que quero que você faça, disse o dentista.

Roberto olhou para seu “oponente” durante alguns minutos e depois replicou:

- Se me obrigar a sentar nesta cadeira, tiro toda a minha roupa.

- Pois tire, replicou o dentista calmamente.

Imediatamente, o menino tirou a camisa, camiseta de baixo, meias, sapatos e ergueu os olhos para ele em desafio.

- Está bem, garoto, falou o dentista. Agora, sente-se aí.

- Você não escutou o que eu disse, replicou o menino. Disse que se você me obrigar a sentar na cadeira, tiro a roupa toda.

- Pois, tire, rapaz, replicou o homem.

- Então Roberto tirou a calça e a cueca, ficando totalmente nu diante do dentista e de sua assistente.

- Agora, meu filho, sente-se aí, falou o dentista.

Roberto obedeceu e ficou quieto durante o tratamento, fazendo tudo o que o outro pedia. Depois que as cáries já estavam obturadas e prontas, o dentista lhe disse que poderia descer.

Agora, quero minhas roupas, falou ele.

- Sinto muito, replicou o dentista, mas diga à sua mãe que vamos ficar com sua roupa. Amanhã ela pode vir apanhá-las.

Imagine-se o choque da mãe de Roberto, quando a porta do consultório se abriu e lá surgiu seu filho nu em pêlo, como no dia em que tinha nascido. A sala de espera estava cheia de pacientes, mas Roberto e a mãe passaram, no meio deles, e saíram para o corredor. Desceram pelo elevador e seguiram para o estacionamento, ignorando as risadinhas dos passantes.

No dia seguinte, a mãe de Roberto voltou ao consultório para apanhar as roupas e pediu para ter uma palavra com o dentista. Mas, ela não desejava protestar. O que ela disse foi o seguinte:

- O senhor não sabe como estou grata pelo que aconteceu ontem. Há anos que Roberto tem feito este tipo de chantagem comigo. Sempre que estamos num lugar público, como no supermercado, por exemplo, ele começa a fazer exigências absurdas. E se não compro imediatamente o que ele quer, ameaça tirar a roupa. O senhor foi a primeira pessoa que não aceitou o “blefe” dele, doutor, e isso causou um impacto incrível em Roberto.”

Creio que a moral da história é: ser servo às vezes não é muito agradável, mas sempre que fazemos ou dizemos o que é certo – mesmo que seja uma palavra indesejada – no fim, o resultado será bom. Ou melhor, como nos diz Salomão:

“Sendo os caminhos do homem agradáveis ao SENHOR, até a seus inimigos faz que tenham paz com ele.” (Pv 16.7)

Geazi precisava ter visto este verso, e reivindicar essa promessa, na hora em que Naamã teve seu acesso de raiva. E você sabe o que aconteceu depois com Naamã. Acabou fazendo o que lhe haviam dito, e recebeu o milagre que lhe fora prometido.

“Então desceu, e mergulhou no Jordão sete vezes, conforme a palavra do homem de Deus; e a sua carne tornou-se como a carne de um menino, e ficou purificado.” (II Rs 5.14)

Maravilhoso! Diferentemente de muitos a quem ajudamos, aquele homem voltou para agradecer a Eliseu e Geazi. Ficou tão maravilhado, que ofereceu uma boa recompensa em gratidão. Mas Eliseu recusou qualquer agradecimento material.

“Então voltou ao homem de Deus, ele e toda a sua comitiva, e chegando, pôs-se diante dele, e disse: Eis que agora sei que em toda a terra não há Deus senão em Israel; agora, pois, peço-te que aceites uma bênção do teu servo. Porém ele disse: Vive o SENHOR, em cuja presença estou, que não a aceitarei. E instou com ele

para que a aceitasse, mas ele recusou. E disse Naamã: Se não queres, dê-se a este teu servo uma carga de terra que baste para carregar duas mulas; porque nunca mais oferecerá este teu servo holocausto nem sacrifício a outros deuses, senão ao SENHOR. Nisto perdoe o SENHOR a teu servo; quando meu senhor entrar na casa de Rimom para ali adorar, e ele se encostar na minha mão, e eu também tenha de me encurvar na casa de Rimom; quando assim me encurvar na casa de Rimom, nisto perdoe o SENHOR a teu servo. E ele lhe disse: Vai em paz. E foi dele a uma pequena distância.” (II Rs 5.15-19)

Mas isso não é o fim da história. Notemos que Naamã ofereceu presentes também a Geazi. E o profeta havia recusado. Mas bem lá no fundo do coração do servo, aninhava-se uma besta silenciosa – a ganância – que não é muito incomum entre os servos. E para que não pensem que estou sendo severo demais, leiamos o resto:

“Então Geazi, servo de Eliseu, homem de Deus, disse: Eis que meu senhor poupou a este sírio Naamã, não recebendo da sua mão alguma coisa do que trazia; porém, vive o SENHOR que hei de correr atrás dele, e receber dele alguma coisa. E foi Geazi a alcançar Naamã; e Naamã, vendo que corria atrás dele, desceu do carro a encontrá-lo, e disse-lhe: Vai tudo bem? E ele disse: Tudo vai bem; meu senhor me mandou dizer: Eis que agora mesmo vieram a mim dois jovens dos filhos dos profetas da montanha de Efraim; dá-lhes, pois, um talento de prata e duas mudas de roupas. E disse Naamã: Sê servido tomar dois talentos. E instou com ele, e amarrou dois talentos de prata em dois sacos, com duas mudas de roupas; e pô-los sobre dois dos seus servos, os quais os levaram diante dele. E, chegando ele a certa altura, tomou-os das suas mãos, e os depositou na casa; e despediu aqueles homens, e foram-se.” (II Rs 5.20-24)

Viu agora? Acabamos de ver o quarto perigo que todo servo enfrenta e talvez o mais sutil de todos: a ganância oculta.

O Perigo da Ganância Oculta

Trata-se de um desejo secreto, ardendo em baixa combustão, uma vontade de ser recompensado, aplaudido, exaltado. Eliseu dissera: “Não.” De modo algum queria que o general dissesse mais tarde: “Ele fez aquilo somente para obter alguma paga.” Essa idéia fez o profeta responder prontamente: “Não aceitarei.” (v.16) Mas Geazi era de outro estofado. Talvez estivesse cansado de estar sempre sendo usado sem receber reconhecimento, ou talvez estivesse farto de viver com pouco dinheiro. Fosse qual fosse o motivo, o certo é que tinha idéias próprias sobre o assunto, pois menosprezou a decisão de Eliseu (v.20), e foi atrás de Naamã, inventando uma história (v.22), e depois tentou cobrir seu erro, quando teve que comparecer diante de seu Senhor (v.25). Vejamos o fim trágico:

“Então ele entrou, e pôs-se diante de seu senhor. E disse-lhe Eliseu: Donde vens, Geazi? E disse: Teu servo não foi nem a uma nem a outra parte. Porém ele lhe disse: Porventura não foi contigo o meu coração, quando aquele homem voltou do

seu carro a encontrar-te? Era a ocasião para receberes prata, e para tomares roupas, olivais e vinhas, ovelhas e bois, servos e servas? Portanto a lepra de Naamã se pegará a ti e à tua descendência para sempre. Então saiu de diante dele leproso, branco como a neve.” (II Rs 5.25-27)

Tendo seu erro exposto e severamente castigado, Geazi teve que sofrer amargamente uma terrível punição. Não apenas agira contrariamente à decisão do profeta, mas também mentira ao se ver confrontado com seu erro. O servo era responsável. Repito esse mesmo tema que já foi dado várias vezes neste livro. A questão da responsabilização é essencial, para que qualquer servo continue sendo aquela argila pura e maleável nas mãos do Mestre. Quisera Deus que Jim Jones tivesse aplicado essa verdade em sua vida, antes de iniciar sua vertiginosa descida em espiral, levando consigo centenas de vidas.

Jim Jones é completamente diferente do homem que Rudyard Kipling tinha em mente, quando escreveu seu poema “Se”. Esta poesia constitui um desafio imortal a cada um de nós que deseja servir aos outros.

“Se és capaz de manter a tua calma quando todo mundo ao redor de ti já a perdeu e te culpa; De crer em ti, quando estão todos duvidando, e para estes, no entanto, achar uma desculpa; Se és capaz de esperar sem te desesperares, ou, enganado, não mentir ao mentiroso, ou, sendo odiado, sempre ao ódio t’esquivares e não parecer bom demais nem pretencioso. Se és capaz de pensar, sem que a isso só te atires; De sonhar, sem fazer dos sonhos teus senhores; Se, encontrando a Derrota e o Triunfo, consegues tratar da mesma forma a esses dois impostores;... Se és capaz de, entre a plebe, não te corromperes e, entre reis, não perder a simplicidade; E de amigos, quer bons, quer maus, te defenderes; Se a todos podes ser de alguma utilidade, e se és capaz de dar, segundo por segundo, do implacável minuto todo o esforço na corrida. Tua é a terra com tudo o que nela existe – e o que ainda é muito mais – és um Homem, meu filho!”

ALGUMAS LIÇÕES QUE PERMANECEM

Ao analisarmos a vida de Geazi, procuramos assumir uma posição objetiva. E nela descobrimos quatro perigos que ele enfrentou, idênticos aos que nós também teremos de enfrentar, e com os quais teremos de lutar.

- Sermos superprotetores ou possessivos com relação àqueles a quem servimos.
- Sentirmo-nos usados, sem receber gratidão.
- Sermos alvo de desrespeito e ressentimento dos outros.
- Termos ganância oculta: desejo de recompensa.

Desses perigos, que são reais e comuns, tiramos pelo menos três lições muito oportunas, que todos devemos sempre lembrar.

1. Nenhum servo se acha completamente a salvo de nada. É uma verdade bem difícil de ser aceita. Quando estamos constantemente nos dando, servindo aos outros, nos tornamos mais vulneráveis, à medida que o tempo passa. Como iremos mostrar no capítulo que trata das conseqüências do servir, haverá momentos em que seremos totalmente esvaziados de tudo. E seremos usados. E não receberemos gratidão. Mas, se compreendermos antecipadamente que isto irá acontecer, estaremos melhor preparados para enfrentar essa realidade, quando ela surgir. Tendo uma perspectiva certa da situação, poderemos nos vigiar, para não sermos derrotados por esses perigos. Recordo-me de uma afirmação feita por C. S. Lewis em um de seus livros:

“Amar é tornar-se vulnerável. Se amarmos, seja o que for, nosso coração certamente sofrerá aflições e magoas profundas. Se você quiser defendê-lo e mantê-lo intacto, então não dê seu afeto a ninguém, nem mesmo a um simples animalzinho de estimação. Envolve-o cuidadosamente, cercando-o de passatempos e pequenos agrados; evite todo e qualquer envolvimento com outros; encerre-o bem no esquite do seu egoísmo e tranque-o. Ali dentro daquele esquite – a salvo, mas imóvel, sem luz e sem ar – ele passará por modificações. Não se quebrará, mas tornar-se-á inquebrável, impenetrável, intransferível... E fora do Céu, o único lugar em que se pode estar totalmente a salvo de todos os perigos do amor é o inferno.”

Nenhum servo está completamente a salvo de nada. Portanto, quando servimos aos outros, temos que nos apoiar no Mestre, com todo o nosso ser.

2. A maioria dos serviços que prestamos não trarão, inicialmente, recompensa. Nesse caso também, é muito bom saber disso antes de mergulharmos de cabeça no pape de servo. Aquele que gosta de estar sempre recebendo tapinhas nas costas, que precisa estar sempre recebendo agradecimentos para continuar servindo, será melhor desistir de ser servo. Na maioria das vezes, ficará esquecido, por trás dos bastidores, sua presença praticamente ignorada. Sua recompensa não virá de fora, e, sim, do seu interior. Não virá dos outros, mas daquela satisfação íntima que Deus faz nascer em nosso coração.

Em muitos aspectos do ministério cristão precisamos ter essa mentalidade. Após o sermão, muitos pastores ficam à porta recebendo os cumprimentos do rebanho, e todos dizem palavras elogiosas sobre sua pessoa (e meu amigo Howard Hendricks chama a isso “a glorificação do verme” – uma descrição com a qual concordo inteiramente). Contudo, a verdade é que, se aquele homem prega o sermão apenas pensando naqueles instantes de bajulação – e a maioria dos pastores age assim – então ele está na profissão errada. O verdadeiro servo aceita de bom grado a verdade contida no conhecido hino:

“Eu vos envio para trabalhar sem recompensas. Para servir sem receber paga ou amor; ignorado, desconhecido. Para suportar insultos, sofrer desprezos e zombarias. Eu vos envio para trabalhar apenas para mim... Eu vos envio, para abandonar o sonho de vossa vida. Para morrer para os anseios, renegar a vontade

própria. Para trabalhar muito e amar pessoas que vos injuriam. Eu vos envio para perderem a vida na minha. 'Como o Pai enviou a mim, envio a vós'."

A maior parte dos serviços prestados pelo servo, inicialmente, não será reconhecida. Isto é um axioma básico, que temos de aceitar.

3. Nossa motivação deve ser analisada com sinceridade. Aprendamos uma lição com Geazi. Antes de agir, lembremos de nos indagar por quê. Antes de aceitarmos os presentes materiais de Naamã (e haverá ocasiões em que esses presentes serão perfeitamente aceitáveis) examinemos nosso coração, para saber a razão por que os aceitamos. Examine bem sua motivação, meu colega servo.

Durante o meu curso de seminário, formei um hábito que me foi imensamente valioso para toda a vida. Pedi à minha irmã Luci, que é desenhista, para escrever num cartão retangular uma pergunta, pequena por sinal, e o coloquei na parede acima da minha mesa, onde passava grande parte do tempo. Eram apenas palavras escritas em tinta preta sobre um cartão branco, com uma grande interrogação no fim:

QUAL É A SUA MOTIVAÇÃO?

Não tenho mais o quadrinho, mas a pergunta acha-se indelevelmente gravada em minha mente. Faço-a a mim mesmo todos os dias. E ela tem-se provado uma verdadeira pergunta-chave, que aplico regularmente a tudo que faço.

- Por que está planejando isso?
- Qual a intenção secreta aí fazer aquilo?
- Por que você disse sim (ou não)?
- Qual é a sua intenção ao escrever essa carta?
- Por que está tão entusiasmado com essa possibilidade?
- O que levou você a levantar esse assunto?
- Por que mencionou o nome dele (ou dela)?
- Qual é a sua motivação, Charles?

São perguntas penetrantes, que vão fundo. Se Geazi tivesse feito isso, não teria sofrido a morte trágica que teve. Sinceramente, estou grato a Deus, porque essas conseqüências extremas não nos sobrevêm hoje, quando temos uma motivação errada. Se isso acontecesse, as igrejas estariam cheias de pessoas leprosas.

E exatamente porque o caminho do verdadeiro servo é tão perigoso, precisamos cultivar uma comunhão íntima com Deus, caracterizada pela obediência. E essa questão é tão importante, que resolvi dedicar a ela todo o capítulo seguinte.

11

A OBEDIÊNCIA DO SERVO

Um conhecido ensaio, escrito por autor anônimo há muitos anos atrás, diz o seguinte a respeito de Jesus Cristo:

“Dezenove séculos de história já se passaram, e hoje ele ainda é o marco central da raça humana e o líder da coluna do progresso. E quando afirmo que nem todos os exércitos que já marcharam neste mundo, nem todos os navios já construídos, nem todos os parlamentos que já governaram, nem todos os reis que já reinaram, tomados em conjuntos, afetaram a vida do homem na terra com a mesma intensidade dessa única vida, ainda estou longe da realidade dos fatos.”

O falecido Wilbur Smith, respeitado erudito e estudioso da Bíblia, que viveu na geração passada, escreveu:

“A mais recente edição da Encyclopedia Britannica dedica vinte mil palavras a esta pessoa, Jesus, e nem ao menos dá a menor indicação de que ele possa não ter existido – aliás, dedica-lhe mais palavras que as dadas a Aristóteles, Alexandre, Cícero, Júlio César ou Napoleão Bonaparte.”

E George Buttrick, em um artigo publicado na revista Life, diz mais:

“Jesus deu à história um novo começo. Em todos os lugares, ele é conhecido... Seu nascimento é comemorado em todo o mundo. O dia de sua morte ergueu um patíbulo na linha do horizonte de todas as cidades.”

E até Napoleão teve de reconhecer:

“Conheço o ser humano, e posso afirmar que Jesus Cristo não foi um homem comum. Não existe termo de comparação entre ele e ninguém mais neste mundo.”

São palavras fortes. E é este o testemunho de pessoas as mais influentes – e elas se contam às centenas – a respeito do Homem mais fenomenal que já apareceu na paisagem terrena. Não há dúvida de que ele é singular. Ele inspira o mais profundo respeito e admiração.

Mas como era ele, pessoalmente, no íntimo de seu coração? Existe algum texto no qual ele se descreve a si mesmo? A resposta é sim. E essa descrição se enquadra dentro de nossas idéias sobre o que seja a grandeza humana? A resposta é não. Diferentemente das pessoas mais influentes, das celebridades, a descrição que Jesus faz de si mesmo não se parece em nada com a verdadeira “campanha promocional” que estamos acostumados a ouvir.

Por exemplo. Recentemente recebi pelo correio um panfletinho multicolorido, anunciando e fazendo propaganda de uma série de palestras que seria realizada em Los Angeles, por um homem (um “superastro” cristão), que já viajou bastante, e cujo nome é bastante conhecido entre os membros da família de Deus. Devo confessar que ergui as sobancelhas, quando li no panfleto a descrição deste homem: “Um indivíduo fenomenal... Solicitado para conferências em todo o mundo... O mais ouvido orador da atualidade...”

Isso é exatamente o oposto do que Jesus Cristo disse a respeito de si mesmo.

A AUTODESCRIÇÃO DE JESUS

Há bem mais de vinte anos estou fazendo um estudo pormenorizado das Escrituras, e em todo esse tempo só encontrei um texto em que Jesus Cristo descreve, com suas próprias palavras, o seu “homem interior”. E para descrever-se ele utiliza apenas duas palavras. Ao contrário daquele homem célebre de Los Angeles, cuja descrição é feita em termos tais como fenomenal e solicitado. E ele nem menciona o fato de que era o mais ouvido orador. Ele não diz: “Sou sábio e poderoso”, embora isso seja verdade. E não diz também “Sou santo e eterno”, ou “Sou onisciente e divino”, apesar de tudo isso ser realidade. Sabe o que foi que ele disse? Segure-me firme aí: isto poderá lhe causar espanto.

“Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração; e encontrareis descanso para as vossas almas.” (Mt 11.28,29)

Sou manso. Sou humilde. São termos aplicados ao servo. A palavra manso é a mesma que analisamos detalhadamente no capítulo 7, quando estudamos essa característica do servo. O termo significa força controlada. O leitor deve lembrar-se. É a idéia de um cavalo selvagem que foi domado. “Humilde de coração” – significa de condição baixa – é a descrição de um empregado. Contidas na descrição ainda há as idéias de altruísmo e atenção para com os outros. Entretanto, não existe aí o conceito de fraco e insignificante.

Sinceramente, considero de grande relevância o fato de que, quando Jesus nos dá essa visão de si mesmo, de sua verdadeira personalidade interior, ele emprega os termos manso e humilde. Com já vimos anteriormente, Deus se acha interessado em formar em nós a imagem de seu Filho, e são personalidades. Quando nos enquadrados nessa descrição, é que mais nos aproximamos da semelhança de Cristo.

E como essas qualidades se revelam? De que forma demonstramos possuí-las? Através de nossa obediência. O serviço e a obediência andam sempre juntos, como irmãos siameses. E o melhor exemplo que temos disso é o do próprio Filho de Deus, que confessou abertamente: “... nada faço por mim mesmo... porque eu faço sempre o que lhe agrada” (Jo 8.28,29). Em outras palavras, a descrição que Jesus faz de si mesmo foi comprovada pela sua obediência. Ele praticava o que pregava, como ninguém mais neste mundo.

ILUSTRAÇÃO DA AUTODESCRIÇÃO DE JESUS

A mansidão e humildade presentes na vida do Salvador têm sua melhor evidência no relato de João 13, quando ele lavou os pés de seus amigos, os discípulos. Naquela oportunidade, ele nos deu alguns princípios eternos, relacionados com o servir, que não podemos ignorar. Quem estiver realmente desejoso de aprimorar seu serviço cristão, deve empenhar-se em estudar esse texto de João 13.4-17, aplicando à sua vida tanto os fatos como as implicações deles.

Informação Preliminar

A cena com que nos deparamos neste capítulo ocorreu no primeiro século da era cristã, em Jerusalém. Havia poucas estradas pavimentadas. Aliás, em muitas cidades grandes desconhecia-se o que fosse calçamento. As ruas e becos de Jerusalém eram mais uns trilhos sinuosos de terra batida, cobertos por uma grossa camada de poeira. Quando chovia, esses caminhos se tornavam verdadeiros lamaçais. Por isso, era costume o anfitrião providenciar para que um escravo ficasse à porta da casa para lavar os pés dos que chegavam. O servo se ajoelhava diante do convidado, tendo nas mãos uma vasilha de água, uma bacia e uma toalha, e lavar os pés empoeirados ou enlameados de cada visitante, no momento em que este ia entrar na casa. Os sapatos, botas ou sandálias eram deixados à porta, um costume que até hoje prevalece no Extremo Oriente. Se uma família não dispunha de recursos para ter um criado, um dos primeiros convidados que chegavam assumia a função de servo da casa e lavava os pés dos que viessem depois. É interessante observar aqui que nenhum dos discípulos de Cristo se ofereceu para executar essa humilde tarefa... e assim naquela sala estavam homens de coração altivo e pés sujos. E o mais curioso é que aqueles discípulos dispostos a lutar por um trono, mas não por uma toalha. E para falar a verdade, as coisas não mudaram muito de lá pra cá.

Demonstração Pessoal

Leiamos atentamente o relato do que se passou:

“Jesus, sabendo que o Pai tinha depositado nas suas mãos todas as coisas, e que havia saído de Deus e ia para Deus. Levantou-se da ceia, tirou as vestes, e, tomando uma toalha, cingiu-se. Depois deitou água numa bacia, e começou a lavar os pés aos discípulos, e a enxugar-lhos com a toalha com que estava cingido. Aproximou-se, pois, de Simão Pedro, que lhe disse: Senhor, tu lavas-me os pés a mim? Respondeu Jesus, e disse-lhe: O que eu faço não o sabes tu agora, mas tu o saberás depois. Disse-lhe Pedro: Nunca me lavarás os pés. Respondeu-lhe Jesus: Se eu te não lavar, não tens parte comigo. Disse-lhe Simão Pedro: Senhor, não só os meus pés, mas também as mãos e a cabeça. Disse-lhe Jesus: Aquele que está lavado não necessita de lavar senão os pés, pois no mais todo está limpo. Ora vós estais limpos, mas não todos. Porque bem sabia ele quem o havia de trair; por isso disse: Nem todos estais limpos.” (Jo 13:3-17)

Meditando sobre este episódio que João descreve para nós, encontro nele duas ou três observações sobre servir aos outros.

Servir é um ato praticado sem aviso prévio

Jesus não disse: “Meus amigos, agora vou demonstrar a vocês o que é ser servo. Observem minha humildade.” Nada disso. Esse tipo de comportamento ostensivo era característica dos fariseus. Se alguém quisesse saber se eram humildes ou não, bastava ficar por perto deles. Mais cedo ou mais tarde, acabavam fazendo ostentação de seus atos... e foi por isso que Jesus os tratou com tanta severidade em Mateus 23.

Ao contrário daqueles religiosos hipócritas, o Messias saiu da mesa quase que despercebidamente. Silenciosamente, tirou sua túnica, e, pegando uma toalha, vasilha de água e bacia, começou a ir de pessoa em pessoa lavando seus pés. Mas lembremos que eles não estavam sentados, como aparecem no famoso quadro de Leonardo da Vinci, “A Última Ceia”. Com todo respeito que devemos àquele gênio da arte, devemos afirmar que ele errou, quando retratou a cena bíblica com os olhos de um renascentista. Eles não estavam sentados em cadeiras de encosto, todos de um mesmo lado da mesa. Naqueles dias, as pessoas se reclinavam para comer, deitadas de lado, apoiadas sobre o cotovelo, sobre uma almofada fina ou sobre um tapete no chão. A mesa era um bloco retangular de madeira, baixa, e sobre ela punham-se os alimentos. E eles comiam com as mãos, não utilizando talheres. Nesta posição, se uma pessoa estivesse com os pés sujos, seu vizinho de mesa não poderia deixar de notar. Seria difícil ignorar um par de pés sujos bem diante do rosto.

Estou quase certo de que, quando Jesus se aproximou de Pedro, a conversa já devia ter cessado. Àquela altura, eles tinham percebido o erro cometido. A sensação de culpa principiava a penetrar no coração de cada um. É possível que Pedro tenha até encolhido os pés ao dizer:

- Não! Meus pés, não! Nunca, nunca lavarás meus pés, desde agora e até a eternidade; foi o que de fato ele disse.

Isso nos conduz a uma outra observação sobre o coração manso e humilde.

Ser servo implica tanto em saber receber, como em saber dar

Pedro não estava disposto a ser tão vulnerável assim. Afinal de contas, Jesus era o Mestre. De modo algum iria lavar os pés de Pedro. Agora eu pergunto: isto é humildade? Sabemos que não é. Às vezes, receber um favor de alguém exige de nós mais nobreza do que dar. E quando relutamos em receber, na verdade estamos mostrando certo orgulho, não é mesmo?

James “Frog” Sullivan, um homem constantemente ativo no trabalho cristão, vivendo de um culto a outro (dando pouca atenção à sua família), teve que enfrentar uma situação não muito diversa dessa de Pedro. Sua esposa, Carolyn, sofreu um esgotamento nervoso, e ele teve que interná-la em uma clínica psiquiátrica para um longo tratamento. Dominado por sentimentos confusos, que iam desde um forte ressentimento, raiva e perplexidade, voltou para casa sentindo-se uma pessoa interiormente destroçada. Sentou-se junto aos filhos, Cathy e Scott, para explicar-lhes tudo. E, pela primeira vez, aquele homem durão, líder e pai ativo, sempre senhor da situação, chorou na presença deles. Vejamos sua confissão sincera:

“Não tinha meios de saber quanto tempo aquilo iria durar e nem se ela ia voltar curada. Levei os filhos para comer um sanduíche e conversei com eles; falei incessantemente. Retornei, e coloquei-os na cama, ainda falando, falando sem parar. Reconhecia que estava enfrentando naquele momento uma crise que, ou me destruiria, ou me edificaria de uma vez por todas. Depois que coloquei as

crianças para dormir e orei com elas, minha Cathy me viu chorar pela primeira vez na vida.

- Papai, nunca vi o senhor chorar antes, disse ela.

Creio que naquele dia ela ficou sabendo algumas coisas sobre o pai. Que eu era um homem, que era humano, que estava sofrendo, sozinho e solitário.

Naquele momento, acho que reconheci que Deus para mim era assunto encerrado, como também a vida cristã que eu conhecia, pois dera tudo para ele e agora estava sem nada, a não ser uma esposa doente, confusa e solitária, e um emaranhado de problemas. E estava muito irritado, lembrando uma vez mais que magoara Carolyn profundamente. Quando ia à geladeira, a campainha da porta tocou. À porta estava um homem notável, Jack Johnston.

Já tinha orado, naquela noite, e em minha oração dissera a Deus que não estava entendendo aquilo. Tinha mantido minha parte no trato, e ele agora fazia essa covardia comigo. Nem mesmo sabia mais onde ele estava, ou o que queria de mim. Havia-lhe dado toda a minha vida e minha família, e agora ele estava-me destruindo. Jack entrou na sala, agarrou-me e me deu um abraço apertado, segurando-me por uns dez ou quinze minutos, não me lembro. Abraçou-me com tanta força e com tanto amor, que minha raiva, amargura e decepção parece que saíram de minha alma doente e se transferiram para ele. Ele não citou versos da Bíblia, nem disse que tudo iria terminar bem. Apenas fez uma curta oração, me abençoou e saiu levando minhas hostilidades noite adentro.

Não entendi tudo naquela ocasião, e não tenho a pretensão de dizer que o entendo agora. Ainda não compreendo bem o que se passou com Carolyn, mas por causa daquele gesto de Jack, consegui aceitar melhor a situação. O amor que recebemos de outros crentes nos meses que se seguiram foi maravilhoso, de uma beleza deslumbrante. Durante um mês, as pessoas nos traziam as refeições em casa. Outros vinham arrumar camas, dar limpeza na casa. Recebi pelo correio ofertas anônimas, para auxiliar-me com as despesas médicas, que eram bastante elevadas.

O que destrói a muitos de nós, cristãos, é o fato de não sabermos nos relacionar com os outros de um modo mais caloroso, sincero e compassivo. Errei nesse ponto até mesmo com aqueles que me eram mais chegados. Estava tão atarefado em minha atividade cristã (E puxa, como eu era ativo!) que me esquecera do chamado de Deus para mim. Durante muito tempo, desconheci que o cristão tinha que permitir que outros o amassem. Pensava que ele tinha sempre de estar amando os outros. Não lembrava que precisava deixar que outros me amassem, inclusive Carolyn. Parecia-me que, no contexto da fé cristã, a pessoa certa era a que amava os outros; mas se deixava que os outros a amassem, estava errada."

Não posso criticar esse homem. Devo confessar que vejo em mim mesmo essas tendências para a auto-suficiência. Sendo um indivíduo que sempre consegue atingir alvos elevados, acho muito difícil receber seja o que for dos outros. Muito difícil. Normalmente sou daqueles que dão; não dos que recebem. E meu orgulho luta fortemente para manter-me intacto.

Senti isso com muita clareza, há vários anos, durante a época de natal. Um homem de nossa igreja veio à nossa casa trazer seu presente de natal para a família. Não era um presente embrulhado em papel brilhante com uma linda fita,

mas um presente de amor, um ato de carinho; lavar as vidraças de todas as janelas da casa. Naquela manhã de sábado, eu estava estudando em meu gabinete na igreja, e minha esposa e filhos o receberam. E o homem se pôs a fazer o serviço. Mais tarde, voltei para casa, e logo notei o carro dele estacionado em frente de casa. Imaginei se seria algum problema com ele (lá estava eu outra vez com o mesmo raciocínio de sempre).

As crianças vieram encontrar comigo à porta dando-me a notícia de que Phil (nome fictício) estava em casa, limpando as vidraças. Minha primeira reação, logicamente, foi de surpresa. Sabia que ele era um homem ocupado, um pai de família com outras coisas para fazer, além de limpar minhas vidraças. Fui ao pátio e dei com seu rosto sorridente.

- O que está havendo, Phil? Não estou entendendo isso.

Ainda sorridente ele me respondeu:

- Oi Chuck, eu só queria prestar esse servicinho para vocês, Feliz Natal!

- Olha, Phil (hoje sinto-me um pouco envergonhado quando me lembro disso), o que você acha de terminar só as portas do pátio? Nós limpamos o resto, está bem?

- Não, falou. Gostaria de limpar todas.

- Ah, muito obrigado, mas é que temos outras coisas muito mais importantes para fazer. Vamos fazer o seguinte, você fica com as daqui de baixo, e eu com os garotos lavamos as de cima.

- Não; eu gostaria muito de limpar as de cima também.

- Bem, então, você fica com o lado de fora e nós limpamos o lado de dentro das vidraças.

Phil parou um instante, fitou-me diretamente e disse:

- Chuck, quero lavar todas as vidraças, no térreo e em cima, do lado de dentro e de fora – todas elas. Você está sempre ajudando os outros, sempre se dando. Agora, para variar, gostaria que você recebesse alguma coisa.

De repente compreendi a luta que tenho para receber com humildade os presentes dos outros. Entendo a relutância de Pedro. Era muito difícil para ele ser servo, principalmente quando isso exigia que recebesse algo de outra pessoa.

Jesus deu a Pedro uma resposta muito severa: "... Se eu não te lavar, não tens parte comigo" (Jo 13.8). E essa repreensão do Senhor introduz para nós uma terceira observação.

Ser servo não é dar indicação de fraqueza interior, mas de incrível força.

Não há como esconder o fio cortante das palavras de Jesus a Pedro. O que ele realmente disse foi o seguinte: "Se você não permitir que eu faça isto, será o fim. Saia!" Quem pensa que Jesus era homem de personalidade fraca, sem tutano, é porque ignora afirmações como esta. Ser servo não implica absolutamente em que vez por outra não tenhamos confrontações ou dirijamos palavras duras aos outros. O Senhor pode preferir usar, para repreender a outros, um servo que já conquistou o direito de ser ouvido, até com mais freqüência do que um líder forte.

E não há dúvida de que foi o que deu certo com Pedro. Sentimos logo que ele entendeu a idéia de Jesus, pois soltou as palavras: "Então, dá-me um banho!" Não; isso não seria necessário. Apenas os pés.

Depois que Cristo colocou na perspectiva certa a reação forte de Pedro, sentou-se e pôs-se a fazer reflexões com os discípulos e a dar-lhes instruções. João nos conta o que se seguiu:

“Depois que lhes lavou os pés, e tomou as suas vestes, e se assentou outra vez à mesa, disse-lhes: Entendeis o que vos tenho feito?” (Jo 13.12)

Que pergunta mais estranha! É claro que sabiam que o que ele fizera: lavara-lhes os pés. Mas Jesus, como sempre, tinha em mente muito mais que o óbvio. Queria que pensassem em profundidade, que aprendessem algo de grande valor para o servo obediente. Vejamos o que ele lhes disse:

“Vós me chamais Mestre e Senhor, e dizeis bem, porque eu o sou. Ora, se eu, Senhor e Mestre, vos lavei os pés, vós deveis também lavar os pés uns aos outros. Porque eu vos dei o exemplo, para que, como eu vos fiz, façais vós também. Na verdade, na verdade vos digo que não é o servo maior do que o seu senhor, nem o enviado maior do que aquele que o enviou. Se sabeis estas coisas, bem-aventurados sois se as fizerdes.” (Jo 13.13-17)

Instrução Direta

Ele lhes deu uma lição surpreendente. Começou falando de sua posição de autoridade entre eles: o “Mestre” e “Senhor”. Agora, o que esperaríamos que dissesse a seguir? A coisa mais óbvia: “Eu lavei os pés de vocês, agora lavem o meu”. Acredito que era isso que achavam que iam ouvir; seguindo aquele raciocínio: eu o ajudei, agora você me ajuda.

Mas, tratando-se de Jesus, isso teria sido um privilégio. Quem não iria querer fazer isso? Ficaríamos longo tempo numa fila, para lavar os pés do Salvador. Mas não foi isso que ele disse.

Ele ordenou a eles (e a nós) que lavassem os pés uns dos outros. Que ensino maravilhoso! “Como fiz com vocês, agora façam uns com os outros”. É aqui que nossa obediência enfrenta sua prova máxima.

E agora chegamos ao fecho de tudo: verso 15: “Porque eu vos dei o exemplo, para que, como eu vos fiz, façais vós também.”

Vamos ver este verso numa forma mais popular:

“Dei um exemplo, para que vocês o estudem aos domingos”. Não.

Ou então:

“Dei um exemplo, para que vocês formem grupos de estudo e meditação”. Também não.

E este aqui:

“Dei um exemplo para que vocês memorizassem estas minhas palavras e as recitassem muitas vezes”. Não.

Jesus deu uma instrução clara. Estava querendo ação, não teoria.

“Dei um exemplo para que façam o que fiz.”

Para deixar bem claro na prática o valor da obediência, vamos brincar de “faz de conta”. Faz de conta que uma pessoa trabalha para mim. Para ser mais exato, ele é o segundo executivo em minha companhia, uma firma que está crescendo rapidamente. Sou o proprietário e tenho interesse em ampliar a companhia, criando sucursais no estrangeiro. Para realizar isso, faço planos de viajar para outro país e lá permanecer até instalar meus escritórios ali. Faço todos os preparativos para levar minha família comigo para a Europa, e passar ali entre seis e oito meses. E deixo meu vice-presidente na chefia da organização, dizendo-lhe que lhe escreverei todos os meses, dando-lhe instruções e toda orientação necessária.

Então, parto, e a pessoa fica em meu lugar. Passam-se os meses. Um fluxo constante de correspondência é enviado da Europa e recebido na matriz da companhia. Nessas cartas, exponho todos os meus desejos com relação à firma. Finalmente, volto. Logo após minha chegada, pego o carro e vou ao escritório central. Fico abismado! A relva e o mato cresceram. Algumas das janelas que dão para a rua estão quebradas. Entro na saleta da recepção, e a recepcionista está fazendo as unhas, mascando chicletes e ouvindo no rádio uma música de discoteca. Corro os olhos por ali e noto que as cestas de lixo estão cheias a transbordar; há semanas não se passa o aspirador de pó no carpete, e ninguém parece estar preocupado com o fato de que o chefe voltou. Pergunto pelo vice-presidente, e alguém responde, indicando o fim do corredor:

- Acho que está lá.

Fortemente perturbado, dirijo-me pra lá e encontro-o terminando um jogo de xadrez com o gerente de vendas. Peço-lhe que venha ao meu gabinete (que fora transformado em sala de TV, para que se pudesse assistir à novela da tarde).

- Afinal de contas, o que está acontecendo por aqui?

- O que quer dizer com isso?

- Ora, dê uma olhada por aí. Não recebeu minhas cartas?

- Cartas? Ah, sim. Lógico. Recebemos todas elas. E aliás, desde que você viajou, Charles, passamos a fazer um estudo das cartas todas as sextas-feiras, à noite. Após o estudo, dividíamos todo o pessoal em pequenos grupos, e debatíamos muitas das coisas que você escreveu. Algumas de suas orientações foram muito interessantes. Você irá gostar de saber que alguns chegaram até a memorizar algumas das frases e parágrafos. Houve mesmo uns dois que decoraram até cartas inteiras. Que maravilhoso conteúdo o de suas cartas!

- Está bem, já sei. Receberam minhas cartas, estudaram-nas, meditaram nelas, discutiram-nas e até as decoraram. Mas o que fizeram com as instruções nelas contidas?

- O que fizemos? Eh... não fizemos nada.

Será que isso ocorre conosco também?

Jesus, o Senhor, estabelece as bases de ação aqui em João 13. “Dei o exemplo do que quero que façam – executem minhas instruções, obedeçam meus mandamentos e sigam minhas ordens”. Isso é obediência – fazer o que nos é ordenado. Ele lavou os pés sujos dos apóstolos e depois disse: “Façam isso também”. Queria dizer com isso que devemos servir os outros. Compreendamos, porém, que uma ação certa deve ser precedida de uma atitude certa. Tenhamos cuidado com a temperatura da água que vamos utilizar. É muito fácil usarmos água fervendo, quando “lavamos os pés” dos outros... ou então água gelada. Conheço pessoas que chegaram quase a dar uma lavagem a seco em certos pés. E isso não está certo. Nosso objetivo aqui é remover a sujeira dos pés, e não a pele do indivíduo.

APROPRIANDO-NOS DAS INSTRUÇÕES DE CRISTO

Quando meditamos nessas coisas, procurando entender exatamente o que o Salvador quis dizer com isso, percebemos que ele deu uma ênfase fortíssima à obediência. Como já notamos antes, essa era uma diferença importante entre ele e os fariseus. Estes gostavam de ficar no terreno da teoria. Sua vida era marcada pela hipocrisia. Sabiam falar muito bem sobre o que era servir... mas não tinham o único ingrediente que faria deles servos autênticos: a obediência. Talvez seja esta a razão por que Jesus deu tanta ênfase a ela.

Ao pensar na apropriação que temos de fazer do exemplo de Cristo e de sua ordem, três aspectos específicos me parecem bem importantes, merecendo ser mencionados aqui.

1. Obediência significa envolvimento pessoal

“Ora, se eu, Senhor e Mestre, vos lavei os pés, vós deveis também lavar os pés uns aos outros.” (Jo 13.14)

Não podemos servir aos outros estando ausentes, ou mantendo-nos à distância. Isso quer dizer que, se uma pessoa está-se afogando num mar agitado, temos que nos molhar, temos que entrar em contato com ele. Significa que, se uma pessoa está-se extraviando, não podemos ignorá-la, mas precisamos estender a mão para alcançá-la e restaurá-la. Ninguém aprende a nadar em uma sala de visitas, com um manual de curso por correspondência. Temos que entrar na água. Pense nisto. Você está sinceramente interessado em envolver-se e ajudar a pelo menos uma pessoa que se acha em dificuldade? Essa atitude de se interessar deve vir antes do envolvimento.

2. A obediência exige um altruísmo como o de Cristo

“Porque eu vos dei o exemplo, para que, como eu vos fiz, façais vós também.” (Jo 13.15)

Deixemos nossos olhos mergulharem nestas palavras. Para realmente entendermos este conceito, precisamos ver as pessoas como Cristo as vê. Teremos de correr o risco de estender a mão, desistir de nossas preferências em favor das dele.

3. A obediência resulta em felicidade

“Se sabeis estas coisas, bem-aventurados sois se as fizerdes.” (Jo 13.17)

Observemos, por fim, que a felicidade vem do fato de praticarmos estas coisas. O que isto significa? Temos que obedecer, se quisermos desfrutar da alegria de servir. Se apenas a estudarmos e discutirmos, isso não produz felicidade duradoura. A alegria começa quando arregaçamos as mangas, amarramos a toalha na cintura e lavamos alguns pés, em silêncio, com humildade, com alegria... como Cristo, que foi manso e humilde de coração.

Será que isto quer dizer que nunca teremos contratempos? Será que estou afirmando que o coração do servo nunca será ferido ou espoliado no processo de servir? Será que essa promessa de felicidade significa que estaremos sempre protegidos de qualquer sofrimento? Não; mil vezes não! Para manter as coisas dentro de uma perspectiva realista, temos que enfrentar as dolorosas conseqüências. Mesmo quando somos “mansos” e “humildes de coração”. O que mais poderemos esperar? O perfeito Modelo de obediência terminou sua vida terrena numa cruz.

No capítulo seguinte, procuraremos colocar tudo isso em sua perspectiva certa. Muitas vezes, certas conseqüências estão ligadas ao serviço, mesmo quando somos obedientes. E essas conseqüências são inesperadas e desagradáveis, como veremos. Segure-se firme, servo e companheiro. Isso talvez doa um pouco.

12

AS CONSEQUÊNCIAS DO SERVIR

Nós, os americanos, gostamos das coisas bem lógicas e justas. E não ficamos só no gostar; estamos sempre orientando a vida nesse sentido. A lógica e a justiça são pontos fortes em nossa sociedade.

E o raciocínio associado a isso é: se pratico o que é certo, terei como conseqüência o bem; se faço algo de errado, me sucederão males. Fazer o que é certo implica em receber recompensas; e fazer o que é errado, em conseqüências adversas. É um axioma de vida, muito lógico e justo. Só que há um problema: nem sempre as coisas se passam assim. Na vida isso não acontece certinho como no pensamento. Tenho certeza de que não existe uma só pessoa dentre as que me lêem, que alguma vez não tenha experimentado uma reviravolta desse tipo. Todos nós já tivemos a infelicidade e o infortúnio de fazer o que é certo, e receber um retorno negativo. E em algumas ocasiões, também cometemos erros sem termos sido punidos. Essa segunda situação não é difícil de aceitar... mas a primeira é uma pílula difícil de engolir.

Não me sinto absolutamente perturbado por ter dirigido numa rodovia a 90km/h, sem ter sido detido pela policia rodoviária. Normalmente não “passo a noite acordado” só por que um guarda de transito deixou de multar-me – embora eu o merecesse. Mas, ah! Se um deles vier me dar uma multa, quando não fiz nada errado – fico furioso! E você também fica. Nós detestamos ser injustiçados. Somente os atos errados devem trazer conseqüências negativas, assim pensamos. E quando, após praticar um ato justo, recebemos um retorno negativo, somos dominados pelo ressentimento e pela cólera.

UMA APRECIÇÃO REALISTA DO SERVIR

Gostaria de poder dizer que a única situação em que isto se dá é no trânsito, mas não posso. Acontece também no servir do cristão. Haverá ocasiões em que iremos dar, perdoar, esquecer, renegar a nós mesmos, obedecer a Deus até o fim e lavar os pés sujos dos outros com uma atitude de mansidão e humildade. E, após termos feito tudo isso, vez por outra, seremos injustiçados. Quero que todos entrem neste ministério de serviço de olhos bem abertos. Se nos dispusermos realmente a servir aos outros, saibamos que iremos receber tratamento adverso, mesmo fazendo o que é certo. Acreditem-me, saber disso de antemão nos ajudará a aprimorar nosso serviço.

Sofrer por Ter Feito o que é Certo

A Bíblia não esconde de nós esta dolorosa realidade. Lemos em I Pedro 2.20-24 (que por sinal é dirigido a servos):

“Porque, que glória será essa, se, pecando, sois esbofeteados e sofreis? Mas se, fazendo o bem, sois afligidos e o sofreis, isso é agradável a Deus. Porque para isto sois chamados; pois também Cristo padeceu por nós, deixando-nos o exemplo, para que sigais as suas pisadas. O qual não cometeu pecado, nem na sua boca se achou engano. O qual, quando o injuriavam, não injuriava, e quando padecia não ameaçava, mas entregava-se àquele que julga justamente; Levando ele mesmo em seu corpo os nossos pecados sobre o madeiro, para que, mortos para os pecados, pudéssemos viver para a justiça; e pelas suas feridas fostes sarados.”

Num ponto isto “faz sentido”, de acordo com nossa mentalidade lógica e justa. Mas noutro ponto não faz. Se uma pessoa pratica um erro e depois sofre as conseqüências, mesmo que ela suporte o castigo com paciência, ninguém a louva. Quem ficará admirado se Charles Manson, por exemplo, passar o resto de seus dias atrás das grades, silenciosamente e sem se queixar? Não haverá muita virtude nisso.

Mas – tenhamos isso sempre em mente – quando uma pessoa pratica o bem e recebe em paga um tratamento adverso, mas o faz com paciência e humildade, Deus a aplaude! Um exemplo: o sofrimento e morte de Jesus Cristo na cruz. Ele, o perfeito Deus-homem, foi maltratado, odiado, injuriado, espancado e finalmente

preso a uma cruz horrível. Recebeu sofrimentos cruéis, embora tenha vivido sempre servindo e se dando aos outros. Vejamos o texto de I Pedro 3.17-18:

“Porque melhor é que padeçais fazendo bem (se a vontade de Deus assim o quer), do que fazendo mal. Porque também Cristo padeceu uma vez pelos pecados, o justo pelos injustos, para levar-nos a Deus; mortificado, na verdade, na carne, mas vivificado pelo Espírito;”

Uma coisa é certa: se os homens trataram dessa forma a um ser perfeito, então os imperfeitos não precisam ter esperanças de escaparem aos maus tratos. E ainda não lhe aconteceu isso, provavelmente ainda vai acontecer. À luz deste fato, gostaria de dirigir a mensagem deste capítulo àqueles que já receberam maus tratos no passado, aos que os estão recebendo agora... e também àqueles que serão maltratados no futuro.

Reação ao Mau Trato

Uma reação negativa em paga a uma vida de serviço não é coisa nova. Remonta a muitos anos. Durante todos esses séculos os servos de Deus, homens de bom coração, de vida sacrificial, caridosos, pessoas que amaram, têm recebido maus tratos. Não conheço outro texto mais comovente na Bíblia do que o de Hebreus 11, que mostra a realidade dessa paga negativa para uma vida de serviço.

“As mulheres receberam pela ressurreição os seus mortos; uns foram torturados, não aceitando o seu livramento, para alcançarem uma melhor ressurreição; E outros experimentaram escárnios e açoites, e até cadeias e prisões. Foram apedrejados, serrados, tentados, mortos ao fio da espada; andaram vestidos de peles de ovelhas e de cabras, desamparados, aflitos e maltratados (dos quais o mundo não era digno), errantes pelos desertos, e montes, e pelas covas e cavernas da terra. E todos estes, tendo tido testemunho pela fé, não alcançaram a promessa.” (Hb 11.35-39)

Torturados. Rejeitados. Ameaçados. Famintos. Doentes. Mortos. Homens que eram “bons demais para este mundo”, atirados de um lado para outro como se fossem bonecos de pano... embora só tivessem feito o bem, servindo e dando-se aos outros. Se foi isso que sucedeu a eles... preciso dizer mais alguma coisa? Sim, talvez eu deva.

Meu principal objetivo neste capítulo é preparar o leitor para o inevitável. Quando enfrentamos uma desilusão desse tipo logo surge um sentimento de amargura. Hoje existem muitos crentes que, infelizmente, se encontram “fora de ação”, corroendo-se com ressentimentos e amarguras, por haverem sido mal recompensados após terem agido certo. Se este capítulo conseguir evitar que alguém fique paralisado em virtude da amargura e da desilusão, terei atingido meus objetivos.

O LADO SOMBRIO DO SERVIR

Voltemos a II Coríntios 4, um trecho das Escrituras que temos analisado diversas vezes. Talvez ainda estejam lembrados das seguintes palavras:

“Porque não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus, o SENHOR; e nós mesmos somos vossos servos por amor de Jesus. Porque Deus, que disse que das trevas resplandecesse a luz, é quem resplandeceu em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Jesus Cristo. Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus, e não de nós.” (II Co 4.5-7)

São palavras de um servo sincero, humilde, de coração aberto. Nós, os crentes recebemos um tesouro de enorme valor (o glorioso evangelho) num vaso muito frágil e perecível (nosso fraco corpo). E existe uma razão para isso: é para que ninguém tenha dúvida de que esse poder tem sua origem em Deus, e não no ser humano. E então, para comprovar a fragilidade humana, Paulo relaciona quatro fraquezas com as quais os servos estão sempre lutando. Eu as chamo de conseqüências do servir. Vejamos essas quatro coisas nos dois versos que se seguem, depois as analisaremos, e a seguir veremos a ampliação delas em II Coríntios 11. Quem tiver lápis à mão deve fazer um círculo em torno de cada uma delas em sua Bíblia: atribulados, perplexos, perseguidos, abatidos.

“Em tudo somos atribulados, mas não angustiados; perplexos, mas não desanimados. Perseguidos, mas não desamparados; abatidos, mas não destruídos;” (II Co 4.8-9)

Tribulação

Esta palavra deriva de um termo latino que sugere a idéia de adversidade, sofrimento. O problema é criado por circunstâncias difíceis ou pessoas hostis. Em outras palavras, quando o servo é atribulado, isso quer dizer que está passando por sofrimentos, opressões e dificuldades.

Perplexidade

E Paulo segue dizendo que há vezes em que o servo de Deus se encontra perplexo, confuso. Interessante observar que os termos gregos que entram na formação desta palavra significam “sem caminho”. É uma imagem de confusão, de uma pessoa que não sabe onde nem a quem pode pedir socorro. Ainda incluídas no significado deste termo estão as idéias de falta de recursos, sentimentos de vergonha e de dúvida quanto à medida a ser tomada. Temos a expressão “estar confuso”, que descreve com precisão esta sensação de incerteza. Mas há mais.

Perseguição

Originalmente, este vocábulo significa “correr atrás, caçar”. É a idéia de ter alguém em nosso encalço, correndo atrás de nós. Trata-se de um termo com conotação de agressividade, contendo uma idéia bem ampla desde uma simples intimidação, até ser agredido, atacado por outrem. Os servos irão sofrer perseguições. Lembremos nossa exposição do capítulo 8, quando falamos sobre a última bem-aventurança, aplicando-a à nossa realidade. Paulo afirma abertamente que isso irá acontecer. “Ora, todos quantos querem viver piedosamente em Cristo Jesus serão perseguidos”. A perseguição é uma dessas dolorosas conseqüências do servir, juntamente com a tribulação e perplexidade. E por último ele cita mais uma.

Rejeição

“Abatido” – essa palavra traz a idéia de ser derrubado, empurrado de lado ou expulso. É por isso que a tradução de J. B. Phillips diz: “... derrubados, mas nunca vencidos”. Que coisa espantosa! Embora façamos nossa obrigação com toda fidelidade e perseverança, embora ajudemos e sirvamos aos outros, podemos saber desde já que, em certas ocasiões, seremos atirados de lado e rejeitados.

Ultimamente ocorreu-me uma ilustração meio estranha desse fato. Quem gosta de assistir ou de jogar futebol americano (e eu gosto) talvez já tenha observado um fato curioso que se passa no esporte. É um caso muito estranho. O time todo luta para abrir caminho em direção à meta. Eles correm e fazem jogadas ensaiadas, tudo para pegar a defesa adversária aberta. Os minutos parecem horas enquanto os atacantes lutam para marcar o ponto. E de repente dá certo. Uma jogada dá certo ou um jogador da defesa se acha fora de sua posição – e lá vai um rápido atacante, para marcar o esperado gol. Assim que ele consegue fazer com que a bola ultrapasse a linha, ele a chuta com toda a força, impiedosamente. O homem nem pensa em dizer: “Obrigado, bola!”

Já cheguei a pensar: “E se a bola tivesse sentimentos? Se soubesse falar?” Já imaginou o que ela diria depois de receber aquele “bicudo”? Ela tinha “trabalhado” direitinho. Continuara perfeitamente inflada. Não fugiu ao controle do jogador. Ela é a razão pela qual o time marcou pontos. E depois de tudo, o agradecimento que recebe é um belo chute. Isso é que é rejeição! O mesmo acontece com os servos de Deus. Fazemos tudo certinho e depois somos postos de lado. E às vezes de forma cruel. Isso machuca qualquer um.

Servos, atenção! Essas quatro palavras constituem um esboço do tratamento que podemos esperar da vida. São as quatro conseqüências do servir – o seu lado sombrio. Mantenhamos nossos olhos bem abertos quando pegarmos a toalha para lavar o pé de alguém. Haverá ocasiões em que receberemos um chute desse pé. Pois bem, isso não significa que Deus nos tenha abandonado, ou que estejamos agindo contra a vontade dele. Não. Significa apenas que gente é gente, ovelha é ovelha. Tudo é parte de um processo a que Deus nos está submetendo, para tornar-nos humildes, com o objetivo de transformar nossa vida, de modo que tenhamos “uma vida semelhante à do seu Filho” (Rm 8.30) – Cartas às Igrejas Novas).

AS CONSEQUÊNCIAS DO SERVIR E A VIDA DIÁRIA

Mas basta de teoria. Vamos ver agora como essas coisas nos aparecem na vida diária. Abram os II Coríntios 11. O mesmo apóstolo que escreveu no capítulo 4 acerca de tribulação, perplexidade, perseguição e rejeição, agora amplia cada uma delas no capítulo 11. O capítulo 4 fala o que vai nos acontecer; o capítulo 11 explica como isso se dará. Mas antes de vermos como esses dois capítulos se completam perfeitamente, quero mostrar-lhes algo muito interessante. No versículo 23 de II Co 11, Paulo faz uma pergunta: “São ministros (servos) de Cristo?... eu ainda mais”. Imediatamente ele se põe a mostrar que tem mais direitos do que os outros de se proclamar servo de Cristo. Como? Pelas coisas que sofreu. Não é interessante? E nos versos seguintes, Paulo menciona diversas consequências penosas para mostrar a seus leitores que realmente ele é servo. Não há como escapar a essa verdade. Quem se decidir seriamente a formar em si a imagem de Cristo, terá que arcar com as consequências. Aqueles que servem irão sofrer. Leiamos estes versículos bem devagar.

“São ministros de Cristo? (falo como fora de mim) eu ainda mais: em trabalhos, muito mais; em açoites, mais do que eles; em prisões, muito mais; em perigo de morte, muitas vezes. Recebi dos judeus cinco quarentenas de açoites menos um. Três vezes fui açoitado com varas, uma vez fui apedrejado, três vezes sofri naufrágio, uma noite e um dia passei no abismo; Em viagens muitas vezes, em perigos de rios, em perigos de salteadores, em perigos dos da minha nação, em perigos dos gentios, em perigos na cidade, em perigos no deserto, em perigos no mar, em perigos entre os falsos irmãos; Em trabalhos e fadiga, em vigílias muitas vezes, em fome e sede, em jejum muitas vezes, em frio e nudez. Além das coisas exteriores, me oprime cada dia o cuidado de todas as igrejas.” (II Co 11.23-28)

Quanta “ventura” Paulo tinha para contar! Lembrem-se das quatro palavras de II Co 4? Os versos 23 a 28 do capítulo 11 constituem uma ampliação de mesma coisa. Fazendo uma comparação dos dois, temos:

Capítulo 4	Capítulo 11
• Tribulação	“em trabalhos, muito mais”
• Perplexidade	“muito mais em prisões”
• Perseguição	“em açoites, sem medida”
• Rejeição	“em perigos de morte muitas vezes”

Está bem claro que os dois textos se acham estreitamente relacionados. Cada uma das consequências citadas no capítulo 4 é ampliada no capítulo 11, onde são mencionados alguns fatos acontecidos.

Em Trabalhos

Dentro da categoria das tribulações estão os “trabalhos” que Paulo menciona, quando diz:

“Em trabalhos e fadiga, em vigílias muitas vezes, em fome e sede, em jejum muitas vezes, em frio e nudez. Além das coisas exteriores, me oprime cada dia o cuidado de todas as igrejas.” (II Co 11.27-28)

Isso é trabalho! Interessante, raramente pensamos que um grande apóstolo como Paulo poderia ter sofrido de insônia, mas sofreu... às vezes por causa de privações como fome, frio e nudez... e às vezes por causa de suas preocupações com as diversas igrejas às quais havia se dedicado. Diariamente, diz ele.

Preocupações e aflições são elementos destrutivos e por vezes podem até matar. Fiquei ciente disso quando li um livro (Executive Survival Manual – Manual de Sobrevivência do Executivo) que aborda a questão de stress que os executivos suportam. No capítulo intitulado “O stress do executivo”, os autores fazem uma avaliação do impacto causado no indivíduo pelas pressões que ele suporta, medindo em pontos o stress provocado. Quanto maior o número de pontos de stress a que uma pessoa é submetida em determinado período de tempo, maior sua probabilidade de sofrer uma doença física ou mental nos meses seguintes. Eles afirmam, por exemplo, que, se uma pessoa passa por crises que somem de 200 a 299 desses pontos num determinado ano, a possibilidade de ela vir a sofrer de alguma enfermidade dentro dos 2 anos seguintes é de 50%. De 300 pontos para cima, o risco sobe para 80%. Interessante é esta lista de crises e o número de pontos de stress atribuídos a cada uma delas:

1. Morte do cônjuge	
100	
2. Divórcio	73
3. Separação do cônjuge	
65	
4. Detenção em cadeia ou outra instituição	
63	
5. Morte de um membro da família	
63	
6. Lesão ou doença séria	
53	
7. Casamento	
50	
8. Desemprego	47
9. Reconciliação com cônjuge	
45	
10. Aposentadoria	
45	
11. Variação na saúde ou conduta de uma pessoa da família	
44	

12. Gravidez	40
13. Distúrbios sexuais	39
14. Adição de novo membro à família (por nascimento de um bebê, adoção de uma criança ou chegada de um parente idoso, que passa a morar na mesma casa)	39
.....	
16. Variação financeira considerável (melhorar ou piorar muito a situação)	38
17. Morte de um amigo chegado	37
.....	
23. Filho ou filha sai de casa (por ter-se casado ou para morar em outro lugar, etc.)	29
24. Problemas com sogros, etc.	29
.....	
30. Problemas com o chefe de serviço	23
31. Variação considerável no horário ou condições de trabalho	20
32. Mudança de residência	20
33. Mudança para outra escola	20
.....	
41. Férias	13
42. Natal	12
43. Pequenas violações de lei (multa de trânsito, detenção por perturbação da ordem, etc.)	11

Lendo o que lemos sobre os sofrimentos de Paulo, podemos calcular que a soma de seus pontos de stress deve ter subido a 400 ou mais!

Em Prisões

Em seguida, Paulo menciona os terríveis momentos em que foi maltratado e aprisionado, correspondendo à categoria de “perplexidade”. Deve ter havido ocasiões em que ele não sabia a quem recorrer. Deve ter sido atormentado por dúvidas e interrogações, com muita frequência. Vejamos novamente o verso 26:

“Em viagens muitas vezes, em perigos de rios, em perigos de salteadores, em perigos dos da minha nação, em perigos dos gentios, em perigos na cidade, em perigos no deserto, em perigos no mar, em perigos entre os falsos irmãos;”

Ali estava um desses grandes homens, “bom demais para o mundo”, empurrado de um lado a outro, sofrendo ameaças e vivendo sempre sob a espada afiada do perigo. Somente neste verso ele emprega o termo *kindunos* oito vezes, que é traduzido como perigo. Quem se imaginar em todas estas situações e ainda por cima aprisionado várias vezes, acabará com a sensação de que está interiormente arrasado. A mente começa a falhar. A pessoa começa a indagar-se onde Deus estará naquele instante, e ocasionalmente duvidará de sua existência. O indivíduo fica desorientado, “confuso”. E além de tudo isso, passa pelo sofrimento mais comum a todos os que já estiveram em cadeias – profunda solidão. Some-se tudo isto, e teremos o quadro completo da situação.

Aqueles que já leram o livro *O Refúgio Secreto*, a admirável história de Corrie ten Boom, aprenderam a apreciar essa mulher forte, que se ergueu dos escombros da Segunda Grande Guerra com uma fé sólida como granito. Mas existe uma outra história, com uma tragédia semelhante, escrita por Elie Wiesel, eu dá ao leitor uma visão do holocausto por uma perspectiva diferente. Este livro, *Night* (Noite), com que nos agarra e não nos solta mais. Em frases concisas e compactas, ele narra aquelas cenas e fala de sua perplexidade ao presenciar (ainda adolescente) um capítulo da vida, que muitos de nós preferiríamos esquecer.

E esse jovem judeu presenciou tudo. Amigos judeus de sua cidade eram espoliados de todos os seus haveres e embarcados em vagões de gado, onde um terço deles morria antes de chegar ao destino. Viu criancinhas serem maltratadas, outras enforcadas; viu prisioneiros matarem companheiros mais fracos, por causa de um pedaço de pão bolorento. Viu sua mãe e alinda irmãzinha com toda a família serem atiradas num forno, cujo combustível era carne humana.

E o Deus de Elie foi morto em Birkenbau. Em sua alma, morreu também algo de muito querido e precioso, e todos os seus sonhos foram destruídos.

François Mauriac, o escritor francês, detentor de um Prêmio Nobel, escrevendo no prefácio do livro de Elie Wiesel, fala da primeira vez em que o viu:

“Foi então que compreendi o que me havia atraído para o jovem israelita: aquele olhar, como o de um Lázaro que acaba de sair do túmulo, mas ainda prisioneiro do terrível lugar por onde vagara aos tropeções por entre cadáveres de vergonha. Para ele, o brado de Nietzsche expressava uma realidade quase palpável: Deus está morto, o Deus de amor, de ternura, de conforto, o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó, desapareceu para sempre, bem diante dos olhos desse seu filho, subindo com a fumaça do holocausto humano exigido pela Raça, o mais voraz de todos os ídolos. E quantos judeus fiéis sentiram essa morte. Naquele dia horrível, entre tantos outros dias horríveis, quando a criança via (isso mesmo) via o enforcamento de outra criança que, como ele conta, tinha o semblante de um anjo triste, ouviu alguém gemer ali atrás: - Onde está Deus? Onde ele está? Onde pode estar agora?”

Perplexidade. Trágica, terrível perplexidade. São experiências com a que acabamos de ler que nos deixam perplexos. Mas não podemos ignorar a grande diferença que existe entre Corrie ten Boom e Elie Wiesel. Servos como Corrie, que sabem suportar as consequências do servir, testificam vitoriosamente da fidelidade de Deus, mesmo nos momentos de grande perplexidade

Em Açoites

Correspondendo à categoria de “perseguição”, Paulo menciona vários exemplos específicos:

“Recebi dos judeus cinco quarentenas de açoites menos um. Três vezes fui açoitado com varas, uma vez fui apedrejado, três vezes sofri naufrágio, uma noite e um dia passei no abismo;” (II Co 11.24-25)

Será que podemos imaginar o que significa ser açoitado “sem medida” (v.23)? Eu não consigo. Essa é a realidade dos maus tratos físicos. Poucos são os que conhecem a dor em tais extremos. Mas quem pensa que ele foi o único a suportar isso é porque não conhece a história dos mártires cristãos. No livro Fox’s Book of Martyrs (Livro Fox de Mártires) temos relatos terríveis de uma vergonhosa perseguição. Não há como fugir disso; os servos de Deus muitas vezes são usados como bodes expiatórios.

E isso acontece com mais frequência no plano emocional do que no físico. Por alguma razão, a depravação humana gosta de manifestar-se dessa forma. Vejamos, por exemplo, o profeta Daniel. Fiel, eficiente, dedicado ao máximo, honesto, ele servia aos outros de coração sincero. Mas o bem que fez voltou para ele às avessas. De acordo com o relato do sexto capítulo do livro que traz seu nome, as próprias pessoas com quem trabalhava se voltaram contra ele. Elas se dispuseram a provar que ele não era um homem íntegro. Decididos a provar a verdade (que criam ele estivesse escondendo), não deixaram nenhum cantinho de sua vida sem devassar. Já imaginou como isso deve tê-lo magoado? Vejamos isso:

“Então o mesmo Daniel sobrepujou a estes presidentes e príncipes; porque nele havia um espírito excelente; e o rei pensava constituí-lo sobre todo o reino. Então os presidentes e os príncipes procuravam achar ocasião contra Daniel a respeito do reino; mas não podiam achar ocasião ou culpa alguma; porque ele era fiel, e não se achava nele nenhum erro nem culpa.” (Dn 6.3-4)

Mas não encontraram nada. Os estudiosos da Bíblia muitas vezes gostam de dar ênfase a este fato... e realmente devemos fazê-lo. Mas vamos tentar por um momento nos colocar no lugar de Daniel. Somos objeto de uma investigação. Ouvimos cochichos a respeito de nosso caráter. Casos são contados de boca em boca, questionando nossas palavras e ações. Cada movimento que fazemos, cada passo ou gesto é visto como sendo suspeito. E no entanto não há nem um pinga de verdade em tudo aquilo. Temos sido um modelo de honestidade, devotados a servir aos outros e a honrar a Deus... e esse é o agradecimento que recebemos.

Pois é; é preciso muita graça do Deus Todo-Poderoso, para se seguir em frente sob tais circunstâncias e aceitar que a vontade dele sobrepuje a nossa.

Em Perigos de Morte

E existe um outro tipo de consequência que é citado no capítulo 4 de II Co e explanado no capítulo 11. “Em perigos de morte”, que corresponde à categoria de rejeição. Em II Co 4.9, Paulo afirma que somos “abatidos”. E para ilustrar o fato de como estivera perto de morrer, menciona as seguintes experiências:

- Em naufrágio, três vezes (11.25)
- Uma noite e um dia no mar (11.25)
- Cercado de perigos (11.26)
- Sem alimento suficiente (11.27)
- Exposto às intempéries (11.27)
- Escapou da morte ao ser salvo num grande cesto que foi arriado muralha abaixo (11.33)

Ele não era criminoso. Era totalmente inocente... e no entanto foi incompreendido, maltratado, caçado como um animal ferido, e odiado por aqueles que antes o respeitavam. O que acontecera? Como um homem como Paulo podia ser alvo de um tratamento tão injusto e capaz até de causar-lhe a morte? E há outra indagação ainda mais inquietante que essa: como Deus pôde permitir isso, e por que o fez?

É porque era parte do currículo normal do curso de um servo. E ainda o é. Paulo reconhece que estamos...

“Trazendo sempre por toda a parte a mortificação do Senhor Jesus no nosso corpo, para que a vida de Jesus se manifeste também nos nossos corpos; E assim nós, que vivemos, estamos sempre entregues à morte por amor de Jesus, para que a vida de Jesus se manifeste também na nossa carne mortal. Por isso não desfalecemos; mas, ainda que o nosso homem exterior se corrompa, o interior, contudo, se renova de dia em dia. Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós um peso eterno de glória mui excelente; Não atentando nós nas coisas que se vêem, mas nas que se não vêem; porque as que se vêem são temporais, e as que se não vêem são eternas.” (II Co 4.10-11,16-18)

Isso é lindo, quase poético. Uma coisa é lê-lo em caracteres negros numa página branca, e outra muito diferente é abraçar esse tipo de mentalidade, quando o inferno nos ataca com toda a sua fúria.

Como o servo de Deus suporta o fato de o chão lhe fugir de debaixo dos pés?

SUGESTÕES PARA SUPORTAR AS CONSEQUÊNCIAS DO SERVIR

Recebi muito conforto de duas verdades que Deus me revelou numa ocasião em que fui bombardeado com uma série de golpes inesperados e (em minha opinião)

injustos. Nos momentos mais negros, esses princípios são para mim como uma âncora de estabilidade, meu único modo de sobrevivência. Atribulado, perplexo, perseguido e rejeitado naquela situação, apropriei-me dessas duas verdades e me agarrei a elas como se agarra ao mastro de um navio, o marinheiro batido por ondas bravias, ventos fortes e chuva incessante. Deus atravessou comigo esse período e me protegeu, impedindo que me tornasse amargurado.

E como esses princípios deram certos para mim, quero transmiti-los aos leitores. Correndo o risco de parecer simples demais, gostaria de sugerir que não apenas os anotassem, mas também que os memorizassem. Posso assegurar-lhes que um dia ficarão felizes de o ter feito. Eles têm base bíblica, mas não vou citar todos os textos, para não ficar muito longo.

Eis a primeira verdade a ser reivindicada, quando estivermos sofrendo alguma consequência do servir: tudo que me sobrevém passa primeiro pelas mãos de meu Pai Celestial. Tudo. Seja o que for que suceder, Deus já o examinou e aprovou em sua Soberania. Podemos não saber por que (e talvez nunca cheguemos a sabê-lo), mas sabemos que nosso sofrimento não é um produto do acaso para Aquele que guia nossa vida. Ele não se surpreende com essas coisas. Antes que algo nos sobrevenha, passa primeiro por ele.

A segunda verdade de que podemos nos apropriar é: tudo que tenho de suportar tem por objetivo preparar-me para servir melhor aos outros. Tudo.

Como meu Pai Celeste está determinado a conformar-me à imagem de seu Filho, ele conhece o valor que, em última análise, esse sofrimento tem para mim. Ele é parte essencial do processo de preparação. É aplicado com o objetivo de remover de minhas mãos todos os meus recursos pessoais, minha auto-suficiência, e me fazer recorrer a ele – o fiel Provedor. E Deus sabe o que é preciso para que entendamos a mensagem.

Depois que Charissa, nossa filha mais velha, teve que ser submetida a duas cirurgias nos olhos – uma provação que mencionei em meu livro *Three Steps Forward, Two Steps Back* (Três Passos para Diante, Dois para Trás), pensei que nossas tribulações haviam passado. Mas não. Em meados de 1979, ela teve uma queda muito séria e fraturou duas vértebras. Durante a primeira parte do episódio, ficamos a aguardar as consequências físicas da queda. O aspecto mais difícil da disciplina cristã, em minha opinião, é esperar. Mas Deus usou esse período para forçar-nos a nos apoiar nele, a confiar nele, a crer nele, e desistir de nossa vontade e aceitar a dele. Não temos palavras para expressar o sofrimento que nos traz essa transferência de vontades. Mas, afinal, quando conseguimos mudar nossa vontade, eu e Cynthia, totalmente dependentes dele e de mãos vazias, nos apoiamos em Deus com toda a nossa força. Foi uma época de grande stress.

Hoje Charissa está curada. Nossa filha não está parálitica, nem possui problema algum. É uma pessoa sadia, saudável, ativa, e uma jovem muito grata a Deus. E devo acrescentar que todos nós da família reconhecemos mais uma vez o valor de se confiar inteiramente em Deus. Devo confessar que, no meio do sofrimento, lutei com ele. Mas, recordando o que passou, vejo claramente que o processo exigia que fôssemos esvaziados de todas as nossas forças. Deus planejou tudo isso para preparar a família – e principalmente o pai – para sermos servos mais eficientes.

“E uma a uma ele as tirou de mim:
As coisas que eu mais amava.
Até ficar eu de mãos vazias,
Todos os lindos brinquedos se foram.
E andei pelos caminhos da terra, prateando,
Vestido de andrajos e na pobreza.
Até que afinal ouvi sua voz me dizendo:
“Ergue para mim essas mãos vazias!”
Virei minhas mãos para o céu
E ele as encheu, aos montes,
De sua exuberante riqueza
Até não caber mais nada.
Afinal compreendi,
Com minha mente lenta e embotada,
Que Deus não pode derramar suas riquezas
Em mãos que estão cheias.”
(Origem desconhecida)

As coisas que nos acontecem podem não parecer muito lógicas e justas, mas quando Deus se acha na direção de nossa vida, elas estão certas. Mesmo quando, depois de servir aos outros, recebemos o mal em paga.

13

AS RECOMPENSAS DO SERVO

Mas basta de aspectos negativos. O servir indubitavelmente tem suas recompensas, e elas são numerosas. Superam em muito o lado negativo de que vínhamos falando. E quando pensamos nisso, sentimo-nos motivados a prosseguir. Uma das grandes doutrinas do Cristianismo é nossa firme certeza acerca do lar celestial. Iremos passar a eternidade com Deus, num lugar que ele preparou para nós. Um aspecto dessa maravilhosa expectativa é a promessa dele de que dará galardões a seus servos, em recompensa pelos serviços bem feitos. São muito poucos os crentes em Jesus Cristo que nunca pensaram em estar um dia no céu, junto a seu Senhor, recebendo seu sorriso de aceitação e ouvindo dele aquela palavra: “Muito bem, servo bom e fiel”. Às vezes, fazemos referência aos crentes falecidos, dizendo:

- Ele já foi receber os eu galardão.

A Bíblia explica com muita clareza o que diz respeito ao galardão do servo. Lembro-me de que quando era garoto, em nossa Igreja Batista, no Sul do Texas, cantávamos um hino que dizia:

“Estou lembrando hoje aquela belíssima terra
Aonde irei após o pôr-do-sol.
Quando, pela maravilhosa graça de Deus, estarei
Com meu Salvador.
Será que haverá estrelas em minha coroa?

Será que haverá estrelas em minha coroa
Quando à noitinha o sol se puser?
Quando eu despertar com os felizes, nas mansões
De descanso,
Haverá alguma estrela em minha coroa?"
(Eliza E. Hewitt)

Pensei muito sobre isso. Parecia muito estranho, meio irreal. Como poderia haver estrelas numa coroa?

Anos depois, vim a conhecer e a apreciar muito outro hino da igreja cristã. Encontrava-se num velho livro de versos devocionais intitulado Immanuel's Land and Other Pieces (A terra de Emanuel e outras peças), de A. R. C. Essas iniciais representavam modestamente o nome de Anne R. Cousin. Quando esta escritora estava com apenas trinta e dois anos, escreveu seu hino mais conhecido, "A areia do tempo está caindo". O Poema original contém 19 estrofes, mas a maioria dos cristãos conhece apenas 4 ou 5. A estrofe final, em minha opinião, é uma das mais belas.

"A noiva não olha para seu belo vestido
Mas para o rosto de seu amado noivo.
Não contemplarei a glória,
Mas o meu rei da graça.
Nem a coroa que ele me dará,
Mas sua mão traspassada;
O Cordeiro é toda a glória
Da terra de Emanuel."

Mas todos esses velhos hinos falam de coroas celestiais. Parecem bastante interessantes, mas o que a Bíblia diz? As escrituras apresentam uma base para crermos num galardão tangível?

O GALARDÃO NA BÍBLIA

Em I Coríntios 3.10-14 lemos:

"Segundo a graça de Deus que me foi dada, pus eu, como sábio arquiteto, o fundamento, e outro edifica sobre ele; mas veja cada um como edifica sobre ele. Porque ninguém pode pôr outro fundamento além do que já está posto, o qual é Jesus Cristo. E, se alguém sobre este fundamento formar um edifício de ouro, prata, pedras preciosas, madeira, feno, palha, A obra de cada um se manifestará; na verdade o dia a declarará, porque pelo fogo será descoberta; e o fogo provará qual seja a obra de cada um. Se a obra que alguém edificou nessa parte permanecer, esse receberá galardão."

A Bíblia não apenas apóia a tese de um galardão eterno, mas também aponta aspectos específicos. Encontramos três aspectos básicos sobre o galardão, neste trecho.

1. A maior parte do galardão é recebido no céu, não na terra. Mas não me entendam mal. Existem também galardões terrenos. Até mesmo o mundo oferece certas honrarias especiais a determinadas pessoas: o Prêmio Nobel, Prêmio Pulitzer, Prêmios da Academia, etc. E todos nós sabemos dos prêmios que são recebidos pelos atletas: medalhas, taças e troféus. No campo militar, também são conferidos prêmios pelos atos de bravura, medalhas de honra ao mérito, etc. Mas quando se trata de premiar o servo, Deus guarda uma honra toda especial para aquele dia em que “manifesta se tornará a obra de cada um” e “esse receberá galardão” (3.13-14). A maioria dos galardões dos servos lhes será dada após a morte, e não antes.

2. Todos os galardões serão baseados em qualidade, não e quantidade. Observaram uma coisa nestes versos de I Co? “... e qual seja a obra de cada um o próprio fogo o provará” (grifo meu).

Nós, seres humanos, nos impressionamos com tamanho, volume, barulho e números. E às vezes nos esquecemos facilmente de que os olhos de Deus estão voltados para a intenção, autenticidade, para a realidade que há por trás da fachada, e nunca para as ostentações exteriores. E ao premiar seus servos, ele irá fazê-lo com base na qualidade – o que significa que todos terão oportunidade idêntica de receber um galardão. A velhinha que ora será tão recompensada, quanto o evangelista que prega para milhões de pessoas. O crente fiel que silenciosamente assiste a um necessitado receberá seu galardão, assim como o outro que é um líder nato e cujos talentos estão mais à vista dos homens. Um copo de água fria que é dado a uma pessoa que está sofrendo será tão bem recompensado quanto um ato de sacrifício praticado em um campo missionário. Deus, o nosso fiel Senhor, promete recompensar a qualidade de nossa obra. Pode ser que essa glória só seja recebida na eternidade, mas ela virá. E isso nos leva ao terceiro fato com relação ao galardão.

3. As recompensas a serem recebidas na vida eterna não serão esquecidas. Não nos enganemos com relação a isso. A Bíblia ensina claramente que “esse receberá galardão”. Deus não acerta contas conosco ao final do dia. Nem tampouco fecha seus livros ao fim da vida de cada um. Não; nem aí. Podemos estar certos – caros companheiros – de que no dia em que raiar a eternidade, quando o tempo não mais existir, nenhum ato de serviço – quer seja do conhecimento dos outros ou não – ficará esquecido por Deus.

Um senador americano, do século XIX, Benjamim Hill, falou com grande eloquência, ao prestar tributo ao general confederado Robert E. Lee (que aliás foi um grande homem com espírito de servo):

“Ele foi um inimigo sem ódio, um amigo sem traições, um soldado sem crueldades e uma vítima sem murmuração. Foi um servidor público sem delitos, um cidadão sem erros, um vizinho sem falhas, um cristão sem hipocrisias e um homem

inculpável. Foi um César sem ambições; um Frederico sem tiranias; um Napoleão sem egoísmos e um Washington sem as recompensas deste.”

O melhor disso tudo é que não precisamos ser um Robert E. Lee para sermos lembrados. Não precisamos ser um soldado corajoso na batalha ou um estadista que aceita a derrota com elegância. Podemos ser um “João-Ninguém” aos olhos do mundo; mas, no final, nosso Deus fiel recompensará cada ato de serviço praticado por nós. É possível que essa premiação seja adiada, mas nunca será esquecida. Deus cumpre o que promete.

A PROMESSA DE DEUS AOS SERVOS

Alguém se deu ao trabalho de contar todas as promessas contidas na Bíblia e chegou ao impressionante número de 7500. Entre essas existem algumas específicas para os servos, que podem ser reivindicadas no presente. Acredite-me, haverá ocasiões em que o único incentivo que teremos para seguir em frente será a afirmação de Deus, em sua palavra, de que nosso trabalho não é vão. Vamos dividir esse grupo de promessas em duas partes – primeira, as que se relacionam com a fidelidade de Deus; segunda, as que se relacionam com a nossa fidelidade.

Promessas Relacionadas à Fidelidade de Deus

Quero mencionar aqui algumas promessas muito valiosas, que nos asseguram que Deus está conosco, antes de citar uma que merece destaque particular. O texto de Isaías 41.10 muitas vezes têm-me incentivado:

“Não temas, porque eu sou contigo; não te assombres, porque eu sou teu Deus; eu te fortaleço, e te ajudo, e te sustento com a destra da minha justiça.”

E um pouco mais adiante, Isaías diz:

“Porém Sião diz: Já me desamparou o SENHOR, e o meu Senhor se esqueceu de mim. Porventura pode uma mulher esquecer-se tanto de seu filho que cria, que não se compadeça dele, do filho do seu ventre? Mas ainda que esta se esquecesse dele, contudo eu não me esquecerei de ti. Eis que nas palmas das minhas mãos eu te gravei; os teus muros estão continuamente diante de mim.” (Is 49.14-16)

Não é maravilhoso? Nosso Deus cuida de nós e nos ama, mais fielmente do que se fosse uma mãe que amamenta.

Muitas vezes temos lido os conselhos do apóstolo Paulo. Vejamos agora algumas das promessas que Deus o levou a escrever. Em II Co 4.16-18 lemos:

“Por isso não desfalecemos; mas, ainda que o nosso homem exterior se corrompa, o interior, contudo, se renova de dia em dia. Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós um peso eterno de glória mui excelente; Não atentando nós nas coisas que se vêem, mas nas que se não vêem; porque as que se vêem são temporais, e as que se não vêem são eternas.”

E quem não se lembra de Filipenses 4.19?

“O meu Deus, segundo as suas riquezas, suprirá todas as vossas necessidades em glória, por Cristo Jesus.”

Ou de suas palavras de esperança com relação a um excelente servo de nome Onesíforo?

“O SENHOR conceda misericórdia à casa de Onesíforo, porque muitas vezes me recreou, e não se envergonhou das minhas cadeias. Antes, vindo ele a Roma, com muito cuidado me procurou e me achou. O Senhor lhe conceda que naquele dia ache misericórdia diante do SENHOR. E, quanto me ajudou em Éfeso, melhor o sabes tu.” (II Tm 1.16-18)

Não; o nosso Deus fiel não se esquecerá dos seus. Talvez uma das promessas mais conhecidas que representa a esperança suprema do cristão seja a de Apocalipse 21.1-4:

“E VI um novo céu, e uma nova terra. Porque já o primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe. E eu, João, vi a santa cidade, a nova Jerusalém, que de Deus descia do céu, adereçada como uma esposa ataviada para o seu marido. E ouvi uma grande voz do céu, que dizia: Eis aqui o tabernáculo de Deus com os homens, pois com eles habitará, e eles serão o seu povo, e o mesmo Deus estará com eles, e será o seu Deus. E Deus limpará de seus olhos toda a lágrima; e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor; porque já as primeiras coisas são passadas.”

E a de Apocalipse 22.3-5:

“E ali nunca mais haverá maldição contra alguém; e nela estará o trono de Deus e do Cordeiro, e os seus servos o servirão. E verão o seu rosto, e nas suas testas estará o seu nome. E ali não haverá mais noite, e não necessitarão de lâmpada nem de luz do sol, porque o Senhor Deus os ilumina; e reinarão para todo o sempre.”

E uma esperança magnífica, incrível, sólida nos vem dessas palavras imortais. Aconselho a todos a que as fixem bem. Haverá dias de ingratidão, e longas noites, mas essas promessas nos darão forças para prosseguir.

Mas, de todas as promessas de Deus, relacionadas com a sua fidelidade no cuidado de seus servos, existe uma que é a minha preferida – trata-se de Hebreus 6.10:

“Porque Deus não é injusto para se esquecer da vossa obra, e do trabalho do amor que para com o seu nome mostrastes, enquanto servistes aos santos; e ainda servis.”

Gosto do modo como a Bíblia Viva coloca isso:

“Porque Deus não é injusto. Como é que Ele pode esquecer-Se do trabalho incansável de vocês por Ele, ou esquecer-Se do modo pelo qual vocês costumavam mostrar o seu amor por ele – e ainda mostram auxiliando o Seus filhos?”

O autor estava-se dirigindo a crentes. A palavra amados, que aparece no verso anterior, nos mostra isso. E ele escreveu isso devido à sua preocupação com alguns daqueles cristãos do primeiro século, que tinham começado a esfriar e a desviar-se de Deus, não tendo mais uma comunhão íntima com ele. Então ele queria incentivá-los a ficar firmes, a continuar em frente, a saber que podiam contar com Deus para cuidar deles e recompensá-los de acordo com suas ações. Em outras palavras, ele queria lembrar-lhes a grande verdade que todos parecemos esquecer, quando os dias se tornam em uma rotina enfadonha: Deus é fiel. Empregou oito palavras para transmitir essa mensagem: “... Porque Deus não é injusto para ficar esquecido.”

O que queremos dizer ao falar que Deus é fiel? Isto significa que ele mantém firme a sua aliança com seu povo. Não nos deixará em dificuldades. Significa também que está firme com relação às suas promessas. Ele cumpre sua palavra. A fidelidade também sugere a idéia de lealdade; confiabilidade; constância; de uma pessoa resoluta, firme e coerente. Deus não é instável; com ele não há nada de atos temperamentais e variações de humor.

E depois o verso afirma que Deus se lembra de seus servos fielmente.

1. Ele se lembra de nosso trabalho – cada ato praticado.
2. E lembra-se também do amor interior que motivou o ato.

Ninguém nessa terra é capaz de fazer isso. Nós esquecemos, mas Deus se lembra. Nós vemos a ação praticada; Deus enxerga a intenção do coração. Assim sendo, ele é o melhor juiz que pode haver; o melhor “anotador” de registros. Somente ele é perfeito e sempre justo. Sevos, vocês estão em boas mãos, estando com o Todo-Poderoso.

Até mesmo o melhor dos servos se cansa. O desejo do Senhor é incentivar-nos para sermos diligentes e confiarmos nele, a despeito do que o servir exige de nós. E é por isso que o escritor sacro, antes mesmo que se seque a tinta do versículo 10, acrescenta:

“E nossa preocupação é que vocês continuem assim mesmo, amando os outros enquanto a vida durar, a fim de que recebam a sua recompensa completa. Então, sabendo o que está guardado para vocês lá adiante, vocês não se cansarão de ser cristãos, nem se tornarão espiritualmente insensíveis e indiferentes, mas estarão ansiosos para seguir o exemplo daqueles que recebem tudo quanto Deus lhes prometeu por causa do vigor de sua fé e da sua perseverança.” (Hb 6.11-12 – A Bíblia Viva)

Promessas relacionadas à Nossa Fidelidade

Existem diversos trechos do Novo Testamento que apresentam promessas de Deus para o servo fiel, mas três delas se destacam.

“Portanto, meus amados irmãos, sede firmes e constantes, sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que o vosso trabalho não é desperdiçado no Senhor.” (I Co 15.58)

Sublinhe a palavra “desperdiçado”. Essa frase é outra maneira de dizer que nosso “trabalho não é vão”.

“E não nos cansemos de fazer bem, porque a seu tempo ceifaremos, se não houvermos desfalecido. Então, enquanto temos tempo, façamos bem a todos, mas principalmente aos domésticos da fé.” (Gl 6.9-10)

Sublinhe “ceifaremos”.

“Servindo de boa vontade como ao Senhor, e não como aos homens. Sabendo que cada um receberá do Senhor todo o bem que fizer, seja servo, seja livre.” (Ef 6.7-8)

Sublinhe “receberá”.

Quando fizermos o que é preciso ser feito, mesmo sendo ignorados, incompreendidos ou esquecidos... podemos estar certos de que aquilo não foi em vão. Quando fizermos o que é certo, com a intenção certa, mesmo que não recebamos crédito por isso, nem reconhecimento, nem agradecimento... a promessa que Deus nos faz é que ceifaremos. Quando um servo qualquer presta um serviço, dá e se sacrifica, e depois voluntariamente se coloca de lado para que Deus receba toda a glória, a promessa de nosso Pai celeste é que ele receberá isso de volta.

Para sermos mais específicos, Deus organizou um sistema de “recompensas”, todo especial. Ele oferece aos servos recompensas tanto temporais como eternas.

Recompensas Temporais

Voltemos ao conhecido texto de II Co 4. Leiamos mais uma vez os versos 7 a 11:

“Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus, e não de nós. Em tudo somos atribulados, mas não angustiados; perplexos, mas não desanimados. Perseguidos, mas não desamparados; abatidos, mas não destruídos; Trazendo sempre por toda a parte a mortificação do Senhor Jesus no nosso corpo, para que a vida de Jesus se manifeste também nos nossos corpos; E assim nós, que vivemos, estamos sempre entregues à morte por amor de Jesus, para que a vida de Jesus se manifeste também na nossa carne mortal.”

Quero ser bem sincero com os leitores. Nuca vi, em nenhuma outra passagem, a verdade que Deus me mostrou na última parte deste trecho (vs.10 e 11), e que se segue imediatamente depois da descrição do que poderíamos chamar de “o lado doloroso do serviço” (vs.7-9). Vamos enfatizar bastante os versos 10 e 11, e para isso vejamos como eles foram traduzidos em outra versão:

“Todos os dias experimentamos algo da morte do Senhor Jesus no nosso corpo. Sim, todos os que vivemos, estamos expostos à morte, por amor de Jesus, a fim de que a vida de Jesus se manifeste claramente na nossa vida mortal.” (Cartas às Igrejas Novas)

Notou a recompensa temporal que se acha nesses versos? É a seguinte: a tranqüila certeza de que a vida de Cristo está sendo modelada em nós. Isso é um aspecto do que Paulo está dizendo, quando afirma: “para que também a sua vida (de Jesus) se manifeste em nosso corpo”,. Sinceramente, não conheço recompensa mais satisfatória e gratificante, do que sentir profundamente que nossos atos (e nossa motivação ao praticá-los) constituem visíveis manifestações de Cristo pra os outros.

E nesta mesma passagem há uma outra recompensa temporal.

“Gostaríamos que sentísseis como tudo isto se opera em benefício vosso, e como a graça de Deus quanto maior for, maior ação de graças redundará para a sua glória.” (v.15 – Cartas às Igrejas Novas)

Não é segredo algum. O Senhor revela abertamente que, quando assumimos o papel de servo, temos a satisfação de ver que um espírito de gratidão está sendo estimulado. E notemos que no versículo 15 Deus recebe a glória.

No capítulo 11, fiz menção do membro de nossa igreja que tranqüila e bondosamente lavou as vidraças de nossa casa. Sabe qual foi o sentimento que inundou nossa família durante todo aquele período de natal? Cada vez que olhávamos para uma daquelas vidraças, sentíamos brotar em nós um forte sentimento de gratidão.

Pensemos também no exaustivo trabalho da mãe de família com criancinhas pequenas. Desconheço outra tarefa mais ingrata que a de cuidar os filhos, dia a dia, semana a semana, mês após mês. Mas, mães escutem uma coisa. Se vocês tiverem um espírito de serva, isso afetará toda a família. E ainda há aquelas ocasiões em que vocês terão que ir além do dever.

Lembrei-me de um exemplo deste fato, quando li a extraordinária obra de Joyc Landorf, Mourning Song (Canção do Luto). Joyce é uma pessoa de nossa amizade. Já escreveu diversos livros excelentes, mas nenhum deles, em minha opinião, supera este corajoso e eloqüente relato da morte de sua mãe. Ao abordar a questão da dor e do sofrimento no hospital, Joyce narra a história de outra senhora, num relato profundamente significativo – uma mulher cuja vida ilustra muito bem o fato de que a pessoa pode mudar toda a atmosfera de um aposento. Leia essas linhas e procure sentir a emoção que há por trás das palavras de Joyce.

“As enfermeiras executam seu trabalho com uma fria indiferença. Dão o mínimo de atenção possível, e tocam os enfermos apenas quando estritamente necessário. Isso é muito triste, mas é consequência de aut-sonegação.

É como se estivessem realmente ouvindo a “canção do luto” e quisessem fugir apavoradas, não querendo escutar, tapando os ouvidos, para que sua mensagem não atravessasse as barreiras bem armadas que ergueram em torno de si.

Tenho visto crianças no estágio final de enfermidades graves, em diversos hospitais, e sei que realmente é muito desgastante trabalhar com elas. Entretanto, mesmo assim é muito triste deixar que a sonegação de nós mesmos nos prive de sentir, amar e nos interessar pela criança doente.

Meu colega de trabalho, o Dr. James Dobson, falou-me de uma senhora que se dispõe a reprimir o impulso de se sonegar, aceitou sua responsabilidade e preparou o filhinho para a morte, o que fez maravilhosamente:

Era uma senhora de cor, grandalhona, que mais lembrava uma mãe-preta do passado. Vinha todos os dias ao hospital, para visitar o filho de cinco anos, que sofria de câncer pulmonar, e se achava quase à morte.

Certo dia, pela manhã, antes de a mãe chegar, uma enfermeira escutou o garotinho dizer:

- Estou ouvindo os sininhos! Estou ouvindo os sininhos! Estão tocando!

E durante toda a manhã as enfermeiras e o pessoal dali ouviram-no repetir quilo.

Quando a mãe chegou, indagou de uma das enfermeiras como o filho havia passado, e ela replicou:

- Ah, ele está tendo alucinações! Talvez seja por causa do remédio, mas não diz coisa com coisa. Está sempre dizendo que está escutando os sininhos.

Então o belo rosto daquela mãe foi tomado por uma expressão de entendimento, e balançando o dedo no rosto da moça disse:

- Escute bem o que vou dizer. Ele não está tendo alucinações. E não está fora do juízo por causa do remédio, não. Faz algumas semanas eu disse a ele que, quando a dor do peito piorasse muito e não conseguisse respirar direito, isso queria dizer que ele iria partir. Queria dizer que em breve iria para o céu – e que quando a dor ficasse muito forte, ele olhasse para o cantinho do quarto, em direção ao céu – e procurasse ouvir os sininhos do céu, pois estariam tocando para ele.

E assim dizendo, desceu compassos firmes pelo corredor, enveredou pelo quarto do filho, retirou-o da cama e ficou a embalá-lo nos braços, até que o som dos sinos tocando não passasse de ecos distantes, e ele partiu.”

Ninguém me convencerá de que essa grande mulher com seu simples ato de ser mãe, não deixou aquele hospital diferente do que fora antes, depois que saiu dali. A função de servir pode parecer insignificante, mas, na realidade, tem um dinamismo todo seu.

Recompensas Eternas

Além das recompensas temporais associadas ao serviço, temos também as eternas. O próprio Cristo, quando instruíu os doze para uma vida de serviço,

prometeu-lhes uma recompensa eterna para quem desse um copo de água fria a outrem. Vejamos:

“Quem recebe um profeta em qualidade de profeta, receberá galardão de profeta; e quem recebe um justo na qualidade de justo, receberá galardão de justo. E qualquer que tiver dado só que seja um copo de água fria a um destes pequenos, em nome de discípulo, em verdade vos digo que de modo algum perderá o seu galardão.” (Mt 10.41-42)

Essas palavras nos ensinam que o “aprimoramento do serviço” começa com pequenas coisas. Começa com pequenas atenções – um abraço de compreensão a uma pessoa que está sofrendo, uma breve carta a alguém que está-se sentindo solitário, esquecido e abandonado, um copo de água fria para outro que está com os lábios ressequidos pelos ventos cálidos de um deserto árido, quando tudo parece inútil e sem valor. Deus observa atentamente todos esses esforços.

E essas palavras se revestem de um significado todo especial, quando lemos o conhecido relato de Mateus 25. Esta cena se passa na outra vida. O juiz está distribuindo as recompensas. Os servos que as recebem foram tão altruístas, que haviam se esquecido dos atos praticados. Mas o Senhor não os esquecera.

“E quando o Filho do homem vier em sua glória, e todos os santos anjos com ele, então se assentará no trono da sua glória; E todas as nações serão reunidas diante dele, e apartará uns dos outros, como o pastor aparta dos bodes as ovelhas; E porá as ovelhas à sua direita, mas os bodes à esquerda. Então dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai, possuí por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo; Porque tive fome, e destes-me de comer; tive sede, e destes-me de beber; era estrangeiro, e hospedastes-me; Estava nu, e vestistes-me; adoeci, e visitastes-me; estive na prisão, e fostes ver-me. Então os justos lhe responderão, dizendo: Senhor, quando te vimos com fome, e te demos de comer? ou com sede, e te demos de beber? E quando te vimos estrangeiro, e te hospedamos? ou nu, e te vestimos? E quando te vimos enfermo, ou na prisão, e fomos ver-te? E, respondendo o Rei, lhes dirá: Em verdade vos digo que quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes.” (Mt 25.31-40)

Coroas

Este capítulo ficaria incompleto, se deixasse de mencionar as “coroas” eternas que estão sendo preparada para o servo de Deus. Que estudo fascinante! Mas para nosso objetivo aqui, iremos mencionar apenas as coroas citadas no Novo Testamento, com uma breve explicação sobre cada uma. As coroas prometidas na Bíblia são pelo menos cinco.

1. A Coroa Incorruptível (ICo 9.24-27)

Esta recompensa é prometida àqueles que vencem a corrida da vida. Analisando os versos 26 e 27, isto é, o “esmurrar” do corpo, fica claro que esta recompensa será dada aos crentes que sempre conseguem dominar a carne, colocando-a debaixo do controle do Espírito Santo, não se deixando escravizar pela sua natureza pecaminosa. Em outras palavras, aqueles que praticam as verdades de Romanos 6.6-14.

2. A Coroa de Exultação (Fp 4.1; Its 2.19-20)

Essa coroa será aquela pela qual o galardoado regozijará e se gloriará. Esta é a coroa dos ganhadores de alma. Ela é reivindicada por Paulo, com relação a dois grupos de crentes que ele havia ganhado para Cristo Jesus e instruído no discipulado: os filipenses e tessalonicenses. O Senhor dará esta coroa àqueles que forem fiéis na pregação do evangelho, que ganharam almas para Cristo e as edificaram nele. E lembremos um fato – as recompensas dadas no dia do julgamento serão baseadas na qualidade das obras realizadas na terra, e não na quantidade (I Co 3.13).

3. A Coroa de Justiça (II Tm 4.7-8)

A coroa de justiça será dada àqueles que vivem cada dia na expectativa da iminente volta de Cristo... àqueles que vivem na terra tendo sempre em vista os valores eternos. Kenneth West consegue captar o sentido completo do versículo 8, expondo-o nas seguintes palavras:

“Para aqueles que sempre valorizam a sua vinda e que por conseguinte a amaram, e que por causa disso ainda estão mantendo essa atitude no coração, a esses o Senhor Jesus concederá a coroa da justiça, a ser dada ao vencedor.”

Aqueles que aguardam ansiosamente a sua volta, todos os dias, acham-se qualificados para receber esta coroa.

4. A Coroa da Vida (Tg 1.12)

Esse maravilhoso galardão está à espera daqueles que sofreram nobremente durante a vida terrena. O significado deste galardão não se acha relacionado apenas com as palavras suporta com perseverança a provação, mas também aos que o amam. Essa coroa não é prometida somente àqueles que passam por sofrimentos e provações... mas para aqueles que suportam essas provações e ao mesmo tempo amam ao Senhor. Portanto, o amor ao Senhor e o desejo de que ele seja glorificado nessas provações constituem um duplo motivo para que o crente suporte o sofrimento.

Aqueles que estiverem qualificados (e quem julga isso é o Senhor) receberão a coroa da vida.

5. A Coroa de Glória (I Pe 5.1-4)

Este galardão é prometido àqueles que fielmente pastoreiam “o rebanho de Deus”, de acordo com as exigências expressas nos versículos 2 e 3. Os pastores que cumprirem essas exigências (espontaneamente, com o tipo de dedicação que se dispõe a sacrifícios, humildade e vida exemplar) receberão esta coroa de glória.

E após o recebimento dessas coroas? O que virá? Vejamos Apocalipse 4.9-11:

“E, quando os animais davam glória, e honra, e ações de graças ao que estava assentado sobre o trono, ao que vive para todo o sempre, Os vinte e quatro anciãos prostravam-se diante do que estava sentado sobre o trono, e adoravam o que vive para todo o sempre; e lançavam as suas coroas diante do trono, dizendo: Digno és, Senhor, de receber glória, e honra, e poder; porque tu criaste todas as coisas, e por tua vontade são e foram criadas.” (Ap 4.9-11)

Que belíssima cena! Todos os servos de Deus se encontram diante de seu trono. E o que fazem eles? Passeiam pelo céu, exibindo cada um a sua coroa? Não. Separados uns dos outros, como orgulhosos pavões, ostentam seus troféus? Não. Os servos se inclinam em adoração, depois de haver depositado suas coroas perante o Senhor, num ato de adoração e louvor, atribuindo toda honra e glória ao único que merece o louvor – o Senhor Deus.

INCENTIVO AOS SERVOS

Neste capítulo, examinamos muitos textos da Bíblia. Começamos com a simples promessa de que Deus irá recompensar o servo, mas nos envolvemos numa análise detalhada do que, como, quando e por quê disso. Talvez agora, umas três ou quatro idéias possam ajudar-nos a colocar tudo na perspectiva certa.

Primeiro, todo ato de serviço – seja ele grande ou pequeno – será lembrado por Deus.

Segundo, ele observa com muito interesse o coração do servo – ele sabe do amor que motiva nossas ações.

Foi o conhecido escritor e pastor Charles Allen que relatou pela primeira vez a história de um garoto de nome John Todd, nascido em Rutland, Vermont, no início de 1800. Pouco depois do nascimento dele, a família se mudou para um povoado chamado Killingsworth. Ali, seus pais morreram quando ele contava seis anos de idade. Os filhos tiveram de ser distribuídos entre os parentes – e uma bondosa tia, que vivia a mais ou menos quinze quilômetros dali, dispôs-se a receber o pequeno John, para cuidar dele, dar-lhe um lar e amá-lo.

O rapaz viveu em sua companhia durante quinze anos, e só deixou-a quando foi estudar para se tornar pastor. O tempo passou e mais tarde ele se tornou famoso em seu ministério. Quando já estava na meia-idade, a tia, bem idosa, adoeceu gravemente. Compreendendo que a morte se aproximava, ela escreveu ao sobrinho, em grande aflição. Sua patética carta continha algumas perguntas que todos nós iremos fazer algum dia: “Com é a morte? Será ela o fim de tudo?” As trêmulas linhas de sua missiva denunciavam seu medo e incerteza.

Movido de compaixão e dominado pelas recordações do passado, ele escreveu à tia a seguinte resposta, com desejo de tranquilizá-la:

“Já se passaram trinta e cinco anos desde que eu, um garotinho de seis anos, fiquei sozinho no mundo. A senhora mandou-me dizer que iria dar-me um lar e ser uma boa mãe para mim. Nunca me esquecerei daquele dia em que fiz a longa viagem de 15km até sua casa em North Killingsworth. Ainda me lembro do sentimento de decepção que tive, quando a senhora mandou Caesar, o seu criado negro, para me apanhar, em vez de vir pessoalmente. Ainda me recordo das lágrimas que chorei e da aflição que sentia, empoeirado lá no alto daquele cavalo, agarrado a Caesar, cavalgando para minha nova casa. Antes que chegássemos ao nosso destino, anoiteceu, e me senti sozinho, com muito medo.

- Será que ela vai dormir antes de eu chegar? Perguntei a Caesar muito aflito.

- Ah, não, respondeu tranquilizando-me. Ela vai ficar acordada para esperá-lo. Quando acabarmos de atravessar essas árvores, você irá avistar a vela brilhando na janela.

Daí a pouco realmente saímos do meio do bosque e, era verdade, lá estava a sua vela. Lembro-me da senhora aguardando-me à porta, estendendo os braços para mim e envolvendo-me para me ajudar a descer do cavalo – um garotinho cansado e confuso. A senhora havia acendido um belo fogo na lareira, e uma janta quentinha me esperava no fogão. Depois de jantar, levou-me para meu novo quarto, e ficou junto de mim enquanto fazia minha oração, permanecendo a meu lado até que caí no sono.

Provavelmente, a senhora já compreendeu por que estou relembando tudo isso. Muito breve, Deus irá mandar buscar a senhora, para levá-la ao seu novo lar. Não tenha medo de seu chamado, nem da estranha viagem, nem de seu escuro mensageiro, a morte. Pode confiar em que ele fará pela senhora o mesmo que tão bondosamente fez por mim há tantos anos. Ao final da jornada encontrará amor e acolhida, e estará segura aos cuidados de Deus. Ficarei vigiando e orando pela senhora até que a perca de vista, e depois vou esperar pelo dia em que eu também farei essa mesma viagem, e a encontrarei ao final da estrada para me receber.”

Não consigo ler estas linhas sem lutar contra as lágrimas. Não se trata apenas de uma belíssima história real, mas é a esperança de todos os que servem. E esse é o modo como acontecerá conosco. É a frase: “Muito bem, servo bom e fiel” que escutaremos. Como bem diz a carta, estamos sendo esperados lá. Ele está-nos aguardando para nos dar as boas-vindas. Jesus Cristo promete uma recompensa a todos os que o servem, e que se colocam na mesma posição que ele ocupou há muitos, muitos anos atrás. E podemos ter certeza de que vai cumprir sua promessa.

CONCLUSÃO

A arte de servir é praticada por poucos e dominada por pouquíssimos. Mas neste mundo agitado da década de 80 isto não deveria surpreender-nos. É mesmo muito difícil cultivar um coração de servo em meio a uma sociedade caótica, dominada

por objetivos egoístas. E a maior tragédia de uma existência assim é o que ela gera: uma mentalidade independente, auto-suficiente, que se rege pela lei da vitória do mais forte. E ao contemplar o futuro, não vejo a menor esperança de que isso possa mudar. Isto é, nenhuma esperança no mundo. Embora isso possa parecer terrível, a verdade é que nos achamos num curso de colisão, e os passageiros da nave Terra estão confusos e solitários. E alguns estão abertamente irritados.

A solução que muitos deles oferecem é carregada de cinismo: “Olhe aqui, ninguém conseguirá mudar o mundo. Então o melhor a fazer é lutar para obter o lugar mais alto possível, manter-se ali e permanecer com a boca fechada”. Estamos cercados de pessoas que adotam essa filosofia. Tenho de reconhecer que, nos momentos de aflição e confusão, sou tentado a dar ouvidos a este conselho. E muitas vezes os que assim agem realmente obtêm o sucesso desejado – o que confere ainda mais peso a essas palavras.

Mas essa filosofia no fundo não satisfaz. O homem não foi criado para viver dessa maneira, tratando os outros assim. Tem que haver outro modo de se entrar na eternidade, que não seja com essa frieza de coração, com as mãos vazias e quase sem fôlego!

E há. É sobre ele que venho falando nestes 13 capítulos.

Mas como o leitor já deve ter percebido, os princípios que venho apresentando precisam ser aplicados a partir de nosso interior. São totalmente diferentes de tudo o que dizem os superastros e celebridades, gente que subiu por esforço próprio, e cujo modo de vida não é compatível com o conceito de servo. Mas certamente o leitor é diferente. Se não o fosse, não teria lido até aqui. A menos que eu esteja muito enganado, você está cansado de levar uma vida artificial. Deseja ser uma força para o bem, neste mundo maligno; um indivíduo autêntico, neste mundo de hipocrisias. Está cansado de ficar apenas criticando o que acontece à sua volta; quer participar da solução e não do problema. E com certeza apreciará, como eu aprecio, as seguintes palavras de um velho sábio:

“Temos um novo problema no país. Estamos nos tornando uma nação dominada por grandes instituições – igrejas, negócios, governo, sindicatos, universidades – e essas instituições não nos estão servindo como deviam. Espero que todos se interessem por esse problema. Cada um pode fazer o que estou fazendo – ficar de fora e criticar, pressionar se puder, escrever e discutir. E isso pode dar algum resultado. Mas não acontecerá nada de verdadeiramente importante, se não houver pessoas no lado de dentro dessas instituições que possam (e queiram) levá-las a uma atuação melhor, para o bem geral. Alguns de vocês devem procurar fazer carreira dentro dessas grandes instituições, para tornar-se nelas uma força para o bem – a partir do seu interior.”

Em todo esse livro, tenho dito e reafirmado a mesma coisa, o ponto essencial de tudo isso: como Jesus Cristo, o Filho de Deus, assumiu o papel de servo, nós também devemos fazê-lo. O único Homem que poderia ter feito qualquer coisa, consciente e voluntariamente, tomou a decisão de ser servo, de dar de si mesmo.

Então, se desejamos nos tornar cada vez mais semelhante a Cristo (e este ainda é nosso objetivo, não é?), temos também que dar de nós mesmos e servir.

Já se escreveu bastante sobre este assunto. Está na hora de colocarmos em prática estes princípios e palavras... de colocá-los à prova no lugar onde trabalhamos, vivemos e nos divertimos. Se funcionarem nessas situações, então as verdades contidas neste livro não terão dificuldade em se impor, e resistir àqueles que dizem:

- Isso não dá certo; não perca seu tempo.

Mas, se elas não produzirem homens e mulheres que reflitam neste mundo a vida de Jesus Cristo, então estou seriamente enganado.

O tempo irá provar o valor dessas verdades sobre como ser um verdadeiro servo. Que o nome de Deus possa ser glorificado à medida em que nos consagramos novamente ao propósito de aprimorar a maneira como servimos, de cultivar a arte do viver altruísta e de dar de nós mesmos aos outros.

Como Jesus Cristo o fez.